

PATRÍSTICA

**SANTO
AGOSTINHO**

Retratações



SANTO AGOSTINHO

RETRATAÇÕES



SUMÁRIO

Capa
Folha de rosto
Apresentação
Introdução
Prólogo
Livro 1
Livro 2
Coleção
Ficha catalográfica
Notas

APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 1940, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos, conhecidos tradicionalmente como “Padres da Igreja”, ou “santos Padres”, e suas obras. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção “Sources Chrétiennes”, hoje com centenas de títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de “voltar às fontes” do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras desses autores antigos, pouco se fez. A Paulus Editora procura, agora, preencher esse vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as “fontes” do cristianismo, para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. A Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos, não exaustiva, cuidadosamente traduzida e preparada, dessa vasta literatura cristã do período patristico.

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar as anotações excessivas, as longas introduções, estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infundas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém séria.

Cada obra tem uma introdução breve, com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra, suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos devem-se ao fato de que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patristica e Padres ou Pais da Igreja. O termo “patrologia” designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos Pais da Igreja. Ela se interessa mais

pela história antiga, incluindo também obras de escritores leigos. Por “patrística” se entende o estudo da doutrina, das origens dela, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico, e da evolução do pensamento teológico dos Pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão “teologia patrística” para indicar a doutrina dos Padres da Igreja, distinguindo-a da “teologia bíblica”, da “teologia escolástica”, da “teologia simbólica” e da “teologia especulativa”. Finalmente, “Padre ou Pai da Igreja” se refere a escritor leigo, sacerdote ou bispo, da Antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunha particularmente autorizada da fé. Na tentativa de eliminar as ambiguidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como “Pai da Igreja” quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e Antiguidade. Mas os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e Antiguidade são ambíguos. Não se espera encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de Antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a Antiguidade se estende um pouco mais, até a morte de São João Damasceno (675-749).

Os “Pais da Igreja” são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda a tradição posterior. O valor dessas obras que agora a Paulus Editora oferece ao público pode ser avaliado neste texto:

Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar esse fim. [...] Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem-disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual (B. Altaner e A. Stuiber, Patrologia, São Paulo: Paulus, 1988, p. 21-22).

A Editora

INTRODUÇÃO

Nudez e simplicidade;^[1] exame de consciência e senso de responsabilidade diante de Deus e do próximo;^[2] texto que, se não existissem outras obras agostinianas, ainda assim nos daria a conhecer a alma de Agostinho.^[3] Essas são expressões referidas às *Retractationes* e seu autor que nos dão uma ideia de seu significado e que permitem entender por que é classificada como obra autobiográfica, mesmo se não como esperaríamos. Aliás, nem mesmo as *Confessiones* o são como esperaríamos. “[C]omo que uma continuidade natural das *Confessiones*”,^[4] que são a retratação da vida, as *Retractationes* são as confissões do progresso intelectual-espiritual.

As *Retractationes* revelam, de fato, o percurso intelectual e espiritual de Agostinho de Hipona – para quem conhecimento intelectual e espiritualidade são inseparáveis –, seu progresso, sua seriedade e sinceridade na busca da Verdade: não lhe basta perscrutar-se a si mesmo, perscrutar as escrituras e escrever, responder a múltiplos pedidos que reclamavam sua competência na exposição e defesa da doutrina cristã; deve fazê-lo à luz da verdade – que garante a possibilidade de que sua experiência seja mesmo útil para outros e que é superior a qualquer possível pretensão de realizações passadas e a qualquer ego desejoso de defendê-las ou defender-se –, sem omitir os equívocos, que parte de um longo percurso de investigação e progresso, sem a pretensão da perfeição.^[5] Aqui já se entreveem os objetivos das *Retractationes*: Agostinho quer julgar-se aos pés do Único Mestre^[6] – outro nome da Verdade –, diante do qual não é possível pôr-se sem alguma retratação, particularmente quando o ego quer acrescentar à Verdade o que é seu; quer corrigir-se objetiva e publicamente para ser lido, de fato, com proveito, para que se imitem seus progressos, não seus erros, e, por isso, quer ser lido na ordem em que se deu seu progresso.^[7]

Tais objetivos, que ele diz serem de outrora,^[8] despertam por volta de 412^[9] e concretizam-se em Hipona, parcialmente,^[10] por volta de 427; período em que Agostinho está ocupado principalmente em duas frentes polêmicas: com Juliano de Eclano e com os monges marselheses. Assim, concluídos os dois livros de suas *Retractationes*, embora Agostinho não saiba se ainda publicará algo,^[11] consegue, contudo, fazê-lo. Há, portanto, obras posteriores e que, por isso, não tiveram sua recensão feita: o livro do *Speculum*, o livro *De praedestinatione sanctorum* e o livro *De dono perseverantiae*, dedicados aos monges marselheses; os dois livros *De haeresibus*, obra solicitada por Quodvultdeus; os dois livros *Contra Maximinum* – polêmicos, mas não ligados às polêmicas em andamento – e os seis livros *Contra Iulianum opus imperfectum*, interrompidos pela morte do autor.

As referências às *Retractationes* em *De praedestinatione sanctorum* 7 e 8 e em *De dono perseverantiae* 27 e 44 confirmam o caráter corretivo do título, expresso no *prologus*^[12] da obra, e refletem o projeto inicial do Hiponense.^[13]

Nos dois livros que compõem as *Retractationes*, precedidos do Índice, constam as obras publicadas antes (livro 1) e depois (livro 2) do episcopado. Talvez essa mesma

divisão seria empregada na recensão das cartas e das homilias, às quais poderia aplicar-se também o esquema usado para as obras, que, em geral, tem uma apresentação do título, descrição de sua origem, número de livros ou capítulos, dedicatória ou destinatário, o conteúdo sublinhado ou o erro, estrutura e organização da obra – no caso das maiores –, sua revisão ou explicação e as palavras com que cada obra tem início.^[14] Por isso, a leitura de cada obra de Agostinho deveria ser antecedida pela leitura das *Retractationes*, que – com as devidas ressalvas – bem se prestam a uma sua introdução.

PRÓLOGO

1 Há muito tempo venho pensando e planejando o que agora, com a ajuda do Senhor, estou empreendendo, pois creio que não devo diferi-lo por mais tempo, e assim examinar com certo rigor meus opúsculos, quer se trate de livros, ou de tratados, ou de cartas; e o que me desagrade eu o assinale com um ponteiro de censor. Pois ninguém, a não ser um imprudente, ousaria repreender-me pelo fato de eu censurar meus erros. Mas aquele que diz que eu não deveria dizer o que depois também me desagradaria está com a razão e está de acordo comigo. Com efeito, ele reprova as mesmas coisas que eu, mas eu não deveria reprovar tais coisas, ao ter o dever de dizê-lo.

2 Mas cada um aceite como quiser o que estou fazendo; contudo, nesse assunto, foi mister que eu tivesse em conta aquela sentença apostólica que diz: “Se nos examinássemos, não seríamos julgados”.^[1] O que também está escrito: “Nas muitas palavras não falta ofensa”^[2] amedronta-me muito, não porque tenha escrito muitas coisas ou porque muitas coisas que não foram ditadas por mim, contudo, foram registradas como se eu as tivesse dito – longe de mim considerar tagarelice o que se diz sendo necessário –, mas devido ao fato de ter medo dessa sentença da santa Escritura, porque, entre tantas discussões minhas, pode-se, sem dúvida, recolher muitas que, se não são falsas, podem certamente parecer ou também ser consideradas como não necessárias. Mas a qual de seus fiéis Cristo não atemorizou, quando disse: “De toda palavra inútil que os homens disserem, darão contas no Dia do Juízo”.^[3] Daí ter dito também o apóstolo Tiago: “Que seja cada um de vós pronto para ouvir, mas tardio para falar”.^[4] E em outra passagem: “Não queirais ser todos mestres, pois sabemos que estamos sujeitos a mais severo juízo, porque todos nós tropeçamos frequentemente. Aquele que não tropeça no falar é realmente um homem perfeito”.^[5]

Eu nem agora me atribuo essa perfeição, embora seja velho, quanto menos quando, sendo jovem, comecei a escrever ou a falar ao povo; e atribuíam a mim tanta responsabilidade que em qualquer parte em que fosse preciso falar ao povo, estando eu presente, muito raramente me era permitido ficar em silêncio e ouvir os outros, e “ser pronto para ouvir, mas tardio para falar”. Resta, portanto, que eu mesmo me julgue diante do único Mestre,^[6] cujo juízo sobre meus deslizes desejo evitar. Contudo, considero que muitos chegam a ser mestres quando pensam coisas diversas e contrárias entre si. Mas quando todos afirmam a mesma coisa,^[7] dizem a verdade, não se distanciam do magistério do único mestre verdadeiro. Mas injuriam-no não quando transmitem muitas coisas a respeito dele, mas quando acrescentam suas próprias.^[8] Desse modo, incidem não só em palavreados, mas também em falsidade.

3 Sem embargo, aprouve-me escrever esta obra para a entregar nas mãos das pessoas das quais não posso reclamar, para ser corrigido o que já publiquei. Não vou omitir, também, o que escrevi sendo ainda catecúmeno, embora tivesse abandonado a

esperança terrena que acalentava, mas estando ainda inchado pelo hábito da literatura mundana; pois esses escritos chegaram ao conhecimento dos copistas e de leitores, e podem ser lidos com proveito, se se desculpam seus deslizes, ou, se não se desculpam, não se aceite o que está errado. Por isso, todo aquele que ler estes escritos não me imite nos erros, mas em meu progresso para melhor. Talvez qualquer um que ler estes meus opúsculos, na ordem em que foram escritos, perceberá como progredi ao escrevê-los. E para que isso possa comprová-lo, cuidarei, na medida do possível, de que venham na mesma ordem nesta obra.

LIVRO 1

1. Contra os acadêmicos^[1]

três livros

1 Depois de ter abandonado ou o que havia conseguido ou o que ambicionava conseguir no tocante às vaidades deste mundo, ainda não batizado, e me tivesse entregado ao ócio da vida cristã, escrevi primeiramente contra os acadêmicos ou sobre os acadêmicos, com a finalidade de afastar de meu espírito seus argumentos com maior número possível de razões, pois também a mim me preocupavam esses argumentos, pois levam muitos à falta de esperança de encontrar a verdade e proíbem a qualquer um de assentir à verdade, e ao sábio, de acolher algo como manifesto e evidente, visto que tudo lhes parece obscuro e incerto. Isso foi feito graças à misericórdia e à ajuda do Senhor.

2 Mas nos mesmos três livros não me agrada ter mencionado tantas vezes a Fortuna, ^[2] embora não tivesse intenção de referir-me com este nome a alguma deusa, mas aos acontecimentos fortuitos, seja com relação às coisas boas ou más de nosso corpo ou exteriores a ele. Eis os termos que nenhuma religião proíbe empregar: “talvez, quiçá, por acaso, fortuitamente”, os quais, contudo, devem dizer referência à divina Providência. E eu não omiti esse pormenor, ao dizer: “Com efeito, talvez o que vulgarmente se denomina fortuna seja governado por uma ordem oculta, e o que denominamos acaso nos acontecimentos nada mais seja senão aqueles cuja razão e causa são ocultas”.^[3] Sem embargo, eu o disse, mas arrependo-me de ter mencionado ali o termo “fortuna”, tendo percebido que as pessoas têm o péssimo costume de dizer: “O destino o quis”, em vez de dizer: “Deus o quis”.

O que afirmei em outra passagem: “Assim está determinado, ou por nossos méritos ou por exigência da natureza, que o porto da filosofia jamais seja alcançado por uma alma divina apegada às coisas mortais” etc.,^[4] ou não deveria ter empregado nenhuma das duas expressões, visto que mesmo assim o sentido seria completo e bastaria dizer: “Por nossos méritos”, já que é verdade devido à miséria herdada de Adão, e não precisaria ter acrescentado: “ou por exigência da natureza”, visto que a triste condição de nossa natureza teve origem nos merecimentos da iniquidade original.

E também ao que ali afirmei: “Não deve ser de forma alguma cultuado, deve-se rejeitar tudo o que veem os olhos mortais, tudo o que é atingido por qualquer sentido”,^[5] deveria ter acrescentado estas palavras e dizer: “Tudo o que é atingido por qualquer sentido do corpo mortal”, pois nesse corpo há também o sentido da mente.^[6] Mas eu me expressava de acordo com o costume daqueles que atribuem sentidos somente ao corpo e denominam sensível somente o corporal. Por isso, em todas as passagens, em que assim me expressei, é pouco evitar-se o duvidoso, a não ser a respeito daqueles que têm o costume de assim se expressar.

E o que eu disse: “O que considerarás viver felizmente, senão viver em conformidade com o que o homem possui de mais nobre?”.^[7] O que afirmei: “Com o que o homem possui de mais nobre”, explicando um pouco depois, eu disse: “Quem duvidará de que nada há melhor no ser humano do que a parte da alma a cuja ordem é mister obedecer todo o restante existente no ser humano? Essa parte, para que não solicites outra definição, pode denominar-se mente ou razão”.^[8] Isso é verdade, pois no tocante à natureza do homem, nada há melhor que a mente e a razão; mas não deve viver segundo a natureza daquele que deseja viver bem; com efeito, desse modo vive segundo o homem e, no entanto, deve viver segundo Deus,^[9] para ser capaz de chegar à felicidade; para alcançá-la, não deve estar satisfeito consigo mesmo, mas nossa mente deve submeter-se a Deus.

E, também, respondendo a meu interlocutor, afirmei: “Certamente não estás equivocado; desejaria prazerosamente que o prognóstico te fosse útil para o futuro”.^[10] Não o disse para valer, mas por gracejo; contudo, não gostaria de usar aquele termo. Pois não me recordo de tê-lo visto nem em nossas sagradas Escrituras, nem pronunciado por algum tratadista eclesiástico, embora se denomine “abominação” a que se encontra frequentemente nos livros divinos.

3 No segundo livro, é totalmente inútil e sem sentido aquele tipo de fábula sobre a filocalia e a filosofia “como gêmeas e procriadas pelo mesmo pai”.^[11] Pois, ou a chamada filocalia situa-se entre as coisas mentirosas e assim, em qualquer hipótese, deixa de ser irmã gêmea da filosofia, ou, se deve ser respeitada porque em latim esse nome significa o amor à beleza, designa então o mesmo que a filosofia nas coisas incorpóreas e sublimes; mas não são irmãs, de forma alguma.

Em outra passagem, ao tratar da alma, eu disse: “Regressará mais segura ao céu”.^[12] Mas deveria ter dito: “irá” melhor que regressará, porque alguns pensam que as almas humanas, caídas ou lançadas do céu devido a seus pecados, são desalojadas para compor nossos corpos. Mas não duvidei em assim me expressar pelo fato de ter dito ao céu, como se dissesse “a Deus”, o qual é o autor e criador, do mesmo modo como o bem-aventurado Cipriano não hesitou em dizer: “Como possuímos o corpo originário da terra, e a alma, do céu, somos terra e céu”. E no livro do Eclesiastes está escrito: “Antes que o pó volte à terra de onde veio e o sopro volte a Deus, que o concedeu”.^[13] Isso se deve entender de modo a não contrariar o Apóstolo, que diz: os não nascidos nada fizeram de bom e de mal.^[14] Sem qualquer discussão, a pátria original da bem-aventurança é o próprio Deus, que não a gerou de si mesmo, mas a criou do nada, como outras coisas, assim como da terra criou o corpo.^[15] Pois, no tocante à sua origem, como está no corpo, não sabia então nem ainda sei se procede do que foi criado em primeiro lugar, quando foi criado como homem para possuir uma alma viva,^[16] ou se cada uma é criada do mesmo modo para cada um.

4 No terceiro livro, disse: “Se perguntas sobre o meu parecer, julgo que o sumo bem do ser humano reside na mente”.^[17] Diria com mais exatidão: “em Deus”, pois a mente goza de Deus para ser feliz como que em seu maior bem. Também não me agrada o que afirmei: “É lícito jurar por tudo o que é divino”.^[18]

O mesmo a respeito do que disse em relação aos acadêmicos, que conheciam a verdade, cuja semelhança denominam verossimilhança, e o verossímil, que eles aceitavam, eu denominei falso;^[19] não está bem expressado por duas razões: ou porque seria falso o que em algum aspecto seria semelhante ao verdadeiro, pois isso em seu gênero já é verdadeiro, ou porque aceitavam essas falsidades que eles denominavam verossimilhanças e, no entanto, nada aceitavam e afirmavam sobre o que o sábio não aceita. Mas porque ao verossímil denominavam provável, foi ocasião de eu falar assim a respeito deles. Do mesmo modo, o elogio com o qual exaltei Platão, ou os filósofos platônicos, ou os acadêmicos desagradou-me, não sem razão, principalmente porque é preciso defender a doutrina cristã contra tão grandes erros da parte deles. Também o que disse: em comparação aos argumentos de Cícero, dos quais se utilizou em seus livros acadêmicos, afirmei que os meus eram ninharias,^[20] com os quais refutei tais argumentos de modo irretorquível, embora tenha dito isso a modo de gracejo e mais como ironia; contudo, não devia dizê-lo.

Comecei esta obra assim: *O utinam, Romaniane, hominem sibi aptum.*

2. *A vida feliz*^[21]

livro único

O livro *A vida feliz*, eu o escrevi não depois dos livros sobre os acadêmicos, mas num intervalo em que os escrevia. Pois nasceu por ocasião de meu aniversário natalício e ficou terminado depois de três dias de discussões, como o mesmo o indica muito bem.^[22] Nesse livro, estabeleceu-se entre nós, que juntos investigávamos, que a vida feliz não é senão o conhecimento de Deus.^[23] Desagrada-me, no entanto, o fato de ter elogiado mais do que devia a Mânlio, a quem dediquei o livro, embora se tratasse de um homem douto e cristão;^[24] e ter mencionado muitas vezes também a Fortuna,^[25] e por ter dito que a vida feliz, durante o tempo desta vida, reside apenas na alma do sábio, qualquer que seja a condição do corpo,^[26] visto que o Apóstolo espera o perfeito conhecimento de Deus, ou seja, o maior que o homem pode possuir,^[27] tão só na vida futura, a única vida que merece o nome de feliz, quando também o corpo incorruptível e imortal se submeterá a seu espírito sem qualquer dificuldade ou resistência.

Na verdade, encontrei este livro inacabado no meu manuscrito e possuí algumas falhas; desse modo foi copiado pelos irmãos e não encontrei nenhum exemplar completo para poder corrigi-lo, quando me retratei sobre seu conteúdo.

Esse livro começa assim: *Si ad philosophiae portum* [Se ao porto da filosofia].

3. *A ordem*^[28]

dois livros

1 Na mesma época, escrevi também dois livros sobre *A ordem*, no intervalo dos escritos sobre os acadêmicos. É importante a questão de que neles se trata, ou seja, se a ordem da divina Providência abrange todas as coisas boas e más. Ao perceber que o assunto era difícil de ser compreendido, e muito mais difícil para a percepção daqueles com os quais dele tratava, preferi deixar de discutir e preferi falar da ordem no aprender, com a qual se pode progredir do que é corporal para o não corporal.

2 Mas, nestes livros, desagrada-me também ter intercalado muitas vezes o termo “fortuna”.^[29] E por não ter acrescentado “do corpo”, ao mencionar os sentidos corporais.^[30] E por ter dado muita importância às disciplinas liberais,^[31] ignoradas por muitas pessoas santas, e alguns, que as conhecem, não são santos.^[32] E por ter mencionado as Musas como deusas, embora tivesse sido por gracejo.^[33] E por ter denominado vício a admiração.^[34] E por ter afirmado que os filósofos tinham brilhado, embora não tivessem sido dotados de piedade. E porque endosseï a doutrina dos dois mundos, um sensível e outro inteligível, não pela autoridade de Platão ou dos platônicos, mas pela minha própria, como se o Senhor também o tivesse insinuado, pois não disse: “Meu Reino não é do mundo”, mas: “Meu Reino não é daqui [deste mundo]”,^[35] pois podia encontrar como afirmado em outro sentido; se o Senhor quis insinuar outro mundo, podia entender-se com mais exatidão o mundo em que haverá novo céu e nova terra, ao se realizar o que pedimos: “Venha o teu Reino”.^[36] O próprio Platão não errou a esse respeito porque afirmou haver um mundo inteligível, se quisermos considerar não o termo, o qual não foi empregado pelo costume eclesiástico com relação àquela realidade, mas a própria realidade. Pois ele denominou mundo inteligível a própria razão sempiterna e imutável pela qual Deus criou o mundo. Quem nega que ela existiu admite como consequência que Deus fez de modo irracional o que fez; ou ao criá-lo, ou antes de criá-lo, não sabia o que estava fazendo, pois nele não havia uma razão para criá-lo. Mas se havia, como de fato havia, parece que esse é o mundo inteligível de acordo com Platão. Contudo, não empregariamos esse termo, se já estivéssemos bastante instruídos na literatura eclesiástica.

3 Também não me agrada que, depois de ter dito: “É necessário empenhar-se ao máximo em adquirir ótimos costumes”, eu acrescentei: “Pois nosso Deus não poderá, de outra maneira, ouvir-nos; mas ouvirá com muita facilidade os que vivem bem”.^[37] Pois isso quer dizer que Deus não ouve os pecadores, o que alguém disse segundo o Evangelho, mas alguém que ainda não conhecia a Cristo, pelo qual já fora iluminado no corpo.^[38] E também não me agrada o elogio tão exagerado ao filósofo Pitágoras,^[39] pois o que o ouvir ou ler poderá pensar que eu cheguei a crer não haver nenhum erro na doutrina pitagórica, havendo muitos e estes, capitais.

Esta obra começa assim: *Ordinem a rerum, Zenobi.*

4. *Solilóquios*^[40]

dois livros

1 Na mesma ocasião, escrevi também dois volumes, de acordo com o meu desejo e amor por indagar a verdade, sobre o que mais desejava saber, interrogando-me e respondendo-me, como se fôssemos duas pessoas, a razão e eu, apesar de estar sozinho. Por isso, denominei esta obra *Solilóquios*, mas ficou incompleta; de tal modo que, no primeiro livro, se investigasse e aparecesse de qualquer maneira como deve ser aquele que deseja perceber a sabedoria, que se percebe não certamente pelo sentido corporal, mas pela mente, e, no final do livro, concluí com um raciocínio, afirmando que é imortal o que é verdadeiro. Mas, no segundo livro, se trata amplamente sobre a imortalidade da alma, mas não se termina.

2 Não aprovo nestes livros o que eu disse na oração: “Deus, que quiseste que somente os puros conheçam a verdade”.^[41] Pois poder-se-ia responder-me que muitos, mesmo não puros, sabem muitas coisas verdadeiras, pois não ficou definido o que é a verdade, que somente os puros são capazes de conhecer, e o que é conhecer. E o que ali está registrado: “Ó Deus, cujo Reino é o mundo inteiro, a quem o sentido ignora”,^[42] se se refere a Deus, deveria ter acrescentado palavras e assim dizer: “a quem o sentido do corpo mortal ignora”. Mas se se refere ao mundo que o sentido ignora, entende-se perfeitamente como referente ao novo e à nova terra,^[43] mas deveriam também ser acrescentadas palavras, como se dissesse: “sentido do corpo mortal”. Mas eu falava ainda de acordo com aquele costume pelo qual “sentido” é denominado com propriedade como próprio do corpo; e não é preciso repetir o que já se disse anteriormente a esse respeito,^[44] mas é preciso recordá-lo todas as vezes que essa expressão se encontra em meus escritos.

3 E onde eu disse sobre o Pai e o Filho: “Aquele que gera e a quem gera é um”,^[45] deveria dizer: “são um”, como a própria Verdade o diz claramente: “Eu e o Pai somos um”.^[46] E também não me agrada ter dito que a alma já é feliz tendo conhecido a Deus nesta vida,^[47] a não ser que seja pela esperança.^[48] Da mesma forma o que afirmei: “Não se encontra apenas um caminho para a aquisição da sabedoria”^[49] não soa bem, como se houvesse outro caminho além de Cristo, que disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”.^[50] Era preciso evitar essa ofensa aos ouvidos religiosos, embora seja aquele o caminho geral, mas há outros caminhos sobre os quais cantamos no salmo: “Mostra-me teus caminhos, Iahweh, ensina-me tuas veredas”.^[51]

Também, com relação ao que ali foi dito: “Essas coisas sensíveis devem-se evitar radicalmente”,^[52] deveria ter cuidado de que não se pensasse que eu aceitava aquela sentença do pseudofilósofo Porfírio, na qual ele disse: “Deve-se fugir de todo corpo”. Mas eu não disse: “todas as coisas visíveis”, mas estas, ou seja, as corruptíveis; contudo, deveria ter dito melhor: “Mas essas coisas sensíveis não existirão no novo

céu e na nova terra do mundo futuro”.^[53]

4 Da mesma forma, eu disse numa passagem que “os instruídos nas disciplinas liberais as extraem pela aprendizagem, estando, sem dúvida, sepultadas pelo esquecimento e, de certo modo, as desencavam”.^[54] Mas rejeito também isso, pois é mais acreditável que mesmo os não instruídos nelas respondem coisas verdadeiras sobre algumas disciplinas, quando lhes fazem perguntas cabíveis, pelo fato de que lhes assiste a luz da razão eterna, na medida em que a podem captar,^[55] onde contemplam essas verdades imutáveis; não porque as conheciam antes e se esqueceram, conforme a opinião de Platão ou de seus seguidores. Contrariando essa opinião, sempre que surgiu uma oportunidade, discorri no duodécimo livro sobre a Trindade.^[56] Esta obra começa assim: *Volventi mihi multa ac varia mecum* [Revolvia eu muitos e diversos pensamentos].

5. *A imortalidade da alma*

livro único

1 Depois dos livros dos *Solilóquios*, tendo regressado do campo a Milão, escrevi um livro sobre *A imortalidade da alma*, o qual quisera que me deixasse de sobreaviso a fim de terminar os *Solilóquios* que estavam incompletos. Mas não sei como, contra a minha vontade, caiu nas mãos das pessoas e é mencionado entre meus opúsculos. Ele é de tal modo complicado pela obscuridade e brevidade dos raciocínios que chega a cansar-me, quando o leio, e eu mesmo quase não o compreendo.

2 Em nada pensando, a não ser nas almas dos homens, afirmei numa argumentação do mesmo livro: “Não pode haver ciência alguma em quem nada sabe”. E em outra passagem: “A ciência não compreende nenhuma realidade a não ser o que se relaciona com alguma disciplina”,^[57] e não me veio à mente que Deus não adquire ciência e tem ciência de todas as coisas, a qual envolve a presciência das coisas futuras.

Do mesmo modo, o que ali foi dito: “Que não há vida racional a não ser numa alma”,^[58] pois nem em Deus há vida sem a razão, ao estar nele a vida em plenitude e a razão suprema. E o que afirmei mais acima: “O que se entende é sempre do mesmo modo”,^[59] como também a alma é entendida, não é certamente do mesmo modo. Mas o que eu disse: “Que por isso a alma não pode se separar da eterna razão, porque não lhe adere a modo de estar num lugar”,^[60] não o teria dito, sem dúvida, se, então, estivesse tão instruído nas sagradas Escrituras que teria recordado o que está escrito: “Foram as vossas iniquidades que criaram um abismo entre vós e o vosso Deus”.^[61] Daí é possível pensar que se pode falar em separação das coisas que se juntaram, não pelo lugar, mas de modo incorpóreo.

3 Não consegui lembrar-me do que significa o que afirmei: “Se a alma está desprovida do corpo, não está neste mundo”.^[62] Pois, acaso as almas dos mortos ou não estão desprovidas do corpo, ou não estão neste mundo? Como se os infernos não estivessem neste mundo. Mas porque empreguei o “estar desprovido de corpo” num bom sentido, talvez pelo termo “corpo” quis referir-me aos males corporais. Se é assim, empreguei o termo com muita insolência. Também foi dito temerariamente: “Que a essência suprema, por meio da alma, dá a forma ao corpo, pela qual é enquanto é. Portanto, o corpo subsiste pela alma, e está nela pelo fato de o animar, tanto universalmente, como o mundo, como particularmente, como qualquer animal no mundo”.^[63] Tudo isso foi afirmado temerariamente.

Este livro começa assim: *Si alicubi est disciplina* [Se a disciplina existe em algum lugar].

6. *As disciplinas*^[64]

sete livros

Pela mesma época em que estive em Milão para receber o batismo, intentei também escrever os livros sobre *As disciplinas*, fazendo perguntas aos que comigo estavam, e não lhes desagradavam tais estudos, desejando ou chegar ou conduzir com passos firmes ao incorpóreo por meio do corpóreo. Mas dentre as disciplinas, foi-me possível terminar apenas o livro sobre gramática que, depois, perdi da minha biblioteca, e seis volumes sobre música, relativos à parte denominada ritmo. Mas escrevi os mesmos seis livros estando já batizado e de regresso da Itália para a África, visto que, em Milão, apenas começara a tratar dessa disciplina. Mas sobre as outras cinco disciplinas, ali igualmente começadas, ou seja, dialética, retórica, geometria, aritmética e filosofia, ficaram apenas os princípios, os quais, contudo, também perdemos; mas creio que estão com alguns.

7. *Os costumes da Igreja católica e os costumes dos maniqueus*

dois livros

1 Estando em Roma já batizado, e não podendo tolerar calado a jactância dos maniqueus a respeito de sua falsa e falaz continência ou abstinência com a qual, para enganar os ignorantes, colocavam-se superiores aos verdadeiros cristãos, aos quais não podem ser comparados, escrevi dois livros: um sobre *Os costumes da Igreja católica*, o outro sobre *Os costumes dos maniqueus*.

2 Naquele que trata sobre os costumes da Igreja católica, onde inseri o testemunho no qual se lê: “É por tua causa que nos matam todo dia, e nos tratam como ovelhas de corte”,^[65] a incorreção do nosso manuscrito enganou a mim, pouco lembrado das Escrituras, com as quais não estava ainda familiarizado. Pois os outros manuscritos da mesma tradução não trazem: “É por tua causa que somos mortificados”, mas: “É por tua causa que nos matam”, o que os outros disseram com uma só palavra: “Somos mortificados”. Os livros gregos, de cuja língua se fez a tradução para o latim segundo os Setenta intérpretes, indicam essa tradução como mais exata; contudo, de acordo com essas palavras: “somos mortificados”, ao discutir, afirmei muitas coisas que reprovava nessas palavras, não como falsas. Contudo, por elas, também não demonstrei satisfatoriamente a concordância das Antigas e Novas Escrituras, que eu desejava demonstrar; contudo, disse de onde procedeu o erro que me enganou; por outros testemunhos demonstrei de modo suficiente a mesma concordância.^[66]

3 Do mesmo modo, um pouco depois, citei um testemunho tirado do livro da Sabedoria, de acordo com o nosso manuscrito, no qual está escrito: “A sabedoria ensina a temperança, assim como a justiça e a fortaleza”.^[67] E de acordo com essas palavras, dissertei sobre coisas verdadeiras, mas a partir do texto incorreto.^[68] Pois, que mais verdadeiro que a sabedoria ensine a verdade da contemplação, que considere indicada pelo termo *sobriedade*? E a proibição no agir, a qual quis que estivesse insinuada pelas outras duas, pela justiça e pela fortaleza, se os manuscritos da mesma tradução consideram os mais corretos, pois registram: “pois ensina a sobriedade, assim como a sabedoria, a justiça e a fortaleza”? Com efeito, com esses termos, o tradutor latino mencionou aquelas quatro virtudes que costumam estar principalmente na boca dos filósofos: designando a temperança como sobriedade, impondo à prudência o nome de sabedoria, mencionando a fortaleza pelo termo *virtude*, traduziu pelo nome apenas a justiça. Muito depois, nos manuscritos gregos, no mesmo livro da Sabedoria, encontramos estas quatro virtudes com seus nomes, tal como são denominadas pelos gregos.

O mesmo acontece com o que disse a respeito do livro de Salomão: “Vaidade dos que se envaidecem”, diz Coélet;^[69] assim li em muitos manuscritos, mas o grego não traz assim, mas registra: “Vaidade das vaidades”, o que observei depois e deparei com que os latinos são mais exatos, pois trazem: “das vaidades”, não: “dos que se envaidecem”. Contudo, o que afirmei devido à inexatidão observa-se na própria

realidade.^[70]

4 Mas o que eu disse: “Amemos primeiramente com amor pleno aquele a quem queremos conhecer, ou seja, Deus”,^[71] melhor se diria: “sincero” em vez de “pleno”, evitando que se pense que o amor a Deus não será maior quando o virmos face a face.^[72] Entenda-se “pleno” como o maior possível enquanto caminhamos pela fé; pois será mais pleno, melhor, pleníssimo, mas pela visão.^[73]

Do mesmo modo, o que afirmei sobre os que socorrem os necessitados, que “são chamados misericordiosos, mesmo que sejam tão sábios que não sejam perturbados por qualquer dor na alma”,^[74] não se deve entender tal como se tivesse dito que existem esses sábios nesta vida; pois não disse: “sendo”, mas: “mesmo que sejam”.

5 Afirmei em outra passagem:^[75] “Ora, quando este amor humano nutrir e fortalecer a alma que se adere a teus seios, capaz de seguir a Deus, quando sua majestade começar a se manifestar ao homem, quanto seja suficiente, enquanto é morador desta terra, começa a despontar tamanho ardor de caridade e se forma tamanho incêndio de amor divino que, consumidos todos os vícios e santificado e purificado o homem, se percebe quão divinas são as palavras: ‘Deus é um fogo abrasador’”.^[76]

Perante essa sentença, os pelagianos podem pensar que eu afirmei ser possível essa perfeição nesta vida mortal. Mas não pensem assim; pois o ardor da caridade, que capacita para o seguimento de Deus, é tão grande que chega a consumir todos os vícios, pode nascer e crescer nesta vida; mas não se conclui que possa se tornar perfeito, para o qual vem a este mundo, de tal modo que não exista no homem qualquer vício, ainda que tal coisa se aperfeiçoe pelo mesmo ardor da caridade, onde e quando pode se tornar perfeito, que, assim como o banho da regeneração purifica do reato de todos os pecados,^[77] que lhe trouxe o nascimento humano e adquire pela iniquidade, assim também aquela perfeição purifica de toda mancha dos vícios, sem os quais a fraqueza humana não pode existir neste mundo. Assim se deve entender o que disse o Apóstolo: “Cristo amou a Igreja e se entregou por ela a fim de purificá-la com o banho da água e santificá-la pela palavra, para apresentar a si mesmo a Igreja gloriosa, sem manchas nem rugas, ou coisa semelhante, mas santa e irrepreensível”.^[78] Pois este é banho da água com o qual a Igreja é purificada. Mas como toda a Igreja diz enquanto está aqui: “E perdoa-nos as nossas dívidas”,^[79] ela certamente não está aqui sem mancha e sem ruga ou coisa semelhante, mas pelo que recebe aqui é levada à glória e perfeição que aqui não existem.

6 No outro livro, cujo título é: *Os costumes dos maniqueus*, o que eu disse: “A bondade de Deus ordena todas as coisas que apresentam falhas de tal modo que estejam ali onde possam estar de acordo com sua natureza, até que voltem com movimentos ordenados àquilo de onde se afastaram”,^[80] não se deve entender como se tudo voltasse àquilo de onde se afastou, como Orígenes pensou, mas tudo o que pode voltar. Pois não voltam para Deus, do qual se afastaram, aqueles que serão punidos com o fogo eterno, embora as coisas que falharam de tal modo estão ordenadas que estão ali onde podem estar, do modo mais conveniente, porque

também aqueles que não voltam estão sofrendo castigo do modo mais conveniente.

Em outra passagem: “Quase ninguém, disse eu, duvida, a respeito dos escaravelhos, de que eles subsistem do barro feito bola e enterrado por eles”;^[81] mas se isso é verdade, muitos duvidaram e muitos não ouviram falar isso.

Esta obra começa assim: *In aliis libris satis opinor egisse nos* [Nos outros livros, julgo que nós fizemos].

8. *A grandeza da alma*^[82]

livro único

1 Na mesma cidade de Roma, escrevi um diálogo no qual se investigam e se tratam muitas coisas sobre a alma, ou seja, de onde procede, qual sua dimensão, porque é dada ao corpo ao vir para o corpo, como é feita ao vir para um corpo, como será quando deixar o corpo.^[83] Mas como se discutiu com muito afã e sutileza sobre sua quantidade, de modo a mostrar, se nos fosse possível, que ela não é dotada de quantidade corporal, mas que é dotada de grandeza, o livro inteiro recebeu o nome dessa única investigação, de modo a receber o título *A grandeza da alma*.

2 Neste livro, o que eu disse: “que me parece que a alma trouxe consigo todas as artes; e o que se denomina ‘aprender’ nada mais é que evocar e recordar”,^[84] não se deve entender como se por isso se aceitasse que a alma viveu alguma vez, ou aqui, ou em outro corpo, ou em outro lugar, num corpo ou fora de um corpo; e que responde, ao ser interrogada, não tendo aprendido aqui, como se tivesse aprendido em outra vida. Pois pode acontecer, como já o dissemos anteriormente,^[85] que isso é possível, porque é inteligível por natureza e está ligada não somente a coisas inteligíveis, mas também às imutáveis, como criada que é em tal ordem; que, ao se mover para essas coisas, às quais está ligada, ou para si mesma, na medida em que as vê, tem a possibilidade de dar respostas verdadeiras a respeito delas.

Mas, certamente, não trouxe consigo todas as artes desse modo e as conserva consigo, pois não pode fazer afirmações sobre as artes atinentes ao corpo, como são muitas questões da medicina, assim como todas as da astrologia, se não tiver aprendido aqui. Mas sobre as realidades que somente a inteligência capta, devido ao que eu disse, ela responde ao ser bem interrogada por si mesma ou por um outro, e contanto que se lembre.

3 Em outra passagem, eu afirmei: “Gostaria de dizer muitas coisas a partir disso e ligar-me a mim mesmo, enquanto como que te ordeno, de modo a nada mais fazer, senão investigar-me a mim, a quem me devo principalmente”.^[86] Onde percebo que deveria dizer melhor: “Restituir-me a Deus a quem me devo principalmente”. Mas porque o homem deve voltar-se antes a si mesmo, para que, por graduação, levante-se de si mesmo e seja levado para Deus, como aquele filho mais jovem: voltou-se para si mesmo e então disse: “Levantar-me-ei e irei ter com meu pai”,^[87] e por isso assim disse. Contudo, logo acrescentei: “E assim tornar-se amigo escravo do Senhor”.^[88] Portanto, o que eu disse: “a quem me devo principalmente”, fazia referência aos homens; pois devo-me mais a mim que aos demais homens, ainda que mais a Deus que a mim.

Este livro começa assim: *Quoniam video te abundare otio* [Porque percebo que dispões de muito tempo].

9. *O livre-arbítrio*^[89]

três livros

1 Quando ainda morávamos em Roma, quisemos investigar, discutindo, de onde vem o mal. E discutíamos de tal modo que, se pudéssemos, o que acreditávamos, submissos à autoridade divina, a razão em reflexão e com discussões conduziria também à nossa inteligência tudo o que, com a ajuda de Deus, pudéssemos conseguir, discutindo. E porque, depois de discutir as razões com diligência, concordamos que o mal não procedeu senão do livre-arbítrio da vontade, os três livros dados à luz na mesma discussão receberam o título *O livre-arbítrio*. O segundo e terceiro, como me foi possível, terminei-os na África, estando já ordenado presbítero em Hipona.

2 Nesses livros, são tantos os assuntos tratados que algumas questões incidentes, as quais ou não podia resolver ou exigiam uma prolongada explicação no momento, foram diferidas, para que, de ambas as partes ou de todas as partes das mesmas questões, nas quais não aparecia o que estava mais de acordo com a verdade, nosso raciocínio pudesse chegar a esta conclusão: qualquer que fosse a verdade, considerava-se que Deus devia ser louvado e mesmo proclamado.^[90] Levou-se a efeito essa discussão devido àqueles que negam ser o livre-arbítrio a origem do mal e se empenham em atribuir a Deus, se assim é, como criador de todas as naturezas, querendo, desse modo, de acordo com o erro de sua impiedade [pois são maniqueus], introduzir uma natureza do mal de certo modo imutável e coeterna com Deus.

Mas sobre a graça de Deus, pela qual de tal modo destinou seus eleitos que ele prepara a vontade daqueles que já se utilizam em si mesmos do livre-arbítrio,^[91] nada se discutiu nestes livros, quando se tratou da questão em pauta. Quando houve oportunidade de se fazer menção da graça, foi feita de passagem, não como se se tratasse de ser defendida com raciocínios a propósito. Pois uma coisa é investigar de onde procede o mal, e outra investigar como se volta ao bem primeiro ou se chega a um maior.

3 Por isso, os novos hereges, os pelagianos, que de tal modo defendem o livre-arbítrio da vontade que não deixam lugar à graça de Deus, pois afirmam que ela é concedida de acordo com nossos méritos, não se envaideçam como se eu houvesse defendido sua causa, pelo fato de ter dito, nestes livros, a favor do livre-arbítrio, muitas coisas exigidas pelo assunto daquela discussão. Eu disse de fato, no primeiro livro, que os malfeitores são vingados pela justiça de Deus, e acrescentei: “Ora, eles não seriam punidos com justiça se não tivessem sido praticados voluntariamente”.^[92] Do mesmo modo, como estivesse mostrando que a boa vontade é um tão grande bem que mereceria ser anteposta com razão a todos os bens corporais e externos, afirmei: “Portanto, penso que agora já vês, assim penso, que está determinado em nossa vontade, ou gozarmos ou sermos privados de tão grande bem e verdadeiro bem. Com efeito, haveria alguma coisa que dependa mais de nossa vontade do que a própria vontade?”.^[93] Em outra passagem: “Logo, que motivo existe para crer que devemos

duvidar mesmo se até o presente nunca tenhamos possuído aquela sabedoria já que é por ela que merecemos e levamos uma vida louvável e feliz; e é pela mesma vontade que levamos uma vida vergonhosa e infeliz?”.^[94] “De onde se segue esta conclusão: todo aquele que quiser viver conforme a retidão e a honestidade, se quiser pôr esse bem acima de todos os bens passageiros da vida, realiza conquista tão grande, com tanta facilidade, que, para ele, o querer e o possuir serão um só e mesmo ato.”^[95]

Disse também em outra passagem: “Ora, aquela lei eterna, a cuja consideração já é tempo de voltar, estabeleceu com firmeza imutável que o merecimento está na vontade, mas o prêmio e o castigo estão na bem-aventurança e na infelicidade”.^[96] E eu disse também em outra passagem: “É próprio da vontade escolher o que cada um pode optar e abraçar”.^[97]

E no segundo livro disse: “Porque o próprio homem, enquanto homem, é um certo bem, pois tem a possibilidade, quando o quer, de viver retamente”.^[98] E disse em outro lugar: “Não podemos agir com retidão a não ser pelo livre-arbítrio da vontade”.^[99] E disse no livro terceiro: “Será necessário investigar de onde procede esse movimento que desvia a vontade do Bem imutável para os bens mutáveis, já que reconhecemos que ele procede da própria alma e é ademais voluntário e, por isso, culpável. Assim, todo ensinamento a esse respeito deve ter como meta: considerar e reprimir tal movimento da queda para os bens mutáveis, e orientar nossa vontade a escolher os bens eternos, conduzindo-a ao gozo do Bem imutável”.^[100]

E afirmei em outra passagem: “Ótimo! De modo maravilhoso a verdade se manifestou por tua voz! Pois não poderias, de fato, encontrar nada que esteja em nosso poder senão aquilo que fazemos quando queremos. Eis por que nada se encontra tão plenamente em nosso poder como a própria vontade. Pois esta, desde que o queiramos, sem demora, estará disposta à execução”.^[101] Também disse em outro lugar: “Posto que, se te louvam, vendo o que deves fazer, ainda que não o vejas senão naquele que é a Verdade imutável, quanto mais é preciso louvar Aquele que de antemão também determinou queres isso”,^[102] “e deu-te o poder para tanto. E ele não deixará impune a tua desobediência”. Em seguida acrescentei: “Cada um é responsável pelo que recebeu. Portanto, se o homem tivesse sido criado de tal modo que pecasse inevitavelmente, seu dever seria pecar. E ao pecar, portanto, faria o que devia, e não faria senão seguir a lei da natureza”.^[103]

E afirmei novamente: “Anteriormente à vontade, qual poderia ser a causa determinante da vontade? Realmente, ou é a vontade ela mesma, e não sai dessa raiz da vontade, ou não é a vontade, e então não há pecado algum. Logo, ou a vontade é causa primeira do pecado, e nenhum pecado será causa primeira do pecado, e a nada se pode imputar o pecado senão ao próprio pecador. Logo, não se pode imputar justamente o pecado a não ser a quem seja dono da vontade”.^[104] E um pouco depois: “Será talvez que essa causa leva o pecado a agir com tanta violência a ponto de forçar a quem não quer?”.^[105] Pelágio utilizou-se do meu testemunho num de seus livros. Depois de ter respondido a esse livro, eu quis que o título de meu livro fosse: *A natureza e a graça*.

4 Nessas e em outras minhas palavras semelhantes, pelo fato de não fazer menção da

graça de Deus, sobre a qual não se tratava então, pensam os pelagianos, ou podem pensar, que nós defendemos sua opinião. Mas em vão pensam assim. Pois é pela vontade que se peca e se vive retamente; esse foi o sentido dessas palavras. Portanto, a não ser pela graça de Deus, a vontade não pode libertar-se da escravidão pela qual se tornou escrava do pecado,^[106] e recebe ajuda para vencer os vícios; os mortais não podem viver com retidão e piedade. E este favor divino, pelo qual a vontade se liberta, se não vem antes dela, seria dado em vista de seus merecimentos, e não seria obra da graça, a qual, sem dúvida, é dada gratuitamente.^[107] Tratamos bastante deste assunto em outros de nossos opúsculos, refutando esses novos hereges inimigos da graça; embora também nestes livros intitulados *O livre-arbítrio*, que não foram escritos contra eles, que ainda não existiam, mas contra os maniqueus; não nos omitimos de forma alguma a respeito da graça de Deus que eles pretendem anular com criminosa impiedade.

Dissemos de fato, no segundo livro, que podem existir não somente os grandes bens, mas também os menores, se não vêm daquele de quem procedem todos os bens, ou seja, de Deus. Afirmei um pouco depois: “As virtudes pelas quais as pessoas vivem honestamente pertencem à categoria de grandes bens. As belezas dos corpos, sem os quais se pode viver com honestidade, contam-se entre os bens mínimos. E por sua vez, as forças do espírito, sem as quais não se pode viver de modo honesto, são bens médios. Das virtudes, ninguém usa mal; todavia dos outros bens, isto é, dos médios e dos inferiores, pode-se fazer seja bom, seja mau uso. O motivo pelo qual ninguém usa mal das virtudes é que a obra virtuosa consiste precisamente no bom uso daquelas coisas das quais não podemos também abusar. Ora, o bom uso nunca pode ser um abuso. Assim Deus, na superabundância e na grandeza de sua bondade, pôs à nossa disposição não somente grandes bens, mas também bens médios e outros inferiores. Essa bondade divina deve ser glorificada de preferência pelos grandes bens doados, mais do que pelos médios. Da mesma forma, mais pelos bens médios do que pelos pequenos. Todavia, por todos eles, Deus deve ser glorificado. Pois isso é melhor do que se eles não nos tivessem sido concedidos”.^[108]

E disse em outra passagem: “Quanto a ti, contenta-te, por enquanto, de conservar inabalável esse sentimento irremovível de piedade, de modo a professar não ser possível apresentar-se a teus sentidos, nem à tua inteligência, nem em geral a teu pensamento, bem algum que não venha de Deus”. E disse novamente em outro lugar: “Mas porque o homem que cai voluntariamente não pode igualmente se reerguer por si mesmo tão espontaneamente, seguiremos com fé firme a mão de Deus que nos é estendida do céu, ou seja, nosso Senhor Jesus Cristo”.^[109]

5 E no terceiro livro, depois de ter dito aquilo do qual Pelágio se aproveitou de meus livros, conforme mencionei, afirmei: “Quem poderia ser culpado num ato inevitável? Mas o pecador pode-se precaver”. Em seguida, prosseguindo, acrescentei: “Apesar de tudo, acontecem certas ações que mesmo cometidas por ignorância foram condenadas, com obrigação de serem reparadas. Lemos nas Sagradas Escrituras o Apóstolo dizer: ‘Obtive misericórdia, porque agi por ignorância’.^[110] E o rei-profeta: ‘Não te recordes dos pecados da minha mocidade e da minha ignorância’.^[111] Existem também ações condenáveis, ainda que praticadas por necessidade. Isso

quando o homem pretende agir bem e não o consegue. Pois de onde viriam estas palavras: ‘Não pratico o que quero, mas faço o que detesto’. E estas outras: ‘O querer está ao meu alcance, não, porém, o praticá-lo’. E ainda: ‘A carne tem aspirações contrárias ao espírito e o espírito contrárias à carne. Eles se opõem reciprocamente, de sorte que fazeis o que não quereis’. Mas tudo isso pertence aos homens, enquanto suas ações são derivadas da primitiva condenação à morte. Pois se não existisse aí uma punição dada ao homem, mas apenas uma consequência de sua natureza, não haveria nesses atos pecado algum. Na verdade, se o homem não se afasta da condição conforme à qual foi criado naturalmente, de modo que não pode se encontrar num estado melhor, ele está fazendo o que deve, ao fazer essas coisas. Todavia, se o homem fosse bom, agiria de outra forma. Agora, porém, porque está nesse estado, ele não é bom nem possui o poder de se tornar bom. Seja porque não vê em que estado deve se colocar, seja porque, embora o vendo, não tem força de se alçar a esse estado melhor, no qual sabe que teria o dever de se pôr. Assim sendo, quem duvidaria que haja aí uma penalidade? Ora, toda penalidade se for justa é a punição do pecado e denomina-se castigo. Mas se o castigo fosse injusto, visto que ninguém hesita em ver aí uma penalidade, é evidente que teria sido imposto ao homem por algum dominador injusto. Ora, só um louco duvidaria da onipotência e da justiça de Deus. Logo, a penalidade é justa, e está destinada a punir algum pecado. Na verdade, nenhum dominador injusto poderia subtrair o homem ao poder de Deus, sem que ele o percebesse. Tampouco, arrebatá-lo desse mesmo Deus ou obrigá-lo contra sua vontade, como se ele fosse um incapaz, ou atemorizando-o, ou violentando o homem para atormentá-lo com um castigo injusto. Resta, portanto, que esse justo castigo se origine da condenação do homem” ^[112]

E disse em outro lugar: “Não é próprio da natureza do homem criado, mas castigo do pecado, aceitar como verdadeiro o que é falso para errar contra a vontade e não poder resistir às ações libidinosas perante a dor do vínculo carnal que se opõe e atormenta. Mas como estamos falando sobre a liberdade da vontade em proceder retamente, estamos falando daquela vontade em que o homem foi criado” ^[113]

6 Eis como discutimos muito antes de que existisse a heresia pelagiana, como se já discutíssemos contra eles. Pois, ao dizer que vêm de Deus todos os bens, ou seja, tanto os grandes como os médios e os inferiores, nos médios situa-se o livre-arbítrio da vontade, porque se pode fazer mau uso deles; mas é de tal ordem que não podemos viver retamente sem ele. Mas seu bom uso já é uma virtude que se situa entre os bens maiores, dos quais não se pode fazer mau uso. E porque todos os bens, como ficou dito, tanto os grandes como os médios e como os inferiores procedem de Deus, conclui-se que também procede de Deus o bom uso da vontade livre, a qual é uma virtude e se conta entre os grandes bens.

Em seguida se falou de que infelicidade, infligida com toda justiça aos que pecam, a graça de Deus nos liberta, ^[114] porque o homem pôde cair por sua própria vontade, mas não pode levantar-se; a essa infelicidade de uma justa condenação dizem respeito a ignorância e a dificuldade que todo homem padece desde o começo de seu nascimento, e deste mal ninguém se liberta a não ser pela graça de Deus. ^[115] Os pelagianos não aceitam que essa condenação proceda de uma condenação justa ao

negar o pecado original, ainda que a ignorância e as dificuldades fossem os primórdios da natureza do homem; e a Deus não se deve culpar, mas louvar, assim como discutimos no mesmo terceiro Livro.^[116] Deve-se considerar essa discussão como dirigida contra os maniqueus, que não aceitam as Escrituras santas do Antigo Testamento, nas quais está a narrativa do pecado original; e tudo o que se lê nas Cartas dos apóstolos afirmam com abominável descaramento que foi interpolado por corruptores das Escrituras, como se não fosse dito pelos apóstolos. Mas contra os pelagianos é preciso defender o que ambas as Escrituras ensinam, as quais eles professam que aceitam.

Esta obra começa assim: *Dic mihi, quaeso te, utrum Deus non sit auctor mali* [Pergunto-te: dize-me se Deus é autor do mal].

10. Comentário ao Gênesis contra os maniqueus^[117]

dois livros

1 Já estabelecido na África, escrevi dois livros sobre o Gênesis contra os maniqueus. Ainda que, nos livros anteriores, tudo o que dissertei foi para mostrar que Deus é sumamente bom e criador de todas as naturezas mutáveis, e que não existe natureza ou substância alguma que seja má, enquanto é natureza ou substância, nosso alvo eram os maniqueus. Contudo, esses dois livros foram publicados exclusivamente contra eles em defesa da Lei antiga, que combatem com o empenho decidido de seu tresloucado erro.

O primeiro abrange as palavras: “No princípio, Deus criou o céu e a terra”,^[118] até se completarem os sete dias, onde está escrito que Deus descansou no sétimo dia.^[119] O segundo compreende a partir do que está escrito: “Esta é a história do céu e da terra”,^[120] até o momento em que Adão e sua mulher foram expulsos do paraíso e foi posta a guarda à árvore da vida.^[121] Finalmente, no fim do livro contrapus ao erro dos maniqueus a fé da verdade católica, abrangendo breve e claramente o que eles dizem e o que nós dizemos.

2 O que eu disse: “Mas aquela luz nutre não somente os olhos das aves irracionais, mas também os corações puros daqueles que creem em Deus e se voltam do amor do temporal e visível para cumprir seus preceitos, do qual todos os homens são capazes, se quiserem”,^[122] não o considerem os novos hereges pelagianos que foi dito de acordo com sua doutrina. Com efeito, é verdade absoluta que todos os homens o podem, se quiserem; mas “a vontade é preparada pelo Senhor”,^[123] mas cresce tanto pela dádiva da caridade para serem capazes. Isso não o disse aqui pelo fato de não ser necessário à questão presente.

Mas com o que ali se lê não concordo absolutamente: “que a bênção de Deus, segundo a qual ele disse: ‘Sede fecundos, multiplicai-vos’,^[124] deve-se entender como a fecundidade carnal transmudada depois do pecado”,^[125] se as palavras não parecem ter outro sentido a não ser que se pense que aqueles homens não teriam filhos homens, se não tivessem pecado. Não é também plausível considerar-se apenas uma alegoria o fato de que as ervas verdes e as árvores frutíferas, de que fala o Gênesis, servem de alimento a todo gênero de animais e a todas as serpentes,^[126] pois existem também quadrúpedes e aves que parecem viver apenas de carne.^[127] Pois seria possível que fossem alimentadas pelos homens com frutos da terra, se pela obediência com que os homens servissem a Deus sem pecado algum merecessem ter todos os animais e aves a seu total serviço.

Pode preocupar também o que afirmei sobre o povo de Israel: “Aquele povo ainda servia à Lei pela circuncisão corporal e pelos sacrifícios como que no meio do mar dos pagãos”,^[128] visto que não podia oferecer sacrifícios entre os pagãos, tal como vemos que agora permanecem sem sacrifícios, a não ser que se considere um sacrifício o cordeiro que imolam na Páscoa.

3 O que registrei no segundo livro, ou seja, que pelo termo “sustento” se pode significar a vida, como os manuscritos de melhor tradução não registram “sustento”, mas “feno”,^[129] parece-me que não me expressei adequadamente. Pois o termo “feno” não é a propósito para significar a vida, como é o termo “sustento”.

Parece-me também que não denominei com propriedade “palavras proféticas” as que estão escritas: “De que se orgulha quem é terra e cinza?”,^[130] porque não constam no livro de quem estamos certos de que se deve denominar profeta.

E também as palavras do Apóstolo que trazem o testemunho do Gênesis: “O primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente”,^[131] não as compreendi como ele queria ao expor o que está escrito: “Insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente”.^[132] Pois o Apóstolo citou aquele testemunho para provar que o corpo é animado, mas eu pensei que com ele se poderia demonstrar que o homem foi criado como animal antes que como homem, não somente o corpo do homem.^[133]

O que afirmei: “A nenhuma natureza os pecados prejudicam, a não ser os próprios”,^[134] eu o afirmei porque aquele que prejudica um justo não o prejudica de fato, visto que faz crescer sua recompensa nos céus;^[135] contudo, pecando, prejudica de fato a si mesmo porque, pela sua vontade de prejudicar, receberá o dano com que prejudicou. Na verdade, os pelagianos podem aproveitar essa afirmação para sua doutrina, pelo fato de eu ter dito: “A nenhuma natureza os pecados prejudicam, a não ser os próprios”. Eles não consideram que as crianças, que certamente pertencem à natureza humana, contraem o pecado original, porque a natureza pecou nas pessoas dos primeiros pais e, por isso, a nenhuma natureza os pecados prejudicam, a não ser os próprios. Pois por um só homem, no qual todos pecaram, o pecado entrou no mundo,^[136] pois eu não disse que os pecados não prejudicam a nenhum homem, mas a nenhuma natureza, a não ser os próprios.

Da mesma forma, pelo que afirmei, eles podem procurar um refúgio semelhante, a não ser que se refira à natureza tal como foi criada no princípio, ou seja, sem pecado; pois essa é a verdadeira e propriamente a natureza do homem. Contudo, empregamos a palavra em sentido metafórico, de modo a denominarmos também natureza tal como o ser humano nasce; de acordo com essa expressão, disse o Apóstolo: “Éramos por natureza, como os demais, filhos da ira”.^[137]

Esta obra começa assim: *Si eligerent Manichaei quos deciperent* [Se os maniqueus escolhessem a quem pudessem enganar].

11. *A música*

seis livros

1 Depois, como lembrei anteriormente,^[138] escrevi seis livros sobre *A música*, dos quais o sexto é mais conhecido, porque nele dissertei com a necessária profundidade sobre como de números corporais e espirituais, mas mutáveis, se pode chegar aos números imutáveis, que já estão na própria verdade imutável, e, assim, se tornam inteligíveis as coisas invisíveis de Deus através das criaturas.^[139] Os que não o podem e, contudo, vivem da fé em Cristo,^[140] chegam depois desta vida a contemplá-las com mais segurança e felicidade. Mas os que o podem, se lhes falta a fé em Cristo, que é o único mediador de Deus e dos homens,^[141] perecem com toda sua sabedoria.

2 O que disse nesse livro: “Pois os corpos são tanto melhores quanto mais harmoniosos são com estes números; mas a alma se torna melhor quando carece desses números que recebe através do corpo, quando se aparta dos sentidos carnis e se restaura com os números divinos da sabedoria”,^[142] não se deve entender como se não há de haver números corporais nos corpos incorruptíveis e espirituais, quando hão de ser muito mais formosos e graciosos; ou a alma não os há de sentir quando se tornar excelente, assim como aqui se torna melhor carecendo deles. Ela deve assumir aqui o trabalho de se afastar dos sentidos carnis para poder contemplar as coisas inteligíveis, porque é fraca e pouco idônea para dirigir sua atenção a ambas as coisas ao mesmo tempo; nessas coisas corporais deve precaver-se agora das seduções, enquanto a alma pode ser arrastada por um prazer libidinoso. Mas então será firme e perfeita para não se apartar da contemplação da sabedoria pelos números corporais, e de tal modo os sente que não é seduzida por eles, nem se torna melhor ao estar carente deles; mas seja boa e reta de tal modo que não a possam ignorar nem surpreender.

3 Da mesma forma, o que afirmei: “Esta saúde apresentar-se-á com tanta firmeza e segurança, quando este corpo, em seu tempo e ordem determinados, tiver sido reabilitado em sua primitiva estabilidade”,^[143] não se pense que me expressei como se, depois da ressurreição, os corpos não serão mais perfeitos do que foram os corpos dos primeiros seres humanos no paraíso, quando não serão alimentados com alimentos corporais, com os quais se alimentavam antes, mas a primitiva estabilidade deve ser entendida no sentido de que aqueles corpos não padecerão enfermidade alguma, assim como estes não podiam sofrê-las antes do pecado.

4 Em outra passagem, afirmei: “Muito mais penoso é o amor deste mundo. Pois a alma nele procura, a saber: a perseverança e a eternidade, e não as encontra, porque sua débil beleza termina ao sabor da transitoriedade das coisas, e o que nela imita a constância procede de Deus soberano através da alma; pois essa beleza mutável somente pelo tempo é superior à que o é pelo tempo e lugares”.^[144] A razão evidente

apoia estas palavras, se elas podem ser compreendidas de modo a não se entender a beleza passageira a não ser nos corpos humanos e de todos os animais que vivem com o sentido corporal. Pois com isso imita a constância naquela beleza. Porque os mesmos corpos permanecem em sua estrutura, enquanto permanecem; mas isso procede do Deus soberano para ela por meio da alma.

Com efeito, a alma mantém essa estrutura evitando que o corpo dissolva e se dilua, o qual percebemos nos corpos dos animais quando morrem. Mas se se entende a débil beleza em todos os corpos, aquela afirmação obriga a considerar mesmo o mundo como um animal, para que também para ele venha de Deus soberano por meio da alma o que nele imita a estabilidade. Mas que este mundo seja um animal, como Platão opinou, assim como inúmeros outros filósofos, não consegui investigar com razões convincentes nem fiquei persuadido pela autoridade das divinas Escrituras. Daí que o afirmado por mim nesse sentido em que se pode aceitar, mencionei-o também na obra *A imortalidade da alma* e disse que eu o afirmei temerariamente,^[145] não porque confirmo que seja falso, mas porque não percebo que seja verdade que o mundo seja um animal.

E não tenho dúvida de que se deve ter em conta com a maior certeza que este mundo não é um Deus para nós, tenha ele uma alma ou não. Porque se tiver uma alma, quem a criou foi nosso Deus; se não a tem, o mundo não pode ser Deus de ninguém e muito menos nosso. Contudo, pode-se crer com muita razão que há nele uma força espiritual e vital, mesmo que o mundo não seja um animal; essa força está a serviço de Deus nos santos anjos, para embelezar e administrar o mundo; essa força não é compreendida por eles. Sob a denominação de santos anjos pretendia designar toda criatura espiritual santa, constituída no secreto e oculto ministério de Deus; mas a santa Escritura não costuma designar os espíritos angélicos com o nome de almas. Por isso, no que afirmei pelo fim deste livro: “Os números racionais e intelectuais das almas bem-aventuradas e santas transmitem até os domínios terrenos e infernais, recebendo-a sem interferência de qualquer natureza, a própria lei de Deus, sem a qual as folhas não caem das árvores e são contados nossos cabelos”,^[146] não percebo como se possa mostrar o termo “das almas” como registrado de acordo com as santas Escrituras, visto que não pretendi designar aqui senão os anjos santos, sobre os quais não me recordo que tenha lido, nas palavras divinas canônicas, que sejam dotados de alma.

Este livro começa assim: *Satis diu pene.*

12. *O mestre*^[147]

livro único

Na mesma época escrevi um livro intitulado *O mestre*, no qual se discute, se investiga e se descobre que não há um mestre que ensine a ciência ao homem, a não ser Deus, de acordo com o que está escrito no Evangelho: “Pois um só é o vosso guia, Cristo”.^[148]

Este livro começa assim: *Quid tibi videmur efficere velle cum loquimur?* [O que te parece que queremos fazer quando falamos?].

13. *A verdadeira religião*^[149]

livro único

1 Na mesma ocasião, escrevi um livro sobre *A verdadeira religião*, no qual se discute de muitos modos e consideravelmente que o único Deus verdadeiro, ou seja, a Trindade: Pai e Filho e Espírito Santo, deve ser adorado com uma religião sincera, e com quanta misericórdia foi dispensada aos homens, mediante a economia temporal, a religião cristã, que é a religião verdadeira, e como o homem deve se unir pela sua vida ao mesmo culto a Deus. Contudo, este livro fala principalmente contra as duas naturezas defendidas pelos maniqueus.

2 Numa passagem desse livro afirmei: “Assim, pois, tem por coisa manifesta e evidente que nenhum erro teria sido possível em matéria religiosa, se a alma em vez de adorar uma alma como seu Deus, um corpo ou suas próprias imaginações”.^[150] Nessa passagem designei a alma em lugar de toda criatura incorpórea, não falando a modo das Escrituras, as quais, quando se expressam no sentido metafórico, não sei se querem significar pelo termo “alma” apenas aquela pela qual se movem os animais mortais,^[151] entre os quais estão os homens, na medida em que são mortais. Mas um pouco depois abrangí o mesmo sentido melhor e mais brevemente quando disse: “Não sirvamos, pois, melhor as criaturas do que o Criador, nem nos dissipemos em vãos pensamentos,^[152] e a nossa religião será perfeita”.^[153] Com efeito, com uma só palavra insinuei as duas criaturas, a espiritual e a corporal. Não se afasta desse sentido o que disse ali: “em suas próprias imaginações, por cuja causa disse aqui: nem nos dissipemos em vãos pensamentos”.

3 E também o que afirmei: “Essa é em nossos tempos a religião cristã, e em conhecê-la e segui-la está a salvação segura e certíssima”;^[154] isso foi dito segundo o nome, e não segundo a própria realidade, significada por esse nome. Pois a própria realidade, que agora se denomina religião cristã, existia entre os antigos e não deixou de existir desde o começo do gênero humano até a vinda do próprio Cristo na carne, do qual a verdadeira religião, que já existia, começou a denominar-se cristã. Com efeito, quando os apóstolos começaram a anunciá-la depois de sua ressurreição e ascensão ao céu, e muitíssimos creram, os discípulos, como está escrito, foram denominados cristãos em Antioquia.^[155] Por isso eu disse: “Essa é em nossos tempos a religião cristã”, não porque não existiu em tempos anteriores, mas porque recebeu este nome posteriormente.

4 Em outra passagem eu disse: “Atende, pois, aos raciocínios que se seguem, com zelo e piedade, o quanto fores capaz, porque Deus vem em auxílio de tais esforços”.^[156] Isso não se deve entender como se Deus ajudasse apenas os zelosos e piedosos, pois ajuda também os não zelosos e piedosos para que o sejam, isto é, para que diligente e piedosamente o procurem; e a estes tais os ajuda para que o encontrem.

Da mesma forma, em outro lugar: “Pode-se concluir que, depois da morte física –

devida ao primeiro pecado – a seu tempo e segundo sua ordem, este corpo será restituído a seu primeiro estado”.^[157] Que tem este sentido: que a estabilidade original que perdemos pelo pecado implicava tamanha felicidade que não se declinava para o enfraquecimento da velhice. Portanto, a essa estabilidade original este corpo será restituído na ressurreição dos mortos. Mas terá mais, de modo que não se nutrirá de alimentos corporais, terá vida satisfatória tão só pelo espírito, quando ressuscitar para ter um espírito vivificante, e, por isso, será espiritual. Contudo, aquele corpo, que foi o primeiro, embora não haveria de morrer, se o homem não pecasse, foi criado, no entanto, como animal, para possuir uma alma vivente.^[158]

5 Afirmei em outro lugar: “De fato, o pecado é um mal voluntário. De nenhum modo haveria pecado se não fosse voluntário”.^[159] Essa afirmação pode parecer falsa, mas se se observa com atenção, ver-se-á que está muito de acordo com a verdade. Com efeito, há de se considerar como pecado apenas o que é pecado, não o que é também pena do pecado, como mostrei anteriormente ao mencionar algo do livro terceiro sobre *O livre-arbítrio*.^[160] Ainda que também aqueles que não sem razão são denominados pecados não voluntários, pois são cometidos ou por ignorância ou por violência, não podem ser cometidos sem o concurso da vontade, pois também aquele que peca por ignorância certamente comete com a vontade o que, sem ter que fazer, pensa que pode fazê-lo. E aquele que, pela concupiscência da carne contra o espírito, faz o que não quer^[161] na verdade o deseja sem o querer e nisso não faz o que quer; mas se é vencido, consente na concupiscência querendo, e nisso não faz senão o que quer, ou seja, livre da justiça e servo do pecado.^[162] E o que nas crianças se denomina pecado original, não tendo elas ainda o arbítrio da vontade, não é absurdo dizer-se que é voluntário, porque, contraído pela primeira má vontade do homem, tornou-se de certo modo voluntário. Por isso, não é falso o que afirmei: “De fato, o pecado é um mal voluntário. De nenhum modo haveria pecado, se não fosse voluntário”. Por essa razão, pela graça de Deus, não somente se perdoa o reato de todos os pecados passados em todos os que são batizados em Cristo,^[163] o que acontece pelo Espírito de regeneração, mas também a vontade fica curada nos adultos e é preparada pelo Senhor,^[164] o que acontece pelo espírito de fé e de caridade.

6 Em outra passagem, com respeito ao que disse sobre o Senhor Jesus Cristo: “Em nada Cristo agiu com violência, mas em tudo com persuasão e conselho”,^[165] não me ocorrera que com chicotes expulsou do templo os que vendiam e compravam.^[166] Mas o que significa isso ou que importância tem? Embora também tenha expulsado dos homens os demônios contra a vontade deles, não por uma palavra persuasiva, mas pela força do poder.^[167]

Disse também em outro lugar: “Logo, temos que seguir os que afirmam a existência do único Deus, como Deus soberano e verdadeiro e somente ele deve ser adorado. Se entre estes a verdade não brilha com evidência, temos que buscá-la em outra parte”.^[168] Isso pode dar a entender que eu o disse como se duvidasse da verdade dessa religião. Mas eu o afirmei como era apropriado para aquele ao qual eu escrevia. Pois assim me expressei: se entre estes a verdade não brilha com evidência,

não há dúvida de que brilha entre eles; disse-o do mesmo modo como diz o Apóstolo: “Se Cristo não ressuscitou”,^[169] sem que certamente não tivesse dúvida sobre sua ressurreição.

7 Sobre o que eu disse: “Aqueles milagres não foram consentidos ao nosso tempo. Isso para que nosso espírito não exija sempre as coisas visíveis, e para que o gênero humano não se arrefeça pelo costume de se apoiar nesses bens, com cuja novidade se tinha inflamado”,^[170] é de fato verdade, pois até agora, quando se impõem as mãos aos batizados, não recebem o Espírito Santo de modo a poderem falar nas línguas de todos os povos,^[171] ou até agora os doentes não ficam curados à passagem dos pregadores de Cristo;^[172] e se outros milagres aconteceram então que depois se vê claramente que cessaram. Mas o que afirmei não se deve entender como se agora não deve pensar que não se realiza milagre algum em nome de Cristo. Com efeito, eu mesmo, quando escrevia este meu livro, fiquei sabendo que um cego recuperou a vista junto aos corpos dos mártires de Milão, na mesma cidade, e outros muitos que se realizam em nossos dias, dos quais todos não podemos ter conhecimento e nem sequer podemos enumerar os que conhecemos.

8 E o que eu disse em outra passagem: “É como diz o Apóstolo: ‘Toda ordem vem de Deus’”; o Apóstolo não o disse com essas mesmas palavras, embora pareça ser a mesma afirmação. Pois ele disse: “E as que existem foram estabelecidas por Deus”.^[173]

E em outra passagem: “Não sejamos enganados por pessoa alguma, em absoluto. Se alguma coisa é desaprovada, com razão, é porque a menosprezamos, ao compará-la com algo melhor”.^[174] Isso foi afirmado sobre as substâncias e naturezas; pois sobre isso se discutia não a respeito das boas ações e dos pecados.

Do mesmo modo, disse em outro lugar: “Tampouco se há de amar os outros como são amados os irmãos carnis, os filhos, a mulher, parentes, sócios ou concidadãos. Tal amor é também temporal. Nós não conheceríamos nenhum desses parentescos que se originam pelo nascimento e morte se a nossa natureza tivesse guardado os mandamentos e a imagem de Deus, em vez de ter sido relegada à corrupção”.^[175] Desaprovo totalmente esse sentido, o qual já desaprovei anteriormente no primeiro livro do *Comentário ao Gênesis contra os maniqueus*.^[176] Aquela afirmação leva à crença de que os primeiros esposos não gerariam os homens posteriores se não tivessem pecado, como se fosse preciso gerar mortais, e, no entanto, a geração é por meio da união do homem e da mulher. Pois não percebera ainda que era possível que não mortais nascessem de não mortais, se, por aquele grande pecado, a natureza humana não se houvesse deteriorado; e, por isso, se a fecundidade e a felicidade tivessem permanecido nos pais e nos filhos, até um certo número de santos,^[177] os quais Deus destinou,^[178] nasceriam homens que não sucederiam os pais mortais, mas reinariam com os viventes. Portanto, haveria também esses parentescos e afinidades, se ninguém houvesse pecado e ninguém houvesse morrido.

E também disse em outra passagem: “Tendamos a Deus e religuemos nossas almas a ele somente – o que é, como dizem, o sentido original da palavra ‘religião’ –

e abstenhamo-nos de toda superstição”.^[179] Nessas minhas palavras, a razão que aleguei para se dizer “religião” agradou-me mais. Pois estou ciente de que autores latinos deram outra interpretação à origem desse nome; ou seja, denominou-se “religião” porque religa, termo que é derivado de “ligando” [*legendo*], ou seja, “elegendo” [*eligendo*], de modo que em latim aparece *religo* [religo], assim como *élego* [escolho].

Este livro começa assim: *Cum omnis vitae bonae et beatae via* [O caminho de toda vida boa e feliz].

14. *A utilidade de crer*

livro único

1 Sendo já presbítero em Hipona, escrevi um livro sobre *A utilidade de crer*, dirigido a um meu amigo que, enganado pelos maniqueus, conforme meu conhecimento, estava preso a esse erro e zombava da disciplina da Igreja católica, porque os homens eram obrigados a crer, mas não recebiam instrução com argumentos bem seguros sobre o que é verdadeiro. Afirmei no livro:^[180] “Contudo, naqueles preceitos e mandamentos, os quais não é útil aos cristãos guardar, como seja o sábado, ou a circuncisão, ou os sacrifícios e outros preceitos semelhantes, estão encerrados tão grandes mistérios que toda pessoa piedosa entende que nada há mais pernicioso que serem aceitos ao pé da letra, ou seja, de acordo com as palavras; mas nada mais salutar que serem revelados pelo espírito. Daí a sentença: ‘A letra mata, mas o Espírito comunica a vida’”.^[181] Contudo, expliquei essas palavras do Apóstolo dando-lhes outro sentido e, pelo que parece ou, antes, transparece nas realidades, muito mais adequadamente na obra intitulada *O espírito e a letra*, ainda que esse sentido não mereça ser rejeitado.

2 Disse também: “Há na religião duas categorias de pessoas dignas de louvor. Uma daqueles que já a encontraram, os quais também é preciso serem considerados muito felizes; a outra daqueles que a procuram com todo empenho e retidão”.^[182] Por essas palavras, se aqueles que a encontram, que dissemos já estarem em sua posse, de tal modo se consideram totalmente felizes, não nesta vida, mas naquela que esperamos e para a qual tendemos, nesse caso esse sentido não contém erro; pois há de se pensar que encontraram o que deviam procurar os que já estão ali aonde nós desejamos chegar, buscando e acreditando, ou seja, permanecendo no caminho da fé. Mas se se pensar que estes estão ou estiveram nesta vida, não me parece que isso seja verdade; não porque nesta vida não seja possível encontrar alguma verdade que se possa ver pela mente, e não crer pela fé, mas porque não é o bastante para torná-los perfeitamente felizes. Pois nem o que diz o Apóstolo: “Agora vemos em espelho e de maneira confusa”, e: “Agora meu conhecimento é limitado”, não se vê pela mente; vê-se, sim, mas os faz perfeitamente felizes. Com efeito, torna-os perfeitamente felizes o que disse: “Mas depois veremos face a face”, e: “Mas depois conhecerei como sou conhecido”.^[183] Os que a encontraram, deve-se dizer que estão estabelecidos na posse da felicidade, à qual conduz o caminho da fé no qual permanecemos e aonde pela fé desejamos chegar. Mas quem são esses perfeitamente felizes que já estão naquela posse aonde leva este caminho, é uma questão importante. E com respeito aos santos anjos que ali estejam, não há questão. Mas com razão se pergunta com relação aos homens santos já falecidos se pelo menos pode-se dizer que eles já estão nessa posse. Pois já estão despídos do corpo corruptível que pesa sobre a alma,^[184] mas ainda esperam a redenção de seu corpo,^[185] e sua carne descansa na esperança.^[186] Ainda não resplandece na futura incorrupção. Mas este não é o lugar para se investigar pela discussão se nada lhes falta para poderem

contemplar a verdade com os olhos do coração, como ficou dito, face a face. Da mesma forma o que eu disse: “Constitui grande felicidade saber as coisas importantes e honestas e também as divinas”, devemos referir à mesma felicidade. Pois nesta vida, por mais que se saiba a respeito dela, ainda não constitui a felicidade perfeita, porque dista muitíssimo o que dela se ignora.

3 E o que afirmei: “Que interessa muito distinguir se se retém com a garantia da razão algo, o que chamamos ‘saber’, ou se se deve confiar na tradição oral ou escrita, a qual transmite aos que vêm depois o que se deve crer; e um pouco depois: portanto, o que sabemos, devemo-lo à razão; e o que cremos, devemo-lo à autoridade”,^[187] não se há de entender de modo a termos receio de dizer no falar de cada dia que sabemos em que acreditamos por meio de testemunhas idôneas. Porque, quando falamos com propriedade, dizemos que sabemos somente o que compreendemos com razões sólidas da mente. Mas, quando falamos com palavras de uso corrente, como também fala a divina Escritura, não tenhamos dúvida em dizer que sabemos tanto o que percebemos pelos sentidos do nosso corpo como acreditamos em testemunhas fidedignas, contanto que percebamos a grande diferença entre esse saber e aquele.

4 Igualmente o que eu disse: “Ninguém duvida de que todos os homens são ou estultos ou sábios”,^[188] pode parecer diferente e contrário ao que se lê no terceiro livro sobre *O livre-arbítrio*: “Como se a natureza humana não apresentasse um meio-termo entre a estultice e a sabedoria”.^[189] Mas isso foi dito lá, quando se investigava sobre o primeiro homem, se foi criado sábio ou estulto ou nem desse ou daquele modo, pois não podíamos de forma alguma chamar estulto aquele que foi criado sem pecado, sendo a estultice um grande pecado; não aparece claro como poderíamos chamar sábio aquele que foi capaz de ser seduzido. E por isso quis dizer em resumo, como se a natureza humana não apresentasse um meio termo entre a estultice e a sabedoria. Considerava também as crianças, que, ainda que confessemos que contraem o pecado original, contudo não podemos chamá-las com propriedade nem sábias nem estultas, porque ainda não se guiam pelo livre-arbítrio tanto para o bem como para o mal. Agora, afirmei que todos os homens são ou estultos ou sábios, querendo dar a entender aqueles que já fazem uso da razão, pela qual se diferenciam dos animais para serem homens, assim como dizemos que todos os homens desejam ser felizes. Será que, nessa afirmação tão verdadeira e tão clara, tivemos receio de que se entendam também as crianças, que não são ainda capazes de querê-lo?

5 Ao mencionar em outra passagem o que o Senhor Jesus fez quando estava na carne, acrescentei o seguinte: “Por que, perguntas tu, não se fazem agora esses milagres? E respondi: porque não chamariam a atenção se não causassem admiração; contudo, se fossem rotineiros, não causariam admiração”.^[190] Eu o disse porque agora não se realizam nem tão grandes nem todos, não porque agora não aconteça nenhum.

6 Mas no fim do livro, eu disse: “Mas porque esta nossa conversa se prolonga mais do que se pensava, pomos aqui um final ao livro, no qual quero que te lembres que

ainda não comecei a refutar os maniqueus e não penetrei ainda naquelas cavernas nem abri algo importante sobre a Igreja católica, mas quis apenas extirpar de ti, se me fosse possível, a falsa opinião a nós insinuada com malícia e incompetência a respeito dos verdadeiros cristãos, e erguer-te a importantes e divinos ensinamentos. Por isso, este volume assim deve ser considerado; quando se aquietar mais o teu espírito, serei talvez mais expedito no restante”.^[191] Não afirmei tudo isso como se nada ainda tivesse escrito contra os maniqueus, ou nada tivesse editado sobre a doutrina católica, podendo apresentar os testemunhos de que não me calei sobre ambos os assuntos, tendo publicado anteriormente tantos volumes; mas neste livro, dirigido a ele, ainda não começara a refutar os maniqueus e não invadira ainda aquelas frivolidades, nem mostrara algo importante sobre a Igreja católica, porque esperava, após ter dado esse começo, escrever-lhe o que ainda não escrevera aqui.

Este livro começa assim: *Si mihi, Honorate, unum atque idem videretur esse* [Ó Honorato, se me parecesse ser um e o mesmo].

15. *As duas almas Contra os maniqueus*

livro único

1 Depois desse livro, sendo ainda presbítero, escrevi contra os maniqueus sobre *As duas almas*, das quais, conforme dizem, uma é parte de Deus, a outra procede do povo das trevas, não criado por Deus, mas coeterno com Deus; e cometem a loucura de dizer que num homem existem ambas as almas; uma boa, a outra má; ou seja, afirmam que essa má é própria da carne, a qual dizem que é também do povo das trevas; mas a boa, da parte que vem de Deus, que lutou com o povo das trevas, mesclou as duas; e atribuem as coisas boas do homem à alma boa, mas todos os males à alma má.

Neste livro, o que eu disse: “Não há vida alguma, de qualquer espécie, que pelo fato de ser vida e enquanto é vida não pertença à sublime fonte e princípio da vida”, [192] disse-o para que se entenda que, como criatura, pertence ao Criador, mas não se pense que é como uma parte dele.

2 Neste livro, o que eu disse: “Em parte alguma existe o pecado a não ser na vontade”, [193] os palacianos podem pensar que foi dito em favor da sua doutrina, devido às crianças, às quais negam ter o pecado, que lhes é perdoado no batismo, porque ainda não têm o arbítrio da vontade. Como se o pecado que, conforme dizem, contraem de Adão, ou seja, implicados em sua culpabilidade e, por isso, sujeitos à pena, pôde existir em alguma parte a não ser na vontade, com a qual foi cometido quando se deu a transgressão do preceito divino. Pode-se pensar também que é falsa a afirmação pela qual dissemos: “Em parte alguma existe o pecado, a não ser na vontade”, porque o Apóstolo afirmou: “Ora, se faço o que não quero... não sou mais eu que pratico a ação, mas o pecado que habita em mim”. [194] Pois esse pecado não está ainda na vontade, para poder dizer: “Faço o que eu quero”. Portanto, como é que o pecado não existe em parte alguma a não ser na vontade? Mas esse pecado do qual o Apóstolo assim falou denomina-se pecado porque foi cometido por causa do pecado e é pena do pecado, visto que se fala da concupiscência da carne, que ele manifesta nas palavras que vêm logo depois, dizendo: “Eu sei que o bem não mora em mim, isto é, na carne. Pois querer o bem está ao meu alcance; não, porém, praticá-lo”. [195]

A perfeição do bem consiste em que não exista no homem nem a própria concupiscência do pecado, no qual, quando se vive bem, a vontade não dá seu consentimento; sem embargo, não pratica o bem porque lhe é inerente a concupiscência à qual a vontade resiste; a culpabilidade dessa concupiscência é destruída pelo batismo, mas permanece a debilidade à qual todo fiel que vive retamente resiste com todo o empenho. Mas o pecado, que não está em parte alguma a não ser na vontade, deve-se considerar principalmente aquele que teve como consequência a condenação justa. Esse pecado entrou no mundo por um só homem; [196] ainda que também esse pecado, pelo qual se consente na concupiscência do pecado, não se comete a não ser pela vontade. Por isso, dissemos também em outro lugar: “Portanto, não é cometido senão pela vontade”. [197]

3 Em outra passagem, também defini a vontade, ao dizer: “A vontade é uma moção da alma com o objetivo de não perder ou de conseguir algo sem nenhuma coação”. [198] Isso o disse com a finalidade de mostrar a diferença entre um que quer e o outro que não quer, e, desse modo, a intenção se dirija àqueles que no paraíso foram a origem do mal para o gênero humano, sem que ninguém os obrigasse a pecar, ou seja, a pecar por livre vontade, pois coincidentemente procederam contra o preceito, e o tentador persuadiu-lhes a assim proceder, mas não os obrigou. [199] E o que pecou por ignorância pode-se dizer com razão que pecou não querendo, embora o que praticou por ignorância praticou-o, contudo, querendo; assim nem seu pecado se pode dizer que não estava na vontade. E essa vontade, como o disse a definição, foi uma moção da alma para não perder ou para conseguir algo sem nenhuma coação. Pois, se não quisesse, não teria praticado, não foi coagido a praticar. Portanto, praticou porque quis, ainda que tenha praticado o que quis ao ignorar ser pecado o que fez; assim, nem esse pecado deixou de estar na vontade, mas pela vontade de praticar, não pela vontade de pecar, mas a ação foi um pecado, pois praticou o que não devia praticar. O que peca coincidentemente, se pode resistir sem pecado à coação ao pecado, mas não resiste, certamente peca ao querer, pois o que pode resistir, não é obrigado a ceder. Mas o que não pode resistir à coação da concupiscência, usando bem da vontade e, por isso, procede contra os preceitos da justiça, isto já é pecado de modo a ser também pena do pecado. Consequentemente é verdade absoluta que não pode haver pecado sem o concurso da vontade.

4 Da mesma forma, a definição de pecado, onde dissemos: “O pecado é a vontade de reter ou conseguir o que a justiça proíbe, do qual é livre para se abster”, [200] é verdadeira, porque definiu o que é somente pecado, não o que é também pena do pecado. Pois, quando o pecado é tal que é também pena do pecado, o que pode a vontade sob o domínio da paixão senão talvez implorar ajuda, se for piedosa? Com efeito, na medida em que é livre, é porque na mesma medida foi libertada, [201] e nessa medida se denomina vontade. Em caso contrário, dever-se-ia denominá-la paixão em vez de vontade, que não é, como dizem os maniqueus por falta de bom senso, um acréscimo a uma natureza estranha, mas um desvio da nossa, da qual não se cura senão pela graça do Salvador. E se alguém afirma que mesmo a paixão nada mais é que a vontade, mas viciada e servidora do pecado, não duvidaria em aceitar, nem haveria de mover uma controvérsia a respeito de palavras, se existe a realidade. Assim demonstra-se também que, sem a vontade, não há pecado, seja atual, seja original.

5 Além disso, com respeito ao que afirmei: “Já começara a investigar se aquele gênero mau de almas, antes de o homem se misturar, teve alguma vontade. Pois, se não tinha, estava sem pecado e era inocente e, portanto, de forma alguma era mau”. [202] “Por isso, dizem eles, por que falais em pecado das crianças, cuja vontade afirmais não ter o reato do pecado?” Responde-se que se considera terem elas o reato do pecado não por causa de sua própria vontade, mas devido à sua origem. Com efeito, o que é todo homem pela sua origem, senão Adão? Além do mais, Adão tinha

certamente vontade, pela qual, depois que pecou, o pecado entrou no mundo por meio dele.^[203]

6 E da mesma forma, no que eu disse: “As almas não podem absolutamente ser más por natureza”, se pergunta como entendemos o que disse o Apóstolo: “Éramos por natureza como os demais, filhos da ira”,^[204] respondemos que nessas minhas palavras quis que se entendesse a natureza que é denominada natureza com propriedade, na qual fomos criados sem pecado. Pois esta se denomina natureza devido à origem, que tem um pecado, o que é contra a natureza.

E novamente, no que afirmei: “É sinal de maldade e insânia considerar alguém como réu de pecado porque não praticou o que não podia praticar”.^[205] “Por que, então, dizem eles, considerar que as crianças têm o reato do pecado?” Responde-se: porque são assim consideradas pela origem daquele que não fez o que podia fazer, ou seja, observar o preceito divino. Mas porque eu disse: “Essas almas, o que quer que seja que pratiquem, se praticam por natureza e não pela vontade, ou seja, se são carentes da moção livre da alma para praticar ou não praticar, se, finalmente, não lhes é concedido poder algum de se absterem de sua obra, não podemos considerá-las pecadoras”,^[206] a questão sobre as crianças não traz preocupação, porque são consideradas no reato do pecado pela origem daquele que pecou pela vontade, não carecia da livre moção da alma para praticar e para não praticar e tinha grande poder para se abster da má obra. Algo que os maniqueus não afirmam a respeito do povo das trevas, que inventam em suas fábulas e defendem que a natureza sempre foi má, nunca boa.

7 Contudo, pode-se indagar em que sentido eu disse: “mesmo que haja almas, o que, entretanto, é incerto, entregues a ofícios corporais não por causa do pecado, mas por natureza, e ainda que sejam inferiores tocam-nos, no entanto, por alguma vizinhança interior, nem por isso convém considerá-las más, porque, quando nós seguimos e amamos as coisas corporais, somos maus”; disse-o a respeito daquelas das quais começara a falar anteriormente, dizendo: “Ainda que se concorde com os maniqueus que somos seduzidos à torpeza por algum gênero inferior de almas, não concluem ou se elas são más por natureza ou se são o sumo bem”.^[207] E levei a discussão até essa passagem, onde disse: “Mesmo que haja almas, o que, entretanto, é incerto, entregues a ofícios corporais não por causa do pecado, mas por natureza” etc. Por isso, pode-se perguntar por que eu disse: “O que, entretanto, é incerto”, se não se deveria duvidar em absoluto que não existem tais almas.

Mas eu o disse porque comprovei, pelos que dizem, que o diabo e seus anjos são bons em seu gênero e na natureza, em que Deus os criou, são tais quais em sua ordem, mas são um mal para nós, se por eles somos excitados e seduzidos; se, porém, nos precavermos deles e os vencermos, são honra e glória. E para isso, os que o dizem, pareceu-lhes que podem aduzir testemunhos idôneos das Escrituras para prová-lo; ou o que está escrito no livro de Jó, quando descreve o diabo: “Este é o princípio da obra do Senhor, a qual fez para seus anjos se divertirem”,^[208] ou a sentença do salmo: “E o Leviatã que formaste para com ele brincar”.^[209]

Essa questão que devia tratar e resolver, não contra os maniqueus, que não pensam nisso, mas contra os outros que assim pensam, não quis abordar e resolver então para evitar que o livro se tornasse mais longo, ao perceber que, se concordasse com eles nisso, os maniqueus deveriam e já poderiam ser convencidos, quando propõem com desvairado erro que a natureza do mal é coeterna ao eterno Bem. Por isso, afirmei: “o que, entretanto, é incerto”, não porque eu disse duvidasse, mas porque essa questão não fora ainda resolvida entre mim e aqueles que assim pensam; essa questão eu a resolvi com clareza, na medida do possível, em outros livros posteriores sobre o Gênesis ao pé da letra de acordo com as santas Escrituras.

8 Disse em outro lugar: “Por isso pecamos ao amar as coisas corporais: porque tanto temos o preceito de amar as coisas espirituais como o podemos por natureza, e então tornamo-nos ótimos e deveras felizes em nosso gênero”.^[210] Pode-se perguntar por que podemos por natureza, e não pela graça. Mas a questão contra os maniqueus versava sobre a natureza. E, certamente, isso o faz a graça, para que a natureza curada, porque a viciada não pode, possa por meio daquele que veio buscar e salvar o que perecera.^[211]

Recordando então essa graça, orei pelos meus familiares íntimos que ainda estão presos a esse mortífero erro e disse: “Ó Deus grande, ó Deus onipotente, Deus de bondade infinita, a quem é lícito crer e entender como inviolável e incorruptível; ó Unidade Trina, que a Igreja católica adora, suplicante vos peço, tendo experimentado em mim a vossa misericórdia, que as pessoas, com as quais desde minha infância mantive a melhor harmonia em toda a nossa convivência, não permitais que divirjam de mim em vosso culto”.^[212] Ao orar assim, já estava convencido pela fé de que recebem ajuda da graça de Deus não somente os que se voltam para ele, para progredir e ser perfeitos, já que se pode dizer que essa graça é concedida pelos merecimentos de sua conversão, mas também é próprio da mesma graça que se convertam para Deus, pois orei por aqueles que estavam bem afastados dele e orei para que se convertam à sua graça.

Este livro começa assim: *Opitulante Dei misericordia* [Com o auxílio da misericórdia de Deus].

16. *Atas contra o maniqueu Fortunato*

livro único

1 Na mesma época do meu sacerdócio, disputei contra Fortunato, um presbítero dos maniqueus que vivera muito tempo em Hipona e seduzira tantas pessoas que, por causa delas, era-lhe grato viver ali. Esta discussão, enquanto debatíamos, foi registrada por estenógrafos, para elaborarem como que atas, pois fazem constar data e cônsules. Procuramos recolher os dados da discussão para elaborar um livro que ficasse para recordação. A questão versava sobre de onde procede o mal, afirmando eu que o mal no homem teve sua origem no livre-arbítrio da vontade, mas ele se esforçava para persuadir-me de que o mal era uma natureza coeterna com Deus. Mas no dia seguinte, confessou finalmente que nada encontrava para dizer-nos. Não se tornou católico, mas afastou-se de Hipona.

2 Neste livro, o que afirmei: “Digo que a alma foi criada por Deus, como todas as coisas que foram criadas por Deus; e entre os seres que o Deus onipotente criou, a alma tem a primazia”,^[213] eu o afirmei pretendendo que se entendesse em geral a respeito de toda criatura racional, embora, nas santas Escrituras, não se pode encontrar em absoluto nem facilmente que se denominem almas as dos anjos, como o dissemos anteriormente.

E disse também em outra passagem: “Digo que não há pecado se não se peca por vontade própria”;^[214] onde não pretendi dar a entender aquele pecado que não é, ao mesmo tempo, pena de pecado; com efeito, a respeito dessa pena falei em outra passagem o que devia dizer.^[215]

E disse também: “Para que depois a mesma carne, que nos atormenta nas penas, ao permanecermos em pecados, submeta-se a nós na ressurreição e não nos aflija nenhuma adversidade, de modo que possamos observar a lei e os preceitos”.^[216] Essa afirmação não deve ser entendida como se também no Reino de Deus, onde teremos um corpo incorruptível e imortal, a lei e os preceitos hão de ser tomados das divinas Escrituras; mas porque lá se observará com toda fidelidade a lei eterna, e os dois preceitos do amor de Deus e ao próximo^[217] não os observaremos na letra, mas no mesmo amor perfeito e eterno.

Esta obra começa assim: *Quinto calendas septembris, Arcadio Augusto bis et Rufino viris clarissimis consulibus* [Aos vinte e oito de agosto, sendo cônsules Arcádio II e Rufino, varões ilustríssimos].

17. *A fé e o símbolo*^[218]

livro único

Pela mesma época, sendo presbítero, na presença e por ordem dos bispos que realizaram em Hipona o concílio plenário da África, dissertei sobre *A fé e o símbolo*. Essa conferência, a instâncias de alguns deles, que me estimavam com mais afeto, passei para um livro, no qual se trata dos mesmos assuntos, mas não apresenta aquela contextura de palavras que se confiam aos competentes para guardá-las na memória.

Nesse livro, ao falar da ressurreição da carne, eu disse: “O corpo ressurgirá, de acordo com a fé católica, que não induz à falsidade. Isso parece incrível para quem agora pensa na carne, mas não tem em conta o que há de ser; pois, naquela transformação angélica, já não haverá mais carne e sangue, mas haverá corpo”,^[219] e o restante que ali abordei sobre a mudança dos corpos terrenos em corpos celestes, pois o Apóstolo disse, ao falar desse assunto: “A carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus”.^[220] Está claro que, por essas palavras, o Apóstolo não negou a existência futura da substância da carne no Reino de Deus, mas denominou, pelo nome de carne e sangue, ou os homens que vivem segundo a carne,^[221] ou a própria corrupção da carne, a qual então certamente não existirá. Com efeito, depois de ter dito: “A carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus”, compreende-se que tenha acrescentado, como que explicando o que dissera: “Nem a corrupção herdar a incorruptibilidade”.^[222] Acerca desse assunto difícil de que os fiéis se convençam, aquele que ler o último livro de *A cidade de Deus* verá que discorri sobre ele com a maior diligência que me foi possível.

Este livro começa assim: *Quoniam scriptum est* [Porque está escrito].

18. *Comentário literal ao Gênesis, inacabado*^[223]

livro único

Depois de escritos dois livros sobre o Gênesis contra os maniqueus, pelo fato de ter interpretado as palavras da Escritura no sentido alegórico e não me atrevia a explicar tão grandes segredos das coisas naturais ao pé da letra, isto é, como podiam ser entendidas de acordo com a propriedade histórica o que ali foi dito, quis experimentar minhas forças nessa empresa deveras trabalhosa e difícilima, mas meu tirocínio na explicação das Escrituras sucumbiu sob o tamanho do peso do fardo. E sem terminar um livro, descansei desse trabalho que não podia levar avante. Mas, ao fazer as retratações a meus opúsculos nesta obra, ela veio-me às mãos com suas imperfeições. Não a publicara e tinha determinado suprimi-la porque escrevi depois doze livros com o título *Comentário literal ao Gênesis*. Embora muitas coisas pareçam mais questionadas que resolvidas nesses livros, contudo, este não pode ser comparado àqueles. Mas este, depois de apresentar as retratações, quis que também permanecesse como um testemunho não inútil, assim penso, de minha aprendizagem na explicação e investigação das divinas Escrituras; e quis que seu título fosse: *Comentário literal ao Gênesis, inacabado*.

Descobri que o havia ditado até a estas palavras: “O Pai é somente Pai, o Filho não é outra coisa senão o Filho, porque, quando é denominado semelhança do Pai, embora mostre que não há qualquer dessemelhança, contudo, o Pai não é só, se tem uma semelhança”.^[224] Depois dessas palavras, repeti as palavras da Escritura que deveriam ser estudadas e tratadas: “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança”.^[225] Até aqui deixava ditado o livro incompleto.

Mas o que nele vem em seguida, considere que devia acrescentar quando fiz a retratação; mas nem assim o terminei, deixei-o inacabado mesmo depois do acréscimo. Pois, se o terminasse, teria discorrido pelo menos sobre todas as obras e palavras de Deus relativas ao sexto dia.^[226] Pareceu-me supérfluo mencionar o que neste livro me desagradava, ou defender o que, não sendo bem compreendido, possa desagradar a outros. Em suma, advirto que se prefiram ler os doze livros que escrevi muito tempo depois, sendo bispo, e se faça por eles um juízo a respeito deste.

Este livro começa assim: *De obscuris naturalium rerum, quae omnipotente Deo artifice facta sentimus, non affirmando, sed quaerendo tractandum est* [Vamos tratar, não afirmando, mas investigando, sobre as dificuldades encontradas nas coisas naturais que aceitamos terem sido feitas por Deus todo-poderoso e criador].

19. O sermão do Senhor na montanha^[227]

dois livros

1 Na mesma época, escrevi dois volumes sobre *O sermão do Senhor na montanha*, segundo Mateus. No primeiro dos livros, tendo em conta o que está escrito: “Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus”,^[228] eu disse: “A sabedoria é própria dos que promovem a paz, nos quais tudo já está posto em ordem, e não há neles nenhum movimento rebelde contra a razão, mas tudo obedece ao espírito do homem, que também obedece a Deus”.^[229] Isso causa estranheza pelo modo como o disse. Com efeito, a ninguém pode acontecer nesta vida que não tenha nos membros a lei que contraria a lei do espírito.^[230]

De fato, mesmo que o espírito do homem conseguisse resistir-lhe de modo a não cair em nenhum movimento, nem por isso se poderia dizer que não a contrariaria. Portanto, o que foi dito: “Não há neles movimento algum rebelde contra a razão”, pode-se aceitar nos que promovem a paz, se refrearem as concupiscências da carne até chegar um dia à paz mais perfeita.

2 Pelo que, ao que afirmei, depois de ter dito, repetindo a mesma sentença evangélica: “Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus”,^[231] acrescentei dizendo: “E essas coisas podem realizar-se nesta vida, assim como, conforme cremos, aconteceu aos apóstolos”.^[232] Devem-se entender essas palavras não que pensemos não ter havido nos apóstolos, durante esta vida, nenhum movimento da carne contrário ao espírito,^[233] mas cremos que isso pode acontecer aqui, como cremos ter acontecido aos apóstolos, ou seja, com aquela medida de perfeição humana em que pode haver perfeição nesta vida. Pois não foi dito: essas coisas podem acontecer nesta vida, pois acreditamos ter acontecido aos apóstolos. Mas foi dito: “Assim como, conforme cremos, aconteceu aos apóstolos”; de modo que aconteçam como aconteceu a eles, ou seja, com aquela perfeição da qual é capaz esta vida, não como há de acontecer naquela paz pleníssima que esperamos, quando se dirá: “Morte, onde está a tua vitória?”.^[234]

3 Em outra passagem, o testemunho que apresentei: “O Dom do Espírito é, na verdade, sem medida”,^[235] não tinha compreendido que se tratava propriamente de Cristo. Pois, se não se desse o Espírito aos outros homens na medida, Eliseu não pediria o duplo espírito possuído por Elias.^[236]

Do mesmo modo, ao explicar o que está escrito: “Não será omitido nem um só ‘i’, uma só vírgula da Lei, sem que tudo seja cumprido”,^[237] não disse que não se podia entendê-lo senão como uma forte expressão de perfeição.^[238] Onde se pergunta se essa perfeição se pode entender de tal modo que, contudo, seja verdade, que ninguém em uso do arbítrio da vontade possa viver aqui sem pecado. Pois, por quem a lei pode ser observada até nos mínimos pormenores senão por aqueles que cumprem todos os preceitos divinos? Mas nos mesmos preceitos há um que nos ordena dizer: “E perdoa-

nos as nossas dívidas como também nós perdoamos aos nossos devedores”;^[239] esta oração toda a Igreja a diz e dirá até o fim do mundo. Portanto, consideram-se cumpridos todos os mandamentos, quando é perdoado tudo o que não se faz.

4 Na verdade, o que disse o Senhor: “Aquele, portanto, que violar um só destes menores mandamentos e ensinar os homens a fazerem o mesmo etc.”, até aquela passagem onde diz: “se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, não entrareis no Reino dos Céus”,^[240] eu expliquei melhor e mais adequadamente em sermões meus posteriores; o que disse neste livro seria longo corrigir aqui. A esse respeito, o sentido ali leva a concluir que é maior a justiça daqueles que dizem e fazem do que a dos fariseus e escribas. Pois, referindo-se aos escribas e fariseus, o Senhor diz em outra passagem: “Pois dizem, mas não fazem”.^[241]

Também entendi melhor depois o que está escrito: “Aquele que se encolerizar contra seu irmão”.^[242] Pois os manuscritos gregos não registram: sem motivo, como aqui está registrado, ainda que o sentido seja o mesmo. Pois dissemos aquilo considerando o que significa “encolerizar-se contra seu irmão”, porque não se encoleriza contra o irmão aquele que se encoleriza contra o pecado do irmão. Portanto, aquele que se encoleriza contra seu irmão, e não contra o pecado dele, encoleriza-se sem motivo.

5 Da mesma forma, o que eu disse: “Isto se deve aplicar também ao pai e à mãe e aos demais vínculos de sangue, de modo que odiemos neles o que o gênero humano herdou ao nascer e ao morrer”,^[243] soa como se não houvesse esses parentescos, se ninguém morresse não existindo nenhum pecado, precedente à natureza humana; já desaprovei esse sentido anteriormente. Pois, de fato, há parentescos e afinidades; mesmo não existindo nenhum pecado original, o gênero humano cresceria e se multiplicaria. E, por isso, é preciso resolver de outro modo o porquê de o Senhor ter ordenado amar os inimigos,^[244] se em outra passagem ordenou odiar os pais e os filhos:^[245] não foi resolvido aqui, mas a resolvemos muitas vezes depois, ou seja, que amemos nossos inimigos para ganhá-los para o Reino, e odiemos os parentes, se são para nós um obstáculo para o Reino de Deus.

6 Neste livro, discorri meticulosamente sobre o preceito que proíbe abandonar a esposa, a não ser por motivo de fornicação,^[246] mas a que fornicação o Senhor se referiu, por cujo motivo é permitido abandonar a esposa? A que é condenada por adúlteros, ou aquela da qual está escrito: “Aniquilas todos os que te são infiéis”,^[247] na qual está também a primeira [pois se afasta do Senhor aquele que, tomando os membros de Cristo, os faz membros de uma meretriz].^[248] É assunto para nele se pensar e sobre ele investigar uma e outra vez. Não quero que o leitor, em assunto tão importante, difícil de resolver, considere ser suficiente para si nossa dissertação; mas leia também outras obras, tanto nossas, escritas depois, como de outros que sobre ele refletiram e dele trataram melhor; ou ele mesmo, se puder, examine com espírito vigilante e inteligente o que aqui lhe pode interessar com razão. Não porque todo pecado seja fornicação, pois nem todo aquele que peca é condenado por Deus, que

ouve todos os seus santos dizerem: “E perdoa-nos as nossas dívidas”,^[249] mas condena todo aquele que se afasta dele.^[250] Mas até onde se deve entender e quais são os limites desta fornicação, e se por causa dela é também permitido abandonar a esposa, é uma questão deveras obscura. E onde disse que é permitido, não ordenado, não tive em conta outro testemunho que diz: “O que retém [em casa] uma adúltera é um insensato e um ímpio”.^[251] Na realidade, eu não disse ser adúltera aquela mulher, mesmo depois de ter ouvido do Senhor: “Nem eu te condeno. Vai, e de agora em diante não peques mais”,^[252] se ouviu essas palavras e obedeceu.

7 Em outra passagem, o pecado mortal contra o irmão do qual fala o apóstolo João: “Mas não é a respeito deste que eu digo para que ore”,^[253] eu o defini a ponto de dizer: “O pecado mortal contra o irmão penso que existe quando alguém ofende a fraternidade depois de conhecer a Deus pela graça de nosso Senhor Jesus Cristo e se agita pelo furor da inveja contra a mesma graça que o reconciliou com Deus”.^[254] Isso certamente não o confirmei, pois disse que era uma opinião; mas tive de acrescentar: se ele chegar ao fim da vida neste mundo com tão criminosa perversidade da alma, pois não se deve perder a esperança a respeito da pior pessoa existente nesta vida, e convém orar por aquele de quem não se desespera.

8 Disse também no segundo livro: “A ninguém será lícito ignorar o Reino de Deus, se seu Unigênito veio do céu como homem-Senhor não apenas de modo inteligível, mas também visível, para julgar os vivos e os mortos”.^[255] Mas não percebo se se pode denominar com exatidão homem-Senhor aquele que é o Mediador de Deus e dos homens, o homem Cristo Jesus,^[256] sendo ele Senhor; quem, pois, não se pode denominar homem-senhor em sua santa família? E para me expressar assim, consultei alguns comentaristas católicos das palavras divinas. Mas em qualquer lugar onde eu disse, não gostaria de ter dito. Com efeito, percebi depois que não se deve expressar assim, embora se possa defendê-lo com alguma razão.

Da mesma forma, o que disse: “Quase não há ninguém cuja consciência possa odiar a Deus”,^[257] percebi que não deveria dizê-lo, pois são muitos os que deles está escrito: “Não te esqueças do rumor dos teus adversários”.^[258]

9 Em outra passagem, no que eu disse: “Por isso disse o Senhor: ‘A cada dia basta o seu mal’,^[259] porque a própria necessidade obrigará a tomar alimento; penso que o mal é assim denominado porque para nós é castigo; está, portanto, relacionado com esta fragilidade que merecemos pecando”,^[260] não tive em conta que aos primeiros homens foram-lhes dados no paraíso alimentos corporais, antes de terem merecido pelo pecado essa pena de morte. Pois eram de tal modo imortais com o corpo ainda não espiritual, mas animal, que na imortalidade do corpo se serviam de alimentos corporais.

Do mesmo modo o que afirmei:^[261] “A qual Igreja, gloriosa, Deus escolheu, sem manchas nem rugas”,^[262] não o disse porque já é tal totalmente, embora não duvidasse ter sido escolhida para isso, para ser assim quando Cristo, sua vida,

aparecer; pois então ela também aparecerá com ele na glória;^[263] devido a essa glória foi denominada gloriosa.

Da mesma forma, sobre o que o Senhor disse: “Pedi e vos será dado; buscai e achareis; batei e vos será aberto”,^[264] pensei explicar com dificuldade em que se diferenciam as três partes; mas muito melhor, se tivesse explicado que se referem a uma perseverante petição. De fato, revela isto onde concluiu tudo com uma só palavra: “Quanto mais o vosso Pai, que está nos céus, dará coisas boas aos que lhe pedem”,^[265] pois não disse: aos que pedem, aos que buscam, aos que batem.

Esta obra começa assim: *Sermonem quem locutus est Dominus* [O sermão que o Senhor proferiu].

20. Salmo contra a seita de Donato

Desejando fazer chegar ao conhecimento do povo mais humilde e sobretudo dos ignorantes e dos iletrados a causa dos donatistas, para que a pudessem gravar na memória, na medida do possível, compus em latim um salmo que lhe fosse cantado, mas até a letra V. Esses versos recebem o nome de alfabéticos. Mas omiti as três últimas letras; acrescentei, porém, um final como epílogo, como se a mãe Igreja lhes estivesse falando. Mesmo o refrão [estribilho], que servia de resposta, e o prólogo da causa, dos quais nada se cantava, não seguem a ordem das letras; pois sua ordem começa depois do prólogo. Mas não o quis compor num gênero poético, evitando que a necessidade da métrica me obrigasse a empregar palavras menos usadas pelo vulgo.

Este salmo começa assim: *Omnes qui gaudetis pace, modo verum judicate* [Todos vós, que gozais de paz, julgai agora onde está a verdade].

21. Réplica à carta do herege Donato^[266]

livro único

1 Na mesma época do meu sacerdócio, escrevi também um livro contra uma carta de Donato, que foi o segundo bispo da seita de Donato em Cartago, depois de Maiorino. Nessa carta ele diz que o batismo de Cristo consiste apenas na comunhão com ele, ao qual nos opomos neste livro.

Em certa passagem falei a respeito do apóstolo Pedro que sobre ele, como sobre uma pedra, foi fundada a Igreja. Este sentido é também cantado pela boca de muitos dos versos do beatíssimo Ambrósio, onde fala do canto do galo: “Ele, pedra da Igreja / Chora sua culpa ao cantar o galo”.

Mas sei que expliquei depois muitas vezes que o dito pelo Senhor: “Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja”, se entendesse sobre aquele que Pedro confessou, ao dizer: “Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo”,^[267] e assim Pedro, denominado “pedra”, significaria a pessoa da Igreja que é edificada sobre esta pedra, e recebeu as chaves do Reino dos Céus. Pois não lhe foi dito: “Tu és pedra”; mas: “Tu és Pedro”.^[268] “E essa rocha era Cristo”,^[269] a quem Pedro confessou, como é a fé de toda a Igreja, e foi chamado Pedro. Mas entre as duas opiniões, o leitor escolha a mais provável.

2 Afirmei em outra passagem: “Deus não procura a morte de ninguém”. Deve-se entender assim: que o homem adquiriu para si a morte abandonando a Deus, e também a adquire aquele que não recorre a Deus, conforme está escrito: “Mas Deus não fez a morte”.^[270] Mas não é menos verdadeiro este testemunho: “Vida e morte... tudo vem do Senhor”,^[271] ou seja, a vida do doador, a morte do vingador.

3 Disse também em outro lugar que Donato, cuja carta eu refutava, tinha suplicado que o imperador nomeasse como juízes entre ele e Ceciliano bispos de ultramar, mas é mais provável que não o fez este Donato, mas um outro Donato, mas do mesmo cisma. Mas aquele não era bispo donatista em Cartago, mas de Casis-Nigris, o qual foi o primeiro a introduzir o abominável cisma em Cartago. Nem foi, certamente, Donato de Cartago quem determinou que os cristãos fossem rebatizados, em que eu pensava quando respondia à sua carta. Também não foi ele quem eliminou do meio de uma sentença palavras indispensáveis para seu sentido, onde está escrito: “O que se purifica do contato com morto, que proveito tira de sua ablução?”. Mas nós, antes que existisse a seita de Donato, aprendemos depois que muitos manuscritos, certamente africanos, tinham sido elaborados, de modo a não ter no meio: “E de novo o toca”. Se eu disso soubesse, não teria dito tantas coisas contra ele, como contra um ladrão ou corruptor da palavra divina.

Este livro começa assim: *Abs te ipso praesente audieram* [Ouvira de ti presente].

22. Réplica a Adimanto Discípulo de Mani

livro único

1 Na mesma época chegaram às minhas mãos algumas dissertações de Adimanto, que fora discípulo de Mani, as quais escreveu contra a lei e os profetas, pretendendo demonstrar que os escritos evangélicos e apostólicos lhes eram contrários. Respondi-lhe, repetindo suas palavras e dando-lhes minha resposta. Concluí esta obra com um só volume e nele respondi a algumas questões não uma, mas duas vezes, porque se perdera a primeira resposta e então se encontrou quando já havia respondido pela segunda vez. Na verdade, resolvi algumas das questões nos sermões ao povo na igreja; a algumas ainda não respondi; algumas ficaram de lado perante outros assuntos mais urgentes, sem contar o acúmulo do esquecimento.

2 Neste livro, pois, eu disse: “Antes da vinda do Senhor, aquele povo, que recebeu o Antigo Testamento, se mantinha por algumas sombras e figuras das realidades, conforme a disposição admirável e bem ordenada dos tempos. Contudo, há nele tanta pregação e anúncio do Novo Testamento que nada se encontra na doutrina evangélica e apostólica, embora sejam preceitos e promessas divinas e difíceis que estão faltando nos livros antigos”.^[272] Mas era preciso acrescentar: “quase”, e ter dito: “Que quase nada se encontra na doutrina evangélica e apostólica, embora sejam preceitos e promessas divinas que estão faltando nos livros antigos”. Pois, por que o Senhor diz no sermão evangélico na montanha: “Ouvistes o que foi dito aos antigos, [...] eu, porém, vos digo”,^[273] se ele nada mais ordenou senão o que o preceito estabelecia naqueles livros antigos? Além disso, não lemos que o Reino dos Céus foi prometido àquele povo entre as promessas feitas após a Lei ter sido entregue por meio de Moisés no Monte Sinai,^[274] Lei que se denomina com propriedade Antigo Testamento, que foi prefigurado, conforme o Apóstolo, por meio de Sara e de seu filho; mas também o Novo foi figurado por meio de Sara e seu filho.^[275]

Portanto, se se examinam as figuras, encontram-se ali todas as profecias que se fizeram realidades ou se esperam serão realidades por meio de Cristo. Sem embargo, devido a que alguns preceitos, não figurados, mas apresentados na realidade, se encontram não no Antigo Testamento, mas no Novo, deveria dizer-se com mais cautela e prudência: “Quase nada do que se encontra”, pois podia existir no Novo Testamento o que não existe no Antigo, ainda que no Antigo estejam os dois preceitos sobre o amor de Deus e do próximo,^[276] onde estão resumidos com razão todos os preceitos tanto da Lei e dos Profetas como os evangélicos e apostólicos.^[277]

3 Da mesma forma o que eu disse: “O nome dos filhos se entende de três maneiras nas santas Escrituras”,^[278] foi dito um tanto irrefletidamente, visto que, sem dúvida, omitimos outras maneiras; assim, se diz filho da geena,^[279] ou filho adotivo,^[280] os quais se entendem não segundo a natureza, nem segundo a ciência, nem segundo a imitação. Das três maneiras, como se fossem as únicas, citamos exemplos segundo a natureza, como os judeus filhos de Abraão,^[281] segundo a ciência, como o Apóstolo

chama de seus filhos aqueles a quem ensinou o Evangelho,^[282] segundo a imitação, como nós que somos filhos de Abraão, cuja fé imitamos.^[283]

Mas afirmei:^[284] “Quando tiver revestido a incorruptibilidade e a imortalidade, já não haverá carne e sangue”,^[285] foi afirmado sobre a carne segundo a corrupção carnal, não segundo a carne futura, não segundo a substância, mas segundo aquela em que o corpo do Senhor foi denominado carne mesmo depois da ressurreição.^[286]

4 Disse em outro lugar: “Se alguém não mudar a vontade, não pode praticar o bem, que ele ensina em outra passagem, depende de nossa vontade, quando diz: ‘Ou declarais que a árvore é boa e o seu fruto é bom, ou declarais que a árvore é má e o seu fruto é mau’”.^[287] Isso não é contra a graça de Deus que pregamos. Pois depende do homem mudar para melhor a vontade; mas essa vontade não existe se não é dada por Deus, do qual foi dito: “Deu [lhes] deu o poder de se tornarem filhos de Deus”.^[288] Como está em nosso poder o que fazemos quando queremos, nada está mais no poder que a própria vontade; mas “a vontade do homem é preparada pelo Senhor”.^[289] Desse modo, portanto, ele dá o poder. Do mesmo modo se deve entender o que eu disse depois: “Que está em nosso poder que mereçamos ou ser inseridos à bondade de Deus ou ser excluídos por sua severidade”,^[290] pois não está em nosso poder senão o que segue a nossa vontade, a qual, como é disposta forte e capaz pelo Senhor, facilmente se faz uma obra de piedade, mesmo o que seja difícil e impossível.

Este livro começa assim: *De eco quedo scriptum est: in principio fecit Deus caelum et terram* [Sobre o que está escrito: “No princípio Deus fez o céu e a terra”].

23. Explicação de algumas proposições da Carta do Apóstolo aos Romanos^[291]

1 Sendo ainda presbítero, aconteceu que se lia a Carta do Apóstolo aos Romanos entre nós que vivíamos juntos em Cartago, e os irmãos fizeram-me perguntas, e, ao respondê-las, como me era possível, eles quiseram que as escrevesse antes que se perdesse, sem escrever, o que eu dizia. Como lhes obedecesse, um livro a mais se juntou a meus opúsculos anteriores.

Neste livro, eu disse: “Mas o que o Apóstolo disse: ‘Sabemos que a Lei é espiritual, mas eu sou carnal’”,^[292] “mostrou sobejamente que a Lei não poder ser cumprida senão pelos espirituais, que assim os faz a graça de Deus”. Eu não quis certamente que isso se referisse à pessoa do Apóstolo, que já era espiritual, mas à pessoa do homem posto sob a Lei, ainda não sob a graça.^[293] Pois assim entendia antes essas palavras, as quais, tendo lido depois alguns comentaristas das palavras divinas, cuja autoridade me convencia, examinei com mais cuidado e percebi que podiam referir-se ao próprio Apóstolo, que disse: “Sabemos que a Lei é espiritual, mas eu sou carnal”, o que mostrei com cuidado, como me foi possível nos livros que escrevi há pouco contra os pelagianos.

Portanto, neste livro, o que foi dito: “Mas eu sou carnal, e o restante até a passagem onde ele diz: ‘Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte? Graças sejam dadas a Deus, por Jesus Cristo Senhor nosso’”,^[294] afirmei que o homem, descrito ainda sob a Lei, não estabelecido ainda sob a graça, quer proceder bem, mas faz o mal vencido pela concupiscência da carne.^[295] Dessa sujeição à concupiscência não o liberta senão a graça de Deus por Jesus Cristo Senhor nosso, pelo Dom do Espírito Santo, por cujo meio é derramada a caridade em nossos corações,^[296] vence as paixões da carne, de modo que não lhes consentamos para fazer o mal, mas, antes, façamos o bem [...].

Assim fica destruída a heresia pelagiana, segundo a qual a caridade não vem de Deus para nós, mas de nós, e por ela vivemos bem e piedosamente. Mas nos livros que publicamos contra eles provamos que essas palavras se aplicam melhor ao homem espiritual e já estabelecido sob a graça por causa do corpo de carne, que não é ainda espiritual, mas o será na ressurreição dos mortos. E devido à mesma concupiscência da carne, contra a qual de tal modo pelejam os santos, não lhes dando consentimento para o mal, que não ficam isentos nesta vida de seus movimentos, aos quais se opõem, afastando-os; mas não os terão naquela vida, onde a morte será absorvida pela vitória.^[297] Assim, por causa dessa concupiscência e seus movimentos, aos quais de tal modo resistem que, apesar de estarem em nós, qualquer santo já estabelecido sob a graça pode dizer todas essas palavras que aqui disse. Como palavras do homem ainda não estabelecido sob a graça, mas sob a Lei.^[298] Demonstrar-lo agora seria longo, e já indiquei onde o demonstrei.^[299]

2 Da mesma forma, discorrendo sobre o que Deus elegeu naquele que ainda não nascera, ao qual disse que serviria ao mais velho, e o que reprovou do mesmo modo no mais velho ainda não nascido,^[300] dos quais, por isso, faz menção, embora muito

depois, o citado testemunho profético: “Amei a Jacó e aborreci a Esaú”,^[301] conduzi a argumentação para poder dizer: “Portanto, Deus não escolheu em sua presciência as obras de cada um, as quais ele mesmo daria, mas escolheu a fé em presciência, de modo que, sabendo com antecedência aquele que nele acreditaria, escolheu aquele a quem daria o Espírito Santo, a fim de que alcançasse mesmo a vida eterna pelas boas obras”.^[302] Ainda não havia feito investigação cuidadosa, nem havia descoberto qual é a eleição da graça, da qual diz o Apóstolo: “Constituiu-se um resto segundo a eleição da graça”,^[303] a qual não é certamente graça se a precedem alguns merecimentos, nem mesmo o que é dado, não segundo a graça, mas segundo o débito, é devolvido antes pelos méritos do que por uma doação.

Por isso, o que eu disse em continuação: “Pois diz o Apóstolo: ‘É o mesmo Deus que realiza tudo em todos’,^[304] mas em parte alguma foi dito: ‘É Deus que crê tudo em todos’”; e acrescentei em seguida: “Portanto, o que cremos é nosso, mas que façamos o bem é daquele que outorga o Espírito Santo aos que creem”;^[305] na verdade não o diria, se já soubesse que também a própria fé se encontra entre os dons de Deus, que são outorgados no Espírito. Ambas são nossas pelo arbítrio da vontade; contudo, ambas nos são dadas pelo Espírito de fé e de caridade. Não somente a caridade, mas, como está escrito: “Amor e fé da parte de Deus, o Pai, e do Senhor Jesus Cristo”.^[306]

3 E o que eu disse um pouco depois: “Pois pertence a nós crer e querer, mas a ele pertence dar aos que creem e querem a faculdade de realizar boas obras pelo Espírito Santo, pelo qual é ‘derramado o amor em nossos corações’”,^[307] é sem dúvida verdade se, pela mesma regra, ambos sejam dele, pois ele prepara a vontade,^[308] e ambos são nossos, pois nada se faz se não queremos. E por isso, o que também disse depois: “Porque não podemos querer se não somos chamados; e ao querermos depois do chamado, não bastam nossa vontade e nosso concurso se Deus não outorgar forças aos que correm e conduzi-los aonde ele chama”; e em seguida acrescentei: “Está claro, portanto, que o agir bem não depende daquele que quer, nem daquele que corre, mas de Deus que concede misericórdia”,^[309] é, sem dúvida, verdade. Mas discorri pouco sobre o próprio chamado, que se realiza de acordo com o desígnio de Deus;^[310] pois não é assim com todos, mas somente com os eleitos.

Além disso, o que afirmei um pouco depois: “Pois assim como naqueles que Deus escolhe não são as obras, mas a fé que dá início aos méritos para se praticar boas obras pela graça de Deus, assim, naqueles que ele condena, a infelicidade e a impiedade dão início ao merecimento do castigo”, disse-o como uma grande verdade, mas não pensei em investigar nem disse que o próprio mérito da fé é dom de Deus.

4 Em outra passagem, eu disse: “Pois de quem se compadece, excita-o a praticar boas obras, e a quem endurece,^[311] abandona-o para agir mal. Mas aquela misericórdia também se atribui ao mérito precedente da fé, e este endurecimento, à impiedade precedente”.^[312] O que, realmente, é verdade; mas haveria que investigar se também o mérito da fé vem da misericórdia de Deus, isto é, se essa misericórdia se realiza no homem por isso, porque é fiel, ou se se realiza para que seja fiel. Pois

lemos e o Apóstolo diz: “Como quem alcançou misericórdia do Senhor para ser fiel”; [313] não disse: porque era fiel. Portanto, é concedida certamente ao fiel, mas é outorgada também para ser fiel. Com efeito, eu me expressei com exatidão em outra passagem no mesmo livro: “Porque, se também somos chamados não pelas obras, mas pela misericórdia de Deus, e ela é concedida aos que creem para praticar boas obras, os pagãos não devem invejar essa misericórdia”, [314] embora tenha discorrido ali com menos diligência sobre o chamado que acontece por desígnio de Deus.

Este livro começa assim: *Sensus hi sunt in epistula Pauli ad Romanos* [É este o sentido na Carta de Paulo aos Romanos].

24. Explicação da Carta aos Gálatas^[315]

livro único

1 Depois desse livro, expliquei a Carta do Apóstolo aos Gálatas, não comentando aqui e ali, ou seja, omitindo alguns versículos, mas de modo contínuo e toda ela. Reuni, porém, toda a explicação num só livro.

Nele, o que foi dito: “Portanto, são dignos de crédito os primeiros apóstolos que foram enviados não pelos homens, mas por Deus, por meio de um homem, ou seja, por Jesus Cristo ainda mortal. Digno de crédito era também o último dos apóstolos que foi enviado por Jesus Cristo, já Deus perfeito depois da ressurreição, devido à imortalidade foi dito: já Deus perfeito”, a qual começou a possuir depois da ressurreição, não devido à divindade, que é sempre imortal, da qual nunca se despojou, na qual é inteiramente Deus, mesmo quando teve que morrer. As palavras seguintes revelam este sentido: “Os primeiros são os apóstolos enviados por Jesus Cristo, ainda em parte homem, isto é, mortal; o último é o apóstolo Paulo enviado por Jesus Cristo já inteiramente Deus, ou seja, completamente imortal”. Pois eu o afirmei ao explicar o que disse o Apóstolo: “Não da parte dos homens nem por intermédio de um homem, mas por Jesus Cristo e Deus Pai”, como se Jesus Cristo já não fosse homem. Pois continua: “Que o ressuscitou dentre os mortos”,^[316] para mostrar por que dissera: nem por intermédio de um homem. Por isso, devido à imortalidade, Cristo Deus não é agora um puro homem, mas pela substância da natureza humana, na qual subiu ao céu, é também agora mediador de Deus e dos homens, o homem Cristo Jesus,^[317] pois virá assim como o viram os que o viram indo para o céu.^[318]

2 E o que eu disse: “É graça de Deus aquela pela qual nos são perdoados os pecados para alcançarmos a reconciliação com Deus, mas é a paz que nos alcança a reconciliação”,^[319] deve-se entender de tal modo que saibamos que ambas dizem respeito à graça geral de Deus, tal como no povo de Deus, onde uma coisa era Israel em particular, outra coisa era Judá; mas ambos eram Israel em geral.

A mesma coisa, ao explicar: “Por que, então, a Lei? Foi acrescentada em vista das transgressões”,^[320] considerei que era preciso fazer pausa, de modo que a pergunta fosse: “Por que, então?”, e em seguida a resposta: “A Lei foi acrescentada em vista das transgressões”. Esta pontuação não está contra a verdade, mas parece melhor essa pausa, de modo que a pergunta seja: “Por que, então, a Lei?”. E se deduza a resposta: “Foi acrescentada em vista das transgressões”.

Mas o que afirmei: “Assim, como que dando uma norma: ‘Por que, se vos conduzis pelo Espírito, não estais mais sob a Lei’, para entendermos que estão sob a Lei aqueles cujo espírito de tal modo deseja contra a carne que não fazem o que querem, ou seja, não se considerem invictos na caridade da justiça, mas sejam vencidos pela carne que deseja mal contra si”,^[321] isso tem o sentido que eu pensava haver no que foi dito: “A carne tem aspirações contrárias ao espírito e o espírito contra a carne. Eles se opõem reciprocamente, de sorte que não fazeis o que quereis”,^[322] ou seja, isso diz respeito aos que estão sob a Lei, não ainda sob a graça.^[323]

Ainda não entendera que essas palavras convinhem também àqueles que estão sob a graça, não sob a Lei,^[324] porque também eles não gostariam de ter, se pudessem, os desejos da carne, contra os quais desejam pelo espírito, ainda que não lhes deem seu consentimento. E, portanto, não fazem o que querem, porque querem estar isentos desses desejos, mas não podem. Então não os terão, quando tiverem a carne incorruptível.

Este livro começa assim: *Causa propter quam scribit Apostolus* [O motivo pelo qual o Apóstolo escreve aos gálatas é este].

25. Explicação incoada da Carta aos Romanos^[325]

livro único

Empreendi a tarefa de explicar a Carta aos Romanos, assim como a Carta aos Gálatas. Mas seriam muitos os livros desta obra, se a terminasse. Terminei apenas um deles, discorrendo sobre a saudação, ou seja, do princípio até o ponto onde diz: “Graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo”.^[326] Aconteceu que nos demoramos ao querermos resolver a difícil questão, que incidiu sobre o pecado contra o Espírito Santo, pecado que não é perdoado nem neste mundo nem no mundo futuro.^[327] Mas depois, deixei de acrescentar outros livros, explicando a carta inteira, amedrontado perante a magnitude e dificuldade da obra, e parti para outras obras mais fáceis. O fato é que deixei apenas um livro, cujo título quis que fosse: *Comentário incoado à Carta aos Romanos*.

Onde afirmei: “Que a graça está na remissão dos pecados, mas a paz consiste na reconciliação com Deus”, em todas as passagens onde o disse não se deve entender como se a graça e a paz não estivessem incluídas na graça geral, mas, sim, que sob o nome da “graça” esteja significadamente especificamente a remissão dos pecados. Assim como dizemos “Lei” especificamente, de acordo com o que foi dito: “A Lei e os Profetas”,^[328] e também de um modo geral incluindo também os profetas.

Este livro começa assim: *In Epistula quam Paulus apostolus scripsit ad Romanos* [Na carta que o apóstolo Paulo escreveu aos romanos].

26. Oitenta e três questões diversas

livro único

1 Entre as obras que escrevemos, há uma extensa, considerada, no entanto, como um único livro que traz o título: *Oitenta e três questões diversas*. Como as questões estivessem dispersas em muitas fichas, com a finalidade de que as encontrasse facilmente quem as desejasse ler, sendo já bispo, ordenei que fossem reunidas para compor um livro, depois de numerá-las. Pois, desde os primeiros tempos de minha conversão e depois de voltarmos para a África, foram ditadas em qualquer ordem, conforme os irmãos me faziam perguntas, ao me verem com tempo livre.

2 A primeira destas questões é: *A alma existe por si mesma?*

A segunda: *O livre-arbítrio.*

A terceira: *O homem é mau por ter a Deus como seu autor?*

A quarta: *Qual a causa de o homem ser mau?*

A quinta: *O animal irracional pode ser feliz?*

A sexta: *O mal.*

A sétima: *O que se denomina alma com propriedade no ser animado?*

A oitava: *A alma se move por si mesma?*

A nona: *Os sentidos corporais podem perceber a verdade?* – Nesta questão, o que afirmei: “Tudo o que os sentidos corporais percebem, o que se denomina também ‘o sensível’, sofre mudança sem interrupção de tempo”, não é verdade, sem dúvida, com relação aos corpos incorruptíveis depois da ressurreição; mas agora nenhum sentido de nosso corpo pode perceber como nossos corpos serão, a não ser que Deus revele algo a esse respeito.

A décima: *O corpo foi criado por Deus?*

A décima primeira: *Por que Cristo nasceu de mulher?*

A décima segunda, cujo título é: *Opinião de um sábio*, não é minha; mas considerando que a dei a conhecer a alguns irmãos que então estavam recolhendo com muita solicitude estas minhas questões, e como lhes aprouve, quiseram inscrevê-la entre nossas respostas. Seu autor é certo Fonteu de Cartago, e trata da necessária mudança da mente para ver a Deus; escreveu-a sendo pagão, mas faleceu como cristão batizado.

A décima terceira trata de como se prova que os homens são superiores aos animais.

A décima quarta: *O corpo de nosso Senhor Jesus Cristo não era um fantasma.*

A décima quinta: *O entendimento.*

A décima sexta: *O Filho de Deus.*

A décima sétima: *A ciência de Deus.*

A décima oitava: *A Trindade.*

A décima nona: *Deus e a criatura.*

A vigésima: *O lugar de Deus.*

A vigésima primeira: *Deus não é o autor do mal.* Nesta questão é preciso ter cuidado para não se interpretar mal o que eu disse: “Assim, não é causa do mal

aquele que é o autor de todas as coisas, visto que todas as coisas são boas na medida em que são boas”, e não se julgue por isso que não procedem os castigos para os maus, os quais certamente são um mal para os que são castigados. Mas assim me expressei no mesmo sentido em que foi dito: “Deus não fez a morte”,^[329] e, no entanto, em outra passagem está escrito: “Vida e morte, tudo vem de Deus”.^[330] Portanto, o castigo dos maus, que procede de Deus, é na verdade um mal para os maus, mas está entre as obras boas de Deus, pois é justo que os maus sejam castigados, e tudo o que é justo é evidentemente bom.

A vigésima segunda: *Deus de nada necessita.*

A vigésima terceira: *O Pai e o Filho.* Onde eu disse: “O mesmo gerou a Sabedoria pela qual se denomina sábio”. Mas depois tratei melhor dessa questão no livro *A Trindade.*

A vigésima quarta: *O pecado e a boa obra estão no livre-arbítrio da vontade.* É absolutamente verdade que estão, mas o homem é libertado pela graça de Deus para ser livre e para obrar retamente.

A vigésima quinta: *A cruz de Cristo.*

A vigésima sexta: *A diferença de pecados.*

A vigésima sétima: *A Providência.*

A vigésima oitava: *Por que Deus quis criar o mundo?*

A vigésima nona: *Há alguma coisa acima ou debaixo no universo?*

A trigésima: *Tudo foi criado para utilidade do homem?*

A trigésima primeira não é minha, mas de Cícero; no entanto, porque a dei a conhecer aos irmãos, escreveram-nas entre as minhas questões que estavam recolhendo, pois queriam saber como se dividiam e se definiam as virtudes da alma.

A trigésima segunda: *Alguém compreende uma coisa melhor que outro, e a compreensão de uma coisa progride até o infinito?*

A trigésima terceira: *O medo.*

A trigésima quarta: *Não se deve amar outra coisa senão não ter medo?*

A trigésima quinta: *O que se deve amar?* – Nesta questão, o que eu disse: “Deve ser amado aquilo que nada mais é que conhecê-lo”, não o aprovo totalmente. Pois não tinham um Deus aqueles a quem foi dito: “Não sabeis que sois um templo de Deus e que o Espírito Santo habita em vós?”;^[331] contudo não o conheciam, ou não o conheciam como deve ser conhecido. A mesma coisa o que eu disse: “Ninguém conhece a vida feliz e é infeliz; conhece”, disse eu, como deve ser conhecida. Pois quem não a conhece totalmente pelo menos dentre os que possuem o uso da razão, pois sabem que querem ser felizes?

A trigésima sexta: *O dever de alimentar a caridade,* onde eu disse: “Deus e a alma, pela qual ele é amado, denomina-se com propriedade caridade mais pura e realizada, se não se ama outra coisa”. Se isso é verdade, como o Apóstolo diz: “Ninguém jamais quis mal à sua carne?”^[332] Por isso exorta os maridos a amar suas esposas.^[333] Por essa razão eu disse: “Denomina-se com propriedade caridade”, pois se ama a carne certamente, mas não falando com propriedade, mas por causa da alma à qual está sujeita e dela se utiliza. Com efeito, embora pareça ser amada por si mesma, ao não a querermos disforme, sua honra deve referir-se a outra coisa, ou seja, àquilo do qual procede tudo o que é.

A trigésima sétima: *O sempre nascido.*

A trigésima oitava: *A conformação da alma.*

A trigésima nona: *Os alimentos.*

A quadragésima: *Se a natureza das almas é uma só, de onde procedem as diversas vontades dos homens?*

A quadragésima primeira: *Se Deus criou todas as coisas, por que não as criou iguais?*

A quadragésima segunda: *Como a Sabedoria de Deus, o Senhor Jesus Cristo, esteve ao mesmo tempo no ventre de sua mãe e nos céus?*

A quadragésima terceira: *Por que o Filho de Deus apareceu como homem, e o Espírito Santo, em forma de pomba?*

A quadragésima quarta: *Por que o Senhor Jesus Cristo veio tão tarde?* – Quando falei das idades do gênero humano como idade de um só homem, eu disse: “Também não foi conveniente que o Mestre viesse não como jovem, de um modo divino, a cuja imitação o homem se formasse em costumes exemplares”. E que fortalecia essa afirmação o que o Apóstolo diz, ou seja, que os párvulos foram guardados sob a Lei que lhes serviu de guia.^[334] Mas essa afirmação pode levar alguém a perguntar por que Cristo veio na sexta idade do gênero humano, como que na sua velhice. Respondo assim: o que foi dito sobre a juventude refere-se ao vigor e ardor da fé que obra pelo amor,^[335] mas o referente à velhice corresponde à divisão dos tempos. Com efeito, pode-se entender ambos os sentidos no universo dos homens, o que não é possível ao se falar das idades de cada um; se no corpo não podem coexistir a juventude e a velhice, é possível na alma – aquela pela jovialidade e esta pela maturidade.

A quadragésima quinta: *Contra os matemáticos.*

A quadragésima sexta: *As ideias.*

A quadragésima sétima: *Podemos ver alguma vez nossos pensamentos?* – Onde eu disse: “Os corpos angélicos, aos quais esperamos possuir semelhantes, é de se crer que são muito cheios de luz e etéreos”, se isso se entende sem os membros que agora possuímos e sem a substância da carne, embora incorruptível, é um erro. Desta questão, ou seja, sobre a visão de nossos pensamentos, tratei muito melhor na obra *A cidade de Deus*.^[336]

A quadragésima oitava: *O que se deve crer.*

A quadragésima nona: *Por que os filhos de Israel sacrificavam visivelmente vítimas de animais?*

A quinquagésima: *A igualdade do Filho.*

A quinquagésima primeira: *O homem criado à imagem e semelhança de Deus.*^[337] – O que significa o que afirmei: “Um homem sem vida não se denomina homem se se fala corretamente”, se mesmo o cadáver de um homem se denomina homem? Por isso deveria ter dito: “Não se denomina homem com propriedade”, onde disse: “Não se denomina homem corretamente”. Também disse: “Não sem razão se vê a diferença entre uma coisa que é imagem e semelhança de Deus, e outra, à imagem e semelhança de Deus,^[338] tal como professamos ter sido criado o homem”.^[339] Essa afirmação não deve ser entendida como se não se pudesse denominar o homem como imagem de Deus, visto que o Apóstolo diz: “Quanto ao homem, não deve cobrir a

cabeça, porque é também a glória de Deus”;^[340] mas se diz também à imagem de Deus, o qual não se pode dizer a respeito do Unigênito, que é apenas imagem, não à imagem.

A quinquagésima segunda: Sobre o que está escrito: *Arrependo-me de ter feito o homem.*^[341]

A quinquagésima terceira: *O ouro e a prata que os israelitas receberam dos egípcios.*

A quinquagésima quarta: Sobre o que está escrito: *Quanto a mim, estar junto de Deus é meu bem*^[342] – onde eu disse: *Mas o que existe de melhor que qualquer alma denomina-se Deus*, deveria ter dito: “Melhor que todo o espírito criado”.

A quinquagésima quinta: sobre o que está escrito: *Que sejam sessenta as rainhas, e oitenta as concubinas; as donzelas [...] sem conta.*^[343]

A quinquagésima sexta: *Os quarenta e seis anos da construção do templo.*

A quinquagésima sétima: *Os cento e cinquenta e três peixes.*

A quinquagésima oitava: *João Batista.*

A quinquagésima nona: *As dez virgens.*

A sexagésima: *Daquele dia e da hora, ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, mas só o Pai.*^[344]

A sexagésima primeira: *Sobre a afirmação do Evangelho: O senhor alimentou a multidão com cinco pães*^[345] – onde eu disse: “Parecem significar as duas autoridades que governavam o povo, ou seja, a régia e a sacerdotal, das quais também era própria a unção sagrada”,^[346] deveria ter dito com mais propriedade: “Era própria quase com exclusividade”. Pois lemos que também os profetas eram ungidos,^[347] também disse: “Lucas, que apresenta a Cristo como sacerdote como que subindo depois da abolição dos pecados, por meio de Natã sobre a Davi;^[348] visto fora enviado o profeta Natã, por cuja correção Davi solicitou o perdão de seu pecado, arrependendo-se”. Não se deve interpretar como se o profeta Natã fosse o mesmo que o filho de Davi,^[349] pois não disse que o próprio profeta fora enviado, mas que “o profeta Natã fora enviado”. Assim se compreenda que o mistério não está no mesmo homem, mas no mesmo nome.

A sexagésima segunda: *Sobre as palavras do Evangelho: “Que Jesus batizava mais que João, ainda que, de fato, ele mesmo não batizava, mas sim seus discípulos”*^[350] – onde eu disse: “Mas vem ao encontro a isso aquele ladrão a quem ele disse: ‘Em verdade, eu te digo que hoje estarás comigo no Paraíso’,^[351] o qual não recebera o batismo”, tenha-se em conta que encontramos esse pormenor registrado por outros reitores da santa Igreja em seus escritos, mas ignoro com que provas se poderá afirmar que aquele ladrão não foi batizado. Sobre esse assunto discorri com mais cuidado em alguns opúsculos posteriores, principalmente no que escrevemos para Vicente Víctor *Sobre a origem da alma.*

A sexagésima terceira: *O Verbo.*

A sexagésima quarta: *A mulher samaritana.*

A sexagésima quinta: *A ressurreição de Lázaro.*

A sexagésima sexta: *Sobre as palavras: “Não sabeis, irmãos – falo a versados na Lei – que a Lei domina o homem só enquanto ele está vivo?”*,^[352] até aquela

passagem onde está escrito: “Dará vida também a vossos corpos mortais, através do seu Espírito que habita em vós”^[353] – onde, querendo explicar o que o Apóstolo afirmou: “Sabemos que a Lei é espiritual, mas eu sou carnal”,^[354] eu disse: “Não se há de interpretar como se o homem espiritual, já constituído sob a graça, não possa dizer isso mesmo de si mesmo”, e o restante até aquela passagem em que está escrito: “Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte?”,^[355] o que aprendi depois, como já o confessei antes. – Explicando mais adiante o que disse o Apóstolo: “O corpo está morto, pelo pecado,^[356] o corpo”, disse eu, “está morto, enquanto é tal que moleste a alma pela indigência de coisas temporais”. Mas pareceu-me depois melhor que se diga: “morto o corpo que já tinha necessidade de morrer, a qual não teve antes do pecado”.

A sexagésima sétima: *Sobre as palavras*: “Penso, com efeito, que os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar-se em nós”, até as palavras: “Pois fomos salvos pela esperança”.^[357] – Nesta questão, ao explicar o que está escrito: “Ela também será liberta da escravidão da corrupção”, eu disse: “E a própria criatura, ou seja, o próprio homem, que então permaneceu apenas criatura, tendo perdido o sinal da imagem devido ao pecado”. Não se há de entender essa sentença como se o homem tivesse perdido tudo o que tinha de imagem de Deus. Pois, se tivesse perdido totalmente, não haveria por que se dizer: “Transformai-vos, renovando a vossa mente”,^[358] e: “Somos transfigurados nessa mesma imagem”,^[359] mas, repito, se tivesse perdido totalmente, nada ficaria para se poder dizer: “Apenas uma sombra o homem que caminha”.^[360] – Também o que eu disse: “Os anjos supremos vivem espiritualmente, mas os ínfimos, de maneira animal”, eu falei dos ínfimos com mais ousadia do que pode ser provado ou pelas santas Escrituras ou pelos mesmos fatos, porque, embora talvez se possa provar, no entanto será muito difícil.

A sexagésima oitava: sobre as palavras: “Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?”^[361] – onde eu disse: “Porque, mesmo que alguém se arrependa com profundo sentimento e dor dos pecados mais leves, certamente, e de pecados mais graves e muitos, se for digno da misericórdia de Deus, não é obra daquele que pereceria, se fosse abandonado, mas de Deus misericordioso que o socorre devido a suas preces e sua dor. Pois representa muito pouco o querer, se Deus não se compadece; mas Deus não se compadece daquele que ele chama para a paz, se a determinação não vier antes”. Isso foi dito supondo o arrependimento. Pois é misericórdia de Deus a que antecede a vontade, a qual, se não estiver presente, “a vontade não seria disposta pelo Senhor”.^[362] A essa misericórdia diz respeito também a própria vocação que também antecede a fé. Ao falar dela um pouco depois, eu disse: “Mas essa vocação, que tem lugar de acordo com as circunstâncias, seja em cada pessoa, seja no próprio gênero humano, relaciona-se com um sublime e profundo governo. A ela fazem referência também as palavras: ‘Antes que saíesses do seio, eu te consagrei’;^[363] e: ‘Quando ainda estavas nos rins de teu pai, eu te vi’; e: ‘Amei a Jacó e odiei a Esaú’”^[364] etc. Não sei como me ocorreu que estava na Escritura esse testemunho: “Quando ainda estavas nos rins de teu pai, eu te vi”.

A sexagésima nona: *Sobre o que está escrito*: “Então o próprio Filho se

submeterá àquele que tudo lhe submeteu, para que Deus seja tudo em todos".^[365]

A septuagésima: *Sobre as palavras do Apóstolo: "A morte foi absorvida na vitória. Morte, onde está tua vitória? Morte, onde está o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado e a força do pecado é a Lei"*.^[366]

A septuagésima primeira: *Sobre as palavras: "Carregai o peso uns dos outros e assim cumprireis a Lei de Cristo"*.^[367]

A septuagésima segunda: *Os tempos eternos.*

A septuagésima terceira: *Sobre as palavras: E achado em figura [hábito] de homem.*

A septuagésima quarta: *Sobre as palavras da Carta de Paulo aos colossenses: "No qual temos a redenção – a remissão dos pecados. Ele é a imagem do Deus invisível"*.^[368]

A septuagésima quinta: *A herança de Deus.*

A septuagésima sexta: *Sobre as palavras do apóstolo Tiago: "Queres, porém, ó homem insensato, a prova de que a fé sem obras é vã?"*.^[369]

A septuagésima sétima: *O medo é pecado?*

A septuagésima oitava: *A beleza das estátuas.*

A septuagésima nona: *Por que os magos do faraó realizaram alguns prodígios?*

A octogésima: *Contra os apolinaristas.*

A octogésima primeira: *A Quaresma e a Quinquagésima.*

A octogésima segunda: *Sobre as palavras: "Pois o Senhor educa a quem ama e castiga todo filho que o acolhe"*.^[370]

A octogésima terceira: *Sobre as palavras do Senhor, que disse: "Todo aquele que repudia a sua mulher, a não ser por motivo de fornicação" etc.*^[371]

Esta obra começa assim: *Utrum anima a se ipsa sit* [A alma existe por si mesma?]

27. *A mentira*^[372]

livro único

Escrevi também um livro sobre *A mentira*, cuja compreensão, embora ofereça alguma dificuldade, encerra, contudo, um não inútil exercício do engenho e da mente, e traz proveito para os costumes, no sentido de se amar a autenticidade. Determinara retirá-lo também de meus opúsculos, pelo fato de me parecer obscuro e complicado, e demasiado cansativo, motivo pelo qual não o havia publicado. Depois, tendo escrito outro, cujo título é: *Contra a mentira*, com muito mais razão decidira e ordenara que este deixasse de existir; mas isso não aconteceu. Pelo que, tendo-o encontrado incólume na ocasião da retratação dos meus opúsculos, ordenei que, uma vez retratado, fosse conservado, principalmente porque nele há algumas coisas necessárias que não se encontram no outro. Por isso, o título daquele é: *Contra a mentira*, mas deste é: *A mentira*, visto que em todo ele há um evidente ataque à mentira; mas a maior parte deste se concentra na investigação. No entanto, ambos se dirigem ao mesmo fim.

Este livro começa assim: *Magna questio est de mendacio* [É importante a questão sobre a mentira].

LIVRO 2

1. *A Simpliciano*^[1]

dois livros

1 Dos livros que compus, sendo bispo, os dois primeiros são dirigidos a Simpliciano, prelado de Milão, que sucedeu ao beatíssimo Ambrósio; reuni no primeiro livro diversas questões, das quais duas sobre a Carta do apóstolo Paulo aos Romanos. A primeira delas é sobre o que está escrito: “Que diremos, então? Que a Lei é pecado? De modo algum! Até o lugar onde diz: Quem me libertará deste corpo de morte? Graças sejam dadas a Deus, por Jesus Cristo Senhor nosso”.^[2] Nessa questão, as palavras do Apóstolo: “A Lei é espiritual, mas eu sou carnal” etc., com as quais se demonstra que a carne luta contra o espírito,^[3] expliquei como se falasse do homem estabelecido ainda sob a Lei, ainda não sob a graça.^[4] Mas, muito depois, percebi que essas palavras [mais provavelmente] podem referir-se também ao homem espiritual.

A última questão, neste livro, começa na passagem em que se diz: “E não é só. Também Rebeca, que conceberá de um só, Isaac, nosso pai, até o lugar onde diz: Se o Senhor Sabaot não nos tivesse preservado um germe, teríamos ficado como Sodoma, teríamos ficado como Gomorra”.^[5] Na solução dessa questão, esforcei-me em favor do livre-arbítrio da vontade humana, mas a graça de Deus venceu; apenas consegui chegar a isso: para que se compreenda que o Apóstolo disse como verdade claríssima: “Pois quem é que te distingue? Que é que possuis que não tenhas recebido?”.^[6] O mártir Cipriano, explicando a mesma coisa, disse tudo isso com o próprio título, ao se expressar assim: “Em nada nos devemos gloriar, se nada é nosso”.

2 No segundo livro são enfocadas as demais questões e são resolvidas de acordo com a minha pouca capacidade; são todas referentes à Escritura denominada dos Reis. A primeira delas trata sobre o que está escrito: “E o Espírito de Deus veio sobre ele, e ele entrou em delírio no meio deles”,^[7] ao passo que se diz em outra passagem: “O espírito de Iahweh tinha se retirado de Saul”.^[8] Ao explicá-la, afirmei: “Embora esteja no poder de cada um o querer, no entanto, não está no poder de cada um o poder”.^[9] De fato, isso foi afirmado porque não dizemos estar em nosso poder senão o que se faz, quando queremos, se o primeiro e principal é o querer. Com efeito, sem qualquer intervalo de tempo a vontade está presente quando queremos, mas recebemos do alto esse poder para viver retamente, pois “a vontade é preparada pelo Senhor”.^[10]

A segunda questão originou-se do que foi dito: “Arrependo-me de ter dado a realza a Saul”.^[11] A terceira: se o espírito imundo possuído pela pitonisa podia fazer com que Saul visse a Samuel e falasse com ele.^[12] A quarta, sobre o que está escrito: “Então o rei Davi entrou e ficou diante de Iahweh”.^[13] A quinta, sobre o que disse Elias: “Iahweh, meu Deus, até a viúva que me hospeda queres afligir, fazendo seu

filho morrer?” [14]

Esta obra começa assim: *Gratissimum plane* [É, sem dúvida, com muito prazer].

2. Réplica à carta de Mani dita Fundamento

livro único

O livro, contra a *Carta de Mani*, denominada “Fundamento”, refuta apenas seus princípios; mas em outras suas partes, onde me pareceu, fiz anotações, com as quais fica ela toda destruída, e recordariam a mim, quando tivesse tempo, a necessidade de escrever contra toda ela.

Este livro começa assim: *Unum verum Deum* [Um só Deus verdadeiro].

3. *O combate cristão*

livro único

O livro *O combate cristão* foi escrito para os irmãos pouco instruídos na língua latina; contém a regra de fé e os preceitos da vida. O que nele foi escrito: “Não ouçamos aqueles que negam a futura ressurreição da carne e se lembram do que diz o apóstolo Paulo: ‘A carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus’, não compreendendo o que diz o mesmo apóstolo: ‘É necessário que este ser corruptível revista a incorruptibilidade, e que este mortal revista a imortalidade’.^[15] Pois, quando isto acontecer, não haverá mais carne e sangue, mas um corpo celeste”,^[16] não deve ser entendido como se não há de haver substância de carne, mas pelas palavras “carne e sangue” deve-se entender que o Apóstolo denominou a própria corrupção da carne e do sangue, os quais não estarão no Reino, onde a carne é incorruptível. Embora também se possam entender de outro modo, aceitemos que o Apóstolo tenha dito que carne e sangue são as obras da carne e do sangue, e que não possuirão o Reino de Deus os que as tiverem amado com obstinação.

Este livro começa assim: *Corona vitoriae* [A coroa da vitória].

4. *A doutrina cristã*^[17]

quatro livros

1 Tendo encontrado inacabados os livros sobre *A doutrina cristã*, preferi terminá-los a deixá-los assim, antes de passar à retratação de outros. Assim, completei o terceiro, que fora escrito até a passagem onde foi mencionado o testemunho do Evangelho acerca da mulher que escondeu o fermento em três medidas de farinha, até que tudo ficasse fermentado.^[18] Acrescentei também o último livro e completei a obra em quatro livros. Os três primeiros ajudam na compreensão das Escrituras, mas o quarto trata de como devemos explicar o que compreendemos.

2 É verdade que no segundo livro,^[19] a respeito do autor do livro que muitos denominam “Sabedoria de Salomão”, que o tivesse escrito Jesus de Sirac, como escreveu o Eclesiástico, não consta que eu tenha dito que o aprendi depois e que descobri que, com a maior probabilidade, não é esse o autor do livro.

Mas onde eu disse: “Toda a autoridade do Antigo Testamento está demarcada por estes quarenta e quatro livros”,^[20] denominei-os Antigo Testamento de acordo com o costume da Igreja se expressar; mas parece que o Apóstolo denomina Antigo Testamento apenas o que foi entregue no Monte Sinai.^[21]

E no que eu disse: “Que Santo Ambrósio resolveu a questão sobre a história dos tempos”,^[22] como se Platão e Jeremias tivessem sido coetâneos, a memória me enganou. Pois o que aquele bispo disse sobre esse assunto pode-se ler no livro que escreveu sobre os sacramentos ou sobre a filosofia.

Esta obra começa assim: *Sunt praecepta quaedam* [Há alguns preceitos].

5. *Contra a seita de Donato*^[23]

dois livros

Há dois livros meus cujo título é *Contra a seita de Donato*. Afirmei no primeiro livro que não era do meu agrado que os cismáticos fossem obrigados à comunhão por meio da violência mediante o poder civil. De fato, não me agradava então, porque não tivera experiência de quanta maldade se atrevia sua impiedade ou de quanto a vigilância da disciplina poderia contribuir para mudá-los para melhor.

Esta obra começa assim: *Quoniam donatistas nobis*.

6. *Confissões*^[24]

treze livros

1 Os treze livros das minhas *Confissões* louvam a Deus justo e bom tanto por minhas boas obras como pelas más, e despertam para ele a inteligência e o afeto humanos. Pelo menos pelo que me diz respeito, assim agiram em mim quando as escrevia e agem quando as leio. O que os outros pensam a respeito delas é assunto deles; mas sei que agradaram e agradam a muitos irmãos. Do primeiro ao décimo livro, escrevi a meu respeito; nos outros três, escrevi sobre as santas Escrituras a partir das palavras: “No princípio, Deus fez o céu e a terra”, até o descanso do sábado.^[25]

2 No quarto livro, ao confessar a miséria de minha alma pela morte de um amigo, afirmando que, de certo modo, nossa almas se tornaram uma, eu disse: “E por isso temia morrer talvez por não querer que morresse inteiramente aquele que muito amara”.^[26] Isso me parece ser mais uma declaração inconsequente que uma confissão séria, embora essa ingenuidade tenha se mitigado em parte por ter acrescentado “talvez”.

No livro décimo terceiro, o que afirmei: “O firmamento foi criado entre as águas espirituais superiores e as corporais inferiores”,^[27] não o afirmei com suficiente reflexão, mas a questão é muito obscura.

Esta obra começa assim: *Magnus es, Domine*^[28] [Grande és tu, Senhor].

7. *Contra o maniqueu Fausto*

trinta e três livros

1 Apresentando minhas respostas às suas palavras, escrevi uma obra extensa contra o maniqueu Fausto, que blasfema contra a Lei e os Profetas, contra seu Deus e a encarnação de Cristo, e diz que as Escrituras do Novo Testamento, com as quais é refutado, foram falsificadas. São trinta e três discussões, que por que não diria que também são livros? Pois, embora defendamos a vida dos patriarcas contra suas acusações, essas acusações têm tal extensão quanto quase nenhum de meus livros.^[29]

2 No livro terceiro, ao resolver a questão sobre como José pôde ter dois pais,^[30] eu disse realmente “que, tendo nascido de um, foi adotado por outro”.^[31] Mas eu deveria ter dito o tipo de adoção; pois tem-se a impressão, no que eu disse, que também, estando vivo um pai, outro o adotou. Mas a Lei adotava também filhos para os mortos, ordenando que o irmão se casasse com a esposa do irmão que morreu sem ter filhos,^[32] o que, sem dúvida, torna mais fácil a explicação de dois pais de um só homem.

Com efeito, houve irmãos uterinos com os quais isso aconteceu, ou seja, a esposa de um falecido, que se chamava Heli, casou-se com outro, ou seja, Jacó, do qual, conforme Mateus, foi gerado José,^[33] mas gerou-o de seu irmão uterino, cujo filho Lucas diz ter sido José,^[34] não certamente gerado, mas adotado pela Lei. Esse registro encontra-se nos escritos daqueles que escreveram sobre esse assunto depois da Ascensão do Senhor, quando ainda era recente sua memória. Com efeito, o Africano não se calou sobre o nome da mesma mulher que deu à luz Jacó, pai de José, de seu primeiro marido Mathan, o qual foi pai de Jacó, avô de José, conforme Mateus; e do segundo marido, Melqui, deu à luz Heli, do qual José era filho adotivo. O qual, ao responder a Fausto, ainda não havia lido; mas não podia duvidar de que por adoção pudesse acontecer que uma só pessoa tivesse dois pais.

3 No duodécimo e no décimo terceiro, a respeito do segundo filho de Noé, discorri de tal modo como se ele fosse amaldiçoado por seu pai^[35] em seu filho Canaã, como o mostra a Escritura, mas em si mesmo.

No décimo quarto, falei a respeito do sol e da lua, como se eles tivessem sentimentos e, por isso, toleram seus frívolos adoradores,^[36] embora as palavras ali possam ser entendidas como transferidas do animado para o inanimado, a modo de uma locução que em grego se denomina metáfora, tal como está escrito acerca do mar que “brame no útero de sua mãe, querendo avançar”,^[37] e, no entanto, sabemos que o mar não tem vontade.

No vigésimo nono, afirmei: “Longe de pensar que haja alguma torpeza nos membros dos santos, mesmo nos genitais. Com efeito, são denominados indecentes pelo fato de não terem aquela espécie de beleza dos membros que estão à vista”.^[38] Mas apresentamos depois em outros escritos nossos uma razão mais provável pela qual mesmo o Apóstolo os denomina indecentes,^[39] ou seja, por causa da lei que nos

membros é contrária ao espírito,^[40] que aconteceu. Por causa do pecado, não pela primeira disposição de nossa natureza.

Essa obra começa assim: *Faustus quidam fuit* [Houve um certo Fausto].

8. *Contra o maniqueu Félix*

dois livros

Disputei durante dois dias, na igreja, diante do povo, contra um maniqueu de nome Félix. Ele viera a Hipona para semear o seu erro; era um dos seus doutores, embora ignorante nas letras liberais, mais astuto, no entanto, que Fortunato. São atas eclesiásticas, mas estão arroladas entre meus livros. Portanto, são dois livros; no segundo deles, discutiu-se sobre o livre-arbítrio da vontade tanto para fazer o mal como o bem; mas como era tal aquele com quem tratávamos, não foi preciso discutir sobre a graça, pela qual se tornam verdadeiramente livres aqueles dos quais está escrito: “Se, pois, o Filho vos libertar, sereis realmente livres”.^[41]

Esta obra começa assim: *Honório Augusto VI consule, septimo idus Decembris* [Sendo cônsul Honório Augusto VI, aos sete de dezembro].

9. *A natureza do bem*^[42]

livro único

O livro sobre *A natureza do bem* foi escrito contra os maniqueus; nele se demonstra que Deus é uma natureza imutável e o sumo bem, e dele procedem as demais naturezas tanto espirituais como corporais, e que todas, enquanto são naturezas, são boas; e também o que é o mal, ou de onde procede e quantos males os maniqueus põem na natureza do bem e quantos bens na natureza do mal, naturezas essas imaginadas por seu erro.

Este livro começa assim: *Summum bonum, quo superius non est, Deus est* [Deus é o sumo bem; nada existe superior a ele].

10. *Contra o maniqueu Secundino*

livro único

Um certo Secundino, não dos que os maniqueus denominam eleitos, mas dos ouvintes, que não conhecia de vista, escreveu-me como amigo, repreendendo-me cortesmente por combater aquela heresia em meus escritos e aconselhando-me a não fazê-lo, e exortando-me, ao contrário, a professá-la, defendendo-a e criticando a fé católica. Respondi-lhe, mas, porque no cabeçalho do mesmo opúsculo não registrei quem escrevia a quem, não consta entre minhas cartas, mas entre meus livros. No opúsculo está copiada também a carta dele. Mas o título do volume é *Contra o maniqueu Secundino*, ao qual, na minha opinião, dou facilmente preferência a todos os que pude escrever contra aquela peste.

Este livro começa assim: *Tua in me benevolentia* [Tua estima para comigo].

11. *Contra Hilário*^[43]

livro único

Nesse ínterim, certo homem, tribuno do povo e leigo católico, não sei por que, irritado contra os ministros de Deus, como acontece muitas vezes, reprovava com malévolá crítica, por onde podia, o costume que então começava a existir em Cartago de se recitar diante do altar hinos tirados do livro dos salmos, tanto antes das oferendas como quando se distribuía ao povo o que foi ofertado; e afirmava que não era lícito tal costume. Respondi-lhe a pedido dos irmãos, e o livro se denomina *Contra Hilário*.

Este livro começa assim: *Qui dicunt mentionem Veteris Testamenti* [Os que fazem menção do Antigo Testamento].

12. *Questões dos Evangelhos*

dois livros

São alguns comentários de algumas passagens do Evangelho segundo Mateus e outras, segundo Lucas; aquelas compõem o primeiro livro, e estas, o segundo. O título desta obra é: *Questões dos Evangelhos*. Mas porque foram comentadas somente aquelas passagens dos referidos livros evangélicos, recolhidas nestes meus livros, e quais sejam meu prólogo indica suficientemente, juntando e numerando as questões; assim, quem quiser ler as que preferir há de encontrar acompanhando a numeração.

No primeiro livro,^[44] na citação: “Que o Senhor anunciou sua Paixão a dois discípulos separadamente”,^[45] a inexatidão do manuscrito enganou-nos, pois está escrito *doze*, não *dois*.

No segundo livro,^[46] ao querer explicar que José, cuja esposa se chamava Maria,^[47] pôde ter dois pais, o que é apresentado, ou seja, que um irmão desposasse a esposa de seu irmão falecido para lhe dar descendência de acordo com a Lei,^[48] e, por isso, disse que “isto é débil porque ao que haveria de nascer a Lei ordenava-lhe que pusesse o nome do falecido”, isso não é verdade. Pois o nome do falecido, de que se falou, a Lei ordenava que tivesse valor de modo a ser chamado seu filho, e não a ser chamado com o mesmo nome que ele.

Esta obra começa assim: *Hoc opus non ita scriptum est* [Esta obra não foi de tal modo escrita].

13. Anotações sobre o Livro de Jó

livro único

Sobre o livro cujo título é *Anotações sobre o livro de Jó*, não é fácil dizer se deve ser considerado meu, ou, antes, daqueles que as reuniram, como lhes foi possível ou quiseram, em um só corpo, tomadas da capa do manuscrito. Elas são amenas aos muito pouco inteligentes, que, contudo, sentir-se-ão malogrados ao não entender muitas coisas, porque nem as próprias palavras da exposição foram descritas de modo a deixar transparecer o que se expõe. Além do mais, à concisão das sentenças acompanhou de tal modo a obscuridade que o leitor mal e mal a pode suportar, e lhe é necessário passar muitas coisas sem as compreender. Finalmente, encontrei a obra tão defeituosa entre os nossos manuscritos que não a podia corrigir, e não gostaria que se dissesse que foi publicada por mim, se não soubesse que os irmãos a têm em seu poder, a cujo desejo não podia esquivar-me.

Este livro começa assim: *Et opera magna erant ei super terram* [Ele tinha grandes posses sobre a terra].^[49]

14. Primeira catequese aos não cristãos^[50]

livro único

Há também um livro nosso que trata do modo de ministrar catequese aos simples, que leva esse título. Neste livro, onde afirmei: “Nem o anjo que, como outros espíritos cúmplices, negou obediência a Deus ensoberbecendo-se e se tornou diabo, ^[51] causou dano a Deus, mas a si mesmo; pois Deus sabe ordenar as almas que o abandonam”, ^[52] deveria ter dito com mais propriedade: “espíritos que o abandonam”, visto que se tratava de anjos.

Este livro começa assim: *Petisti a me, frater Deogratias* [Suplicaste-me, irmão Deográcias].

15. *A Trindade*^[53]

quinze livros

1 Escrevi durante alguns anos quinze livros sobre *A trindade*, que é Deus. Mas ainda não havia terminado o duodécimo deles, e como os mantinha comigo mais tempo do que podiam tolerar aqueles que ansiavam por tê-los, foram-me subtraídos, menos corrigidos do que deveriam e podiam quando o quisessem publicar. O que depois o comprovei, pois haviam ficado conosco outros exemplares, e determinara não publicá-los e deixá-los, para contar em outro opúsculo o que me acontecera a respeito deles. Contudo, as instâncias dos irmãos, aos quais não consegui resistir, eu os corriji quanto julguei que deveriam ser corrigidos, e publiquei-os e os terminei; e redigi uma carta, que foi acrescentada no princípio, a qual dirigi ao venerável Aurélio, bispo da Igreja de Cartago. Nessa carta, a modo de prólogo, expus também o que havia acontecido e o que teria querido fazer segundo meu pensamento e o que teria feito estimulado pela caridade dos irmãos.

2 No undécimo livro, ao tratar do corpo visível, afirmei: “Pelo que amá-lo é tornar-se sábio”.^[54] Isso foi afirmado segundo o amor pelo qual algo é de tal modo amado que, dele gozando, considere-se feliz porque o ama. Pois não é sinal de loucura amar a beleza corporal como um louvor ao Criador, e assim, gozando do próprio Criador, seja cada um feliz. E, novamente, no mesmo livro eu disse: “Também não me lembro de uma ave quadrúpede, porque não a vi, mas imagino-a facilmente, ao acrescentar a alguma espécie volátil, que vi, outros dois pés, que também vi”.^[55] Ao dizer isso, não fui capaz de me lembrar dos alados quadrúpedes que a Lei menciona.^[56] Pois não se contam, com respeito às pernas, as duas posteriores mediante as quais os gafanhotos saltam, que são denominados puros, e, por isso, os diferencia dos alados imundos que não saltam com tais pernas, como são os escaravelhos. No entanto, todos os alados dessa espécie são denominados quadrúpedes.

3 No livro duodécimo,^[57] como uma explicação das palavras do Apóstolo,^[58] onde eu disse: “Todo outro pecado que o homem cometa é exterior ao seu corpo”, não me agrada; e o que foi dito: “Aquele, porém, que se entrega à fornicção, peca contra o próprio corpo”, penso que se deve interpretar como se o pratica aquele que faz algo com a finalidade de obter o que se sente por meio do corpo, de modo a pôr nisso o fim de seu bem. Pois isso implica muitos outros pecados, além da fornicção que se realiza mediante o coito ilícito, ao qual se depreende que o Apóstolo se referiu ao dizer isso.

Esta obra, com exceção da carta que foi juntada depois no seu princípio, começa assim: *Lecturus haec quae de Trinitate disserimus* [Quem se entregar à leitura do que vamos dizer sobre a Trindade].

16. A concordância dos evangelistas

quatro livros

Durante os mesmos anos em que ditava, pouco a pouco, os livros sobre *A Trindade*, escrevi também outros em trabalho contínuo, intercalando-os entre os tempos daqueles; entre eles estão os quatro livros sobre *A concordância dos evangelistas*, devido àqueles que os caluniam como se estivessem em discordância. O primeiro deles foi escrito contra os que honram ou fingem honrar a Cristo como sumamente sábio e, por isso, não querem crer no evangelho, porque não foram escritos por ele, mas por seus discípulos. E afirmam que os discípulos atribuíram erradamente a Cristo a divindade, a qual lhe daria a condição de deus.

Neste livro, o que afirmei: “Que em Abraão teve início o povo dos hebreus”,^[59] na realidade é digno de crédito que os hebreus, segundo parece, foram chamados abraeus; mas é mais provável que tenham sido denominados hebreus devido a Héber; daí, hebreus; sobre esse assunto dissertei bastante no décimo sexto livro de *A cidade de Deus*.^[60]

No segundo livro, ao falar dos pais de José,^[61] afirmei que foi gerado pelo primeiro e adotado pelo segundo.^[62] Mas deveria ter dito “adotado para o primeiro”, ou seja, para o falecido; pois é de se crer que foi adotado de acordo com a Lei.^[63] Com efeito, aquele que gerou era casado com a mãe dele, esposa do irmão falecido.

Do mesmo modo, onde afirmei: “Mas Lucas sobe até Davi por Natã”,^[64] o profeta pelo qual Deus perdoou o pecado de Davi,^[65] tinha o dever de dizer “pelo profeta deste nome”, evitando que se pensasse ter sido o mesmo homem, quando foi outro, embora tivessem o mesmo nome.

Esta obra começa assim: *Inter omnes divinas auctoritates* [Entre todas as divinas autoridades].

17. Réplica à carta de Parmeniano^[66]

três livros

Nos três livros contra a Carta de Parmeniano, bispo donatista de Cartago e sucessor de Donato, trata-se e se resolve uma questão importante, ou seja, se na unidade e comunhão dos mesmos sacramentos os maus contaminam os bons; e se discute como não contaminam devido à Igreja, espalhada por todo o mundo, da qual fizeram o cisma mediante calúnias.

No terceiro livro, ao se tratar de como se deve entender o que diz o Apóstolo: “Afastai o mau do meio de vós”,^[67] o que eu disse: “Para que cada um retire o mal de si mesmo”,^[68] não se deve interpretar assim, mas, antes: que o homem mau seja retirado do meio dos homens bons, que se faz pela disciplina eclesiástica. Isso está claramente indicado pela língua grega, onde está escrito, sem lugar a dúvidas, que se interprete “esse mau”, não “esse mal”, embora tenha respondido a Parmeniano de acordo com o primeiro sentido.

Esta obra começa assim: *Multa quidem alias adversus Donatistas* [Em outros tempos (escrevi) muito contra os donatistas].

18. O batismo^[69]

sete livros

Escrevi sete livros sobre o batismo contra os donatistas que pretendiam encontrar defesa na autoridade do bem-aventurado bispo e mártir Cipriano. Nesses livros, ensinei que nada tem tanto valor para refutar os donatistas e fechar-lhes a boca de uma vez, de modo a não conseguirem defender seu cisma contra a Igreja católica, como as cartas e o procedimento de Cipriano.

Em algumas passagens nestes livros,^[70] mencionei: “Igreja sem manchas nem rugas”;^[71] não se há de interpretar como se já o seja, mas se prepara para ser, quando aparecerá também gloriosa.^[72] Pois agora, devido à ignorância e a algumas fraquezas de seus membros, toda ela tem motivo para dizer todos os dias: “E perdoa-nos as nossas dívidas, como também nós perdoamos aos nossos devedores”.^[73]

No quarto livro, ao dizer: “Que o martírio pode suprir o batismo”,^[74] aleguei, não bem a propósito, o exemplo daquele ladrão,^[75] sobre o qual não há certeza se foi batizado.

No sétimo livro, a respeito dos vasos de ouro e de prata colocados na grande casa,^[76] segui o parecer de Cipriano, que interpretou isto como dentre os bons; mas como dentre os maus, interpretou vasos de madeira e de barro, fazendo referência dos primeiros ao que foi proclamado: “Alguns para uso nobre”; e dos outros, o que foi dito: “Outros para uso vulgar”.^[77] Mas aceito mais o que encontrei ou percebi em Ticônio, ou seja, em ambos os casos se deve entender “alguns para uso nobre”, ou seja, não somente os vasos de ouro e de prata; e, da mesma forma, em ambos os casos, “alguns para uso vulgar”, não somente os de madeira e de barro.

Esta obra começa assim: *In eis libris quos adversus Epistulam Parmeniani* [Nos livros que escrevi contra a Carta de Parmeniano].

19. *Contra o que Centúrio trouxe dos donatistas*^[78]

livro único

Quando disputávamos com frequência contra a seita de Donato, um leigo levou à Igreja alguns argumentos contra nós da parte deles, ditados ou escritos em poucos testemunhos, porque os consideram uma defesa para sua causa; respondi-lhe brevemente. O título deste pequeno livro é *Contra o que Centúrio trouxe dos donatistas*.

E começa assim: *Dicis eo quod scriptum est a Salomone: “Abs aqua aliena abstine te”* [Dizes por que foi escrito por Salomão: “Abstém-te da água roubada”].^[79]

20. *Resposta às perguntas de Januário*

dois livros

Os dois livros que trazem o título *Resposta às perguntas de Januário* contêm muitas dissertações sobre os sacramentos, tanto sobre o que a Igreja observa universalmente como em algumas partes, ou seja, não com uniformidade em todos os lugares; contudo, não pude mencionar tudo, mas respondi suficientemente às perguntas.

O primeiro dos livros é uma carta; registra no começo quem escreve para quem; mas está enumerado entre meus livros, porque o livro seguinte, no qual não consta nosso nome, é muito mais longo e nele são tratados muitos assuntos.

No primeiro livro, o que afirmei sobre o maná: “Porque para cada um tinha o gosto de acordo com sua vontade”,^[80] não me ocorre como se possa prová-lo, a não ser pelo livro da Sabedoria,^[81] que os judeus não aceitam como canônico; contudo, o livro chegou aos fiéis não por meio daqueles murmuradores contra Deus, que, sem dúvida, não desejariam outras iguarias, se o maná tivesse um gosto conforme sua vontade.^[82]

Esta obra começa assim: *Ad ea quae me interrogasti* [Ao que me perguntaste].

21. *O trabalho dos monges*

livro único

Fui obrigado pela necessidade a escrever o livro *O trabalho dos monges*. Pois, como começassem a existir mosteiros em Cartago, uns viviam de suas mãos, obedecendo ao Apóstolo;^[83] mas outros queriam viver das ofertas das pessoas religiosas, de tal modo que, sem fazer nada para obter ou suprir o necessário, pensavam e se jactavam de estar cumprindo o preceito evangélico, onde o Senhor diz: olhai as aves do céu e os lírios do campo.^[84] Por isso, surgiram discussões agitadas mesmo entre os leigos não monges, mas fervorosos pela doutrina, com as quais a Igreja ficava perturbada, uns defendendo um ponto de vista, outros, o outro. Acrescentava-se a isso o fato de os crínitos, ou seja, os de cabelos compridos, estarem entre os que diziam que não se devia trabalhar. Daí que cresciam as discussões conforme os interesses: de um lado, os que desaprovavam, do outro, os que defendiam. Por esse motivo, o venerável ancião Aurélio, bispo da referida cidade, ordenou-me que escrevesse algo sobre o assunto; e o fiz.

Este livro começa assim: *Iussioni tuae, sancte frater Aureli* [À tua ordem, santo irmão Aurélio].

22. *Os bens do matrimônio*^[85]

livro único

1 A heresia de Joviniano, ao igualar o mérito das virgens consagradas ao da castidade conjugal, teve tanta influência em Roma que se falava que algumas monjas, sobre cuja castidade não havia suspeita, se lançaram ao casamento, alegando o seguinte argumento, quando lhes pediam uma justificativa: “És, porventura, melhor que Sara,^[86] melhor que Suzana,^[87] melhor que Ana?”^[88] E mencionavam ainda as demais deveras louváveis mulheres pelo testemunho da santa Escritura, com as quais não podiam ser comparadas como sendo melhores, ou mesmo iguais. Desse modo, Joviniano quebrantava o santo celibato de homens santos, lembrando ou fazendo comparação com os Padres casados. A santa Igreja, ali radicada, resistiu a esse monstro com fidelidade e firmeza.

Contudo, essas discussões haviam continuado em conversas e sussurros, e ninguém se atrevia a aconselhar as pessoas às claras. Mas com o dom que Deus me outorgou, foi preciso acorrer de encontro ao veneno que se estendia às escondidas, principalmente porque se jactavam de não se ter podido responder a Joviniano com elogios ao casamento, mas se contentavam em proferir difamações contra ele. Por isso, publiquei este livro, cujo título é *Os bens do matrimônio*, onde foi diferida a importante questão sobre a propagação dos filhos antes que os homens merecessem a morte ao pecar; pois o assunto parece ser sobre a união matrimonial de mortais; mas tal assunto está explicado bastante em escritos nossos posteriores.

2 Disse também em outro lugar: “Pois o que é o alimento para a saúde humana, isso é a união carnal para a conservação da espécie; e ambos supõem o prazer carnal, que, no entanto, não pode ser libido, sendo moderado e restrito ao uso natural pelo freio da temperança”^[89] Firmei isso porque o bom e reto uso da libido não é libido. Com efeito, assim como o mal é usar mal do que é bom, assim o bem é usar bem dos males; sobre esse assunto dissertei em outros lugares, principalmente contra os novos hereges pelagianos.

Com o que afirmei sobre Abraão: “Devido a esta obediência, o pai Abraão, que não viveu sem uma esposa, estava preparado para ficar sem o único filho imolado por ele”,^[90] não estou totalmente de acordo. Pois é de se crer que ele acreditou que, se tivesse imolado o filho, este lhe seria restituído em seguida pela ressurreição, tal como se lê na Carta aos Hebreus.^[91]

Este livro começa assim: *Quoniam unusquisque homo humani generis pars est* [Porque todo homem é parte do gênero humano].

23. *A santa virgindade*^[92]

livro único

Depois de ter escrito *Os bens do matrimônio*, esperava-se que eu escrevesse sobre *A santa virgindade*, e não deixei para mais tarde. E mostrei num volume, na medida em que me foi possível, esse tão grande Dom de Deus e com que humildade é preciso conservá-lo.

Este livro começa assim: *Librum de bono coniugali nuper edimus* [Há pouco publicamos um livro sobre *Os bens do matrimônio*].

24. Comentário literal ao Gênesis^[93]

doze livros

1 Na mesma época, escrevi doze livros sobre o Gênesis, desde o começo até Adão ser banido do paraíso e ser colocada a chama da espada fulgurante para guardar o caminho da árvore da vida.^[94] Mas, quando onze livros chegaram até esse ponto, acrescentei o duodécimo, no qual dissertei com mais cuidado sobre o paraíso. Os livros têm o título *Comentário literal ao Gênesis*, ou seja, não de acordo com o sentido alegórico, mas de acordo com a realidade dos fatos. Nessa obra há mais questionamentos que descoberta, e, entre o que foi descoberto, há pouca coisa demonstrada; mas as demais estão de tal modo que exigem nova investigação. Na verdade, dei início a esses livros depois dos livros sobre *A Trindade*, mas terminei-os antes; por isso, reuni-os agora pela ordem em que os comecei.

2 No quinto livro^[95] e em todas as passagens em que escrevi “sobre a descendência, à qual fora feita a promessa, promulgada pelos anjos pela mão de um mediador”,^[96] o Apóstolo não o diz assim, como pude comprovar em manuscritos mais exatos, principalmente gregos. Pois foi dito “sobre a lei” o que muitos manuscritos latinos registram “sobre a descendência”, por um erro de interpretação.

No sexto livro, o que afirmei: “Que Adão perdeu a imagem de Deus segundo a qual foi criado”,^[97] não se há de interpretar como se não permanesse nele nenhuma imagem; mas permaneceu tão disforme que necessitaria de restauração.

No livro duodécimo, parece-me que deveria ensinar mais sobre o inferno que está debaixo da terra do que explicar por que se acredita ou se crê que esteja debaixo da terra, como se não fosse assim.^[98]

Esta obra começa assim: *Omnis divina Scriptura bipartita est* [Toda a divina Escritura está dividida em duas partes].

25. Réplica às cartas de Petiliano

três livros

Antes de concluir os livros sobre *A Trindade* e os livros sobre o *Comentário literal ao Gênesis*, surgiu a necessidade de responder às cartas do donatista Petiliano, as quais escreveu contra a Igreja católica; necessidade esta que não podia adiar. E escrevi três volumes contra o assunto das cartas; no primeiro dos quais respondi com a rapidez e a verdade que me foi possível à primeira parte da carta, que ele escreveu para os seus, pois não chegara às nossas mãos a carta inteira, mas chegou primeiramente uma pequena parte dela. Mas a carta é também para os nossos, e, por isso, a carta está colocada entre os livros, porque os outros dois são livros sobre a mesma causa. Depois, encontramos a carta inteira e a respondi com a mesma diligência com que respondi ao maniqueu Fausto, ou seja, mencionando suas palavras no princípio com seu nome uma por uma, e cada uma de minhas respostas, com meu nome. Mas antes de a ter escrito, antes de encontrarmos a carta inteira, chegou às mãos de Petiliano. Tentou responder cheio de ira, dizendo contra mim o que bem entendeu, mas nada dizendo a respeito da causa. Isso se pode perceber comparando os escritos de ambos; contudo, procurei demonstrá-lo, eu mesmo respondendo em atenção aos mais tardos; assim foi acrescentado à mesma obra o terceiro livro.

Esta obra, no primeiro livro, começa assim: *Nosti nos saepe voluisse* [Sabes que nós muitas vezes quisemos]. Mas, no segundo livro, começa assim: *Primis partibus Epistulae Petiliani* [Na primeira parte da carta de Petiliano]. No terceiro, porém, o início é assim: *Legi, Petiliane, litteras tuas* [Li, ó Petiliano, as tuas cartas].

26. *Ao gramático Crescônio da seita de Donato*

quatro livros

Um gramático de nome Crescônio, donatista, tendo encontrado minha carta com a qual refutei a primeira parte da carta de Petiliano, que viera às nossas mãos, julgou também que devia responder-me; e escreveu-me. Respondi a esse seu escrito com quatro livros, de tal maneira que terminei em três livros o que exigiam todos os argumentos. Mas, ao ver que podia responder a tudo o que escreveu a respeito da causa única dos maximianistas, que eles condenaram como cismáticos de sua seita e também acolheram alguns deles com honras, não reiterando o batismo conferido por eles fora de sua comunhão, acrescentei um quarto livro, em que, na medida em que me foi possível, demonstrei isso mesmo com cuidado e clareza. Mas, quando escrevi esses quatro livros, o imperador Honório já havia publicado leis contra os donatistas.

Esta obra começa assim: *Quando ad te, Cresconi, mea scripta pervenire possent ignorans.*

27. *Provas e testemunhos contra os donatistas*^[99]

livro único

Depois disso, empenhei-me em que chegassem aos donatistas, contra seu erro e em defesa da verdade católica, os documentos necessários tanto das Atas eclesiásticas como das Escrituras canônicas. Primeiramente, dirigi-lhes as promessas a respeito com o intuito, se fosse possível, de que eles mesmos as solicitassem. Como elas chegaram às mãos de alguns deles, apareceu não sei quem que, ocultando seu nome, escreveu contra elas, de tal modo se declarando donatista, como se este fosse seu nome. Respondendo-lhe, escrevi outro livro. Mas juntei os documentos que prometera, e quis que de ambos se formasse um; assim o publiquei, para que fosse lido nas paredes da basílica que fora dos donatistas; seu título é *Provas e testemunhos contra os donatistas*.

Neste livro, não registramos a absolvição de Félix de Aptonga, ordenante de Ceciliano, na ordem em que depois verifiquei ser a verdadeira, após me informar pelas atas consulares; registrei como se tivesse sido absolvido depois de Ceciliano; e, no entanto, aconteceu antes.

Também naquele ponto em que, após ter mencionado o testemunho do apóstolo Judas em que diz: “São estes que causam divisões, uns homens mundanos, que não têm o Espírito”,^[100] acrescentei, dizendo: “Sobre estes fala também o apóstolo Paulo: o homem psíquico não aceita o que vem do Espírito de Deus”.^[101] Estes não se devem igualá-los àqueles que o cisma separou da Igreja completamente. Estes últimos o mesmo apóstolo Paulo diz que são párvulos em Cristo, que ainda não podem suportar o alimento sólido, mas ele os nutre com leite;^[102] mas os outros não devem ser contados entre os filhos pequenos, mas entre os mortos e perdidos, de tal modo que, se algum deles, uma vez convertido, fosse reintegrado à Igreja, poder-se-ia com razão dizer a seu respeito: “Estava morto e tornou a viver, ele estava perdido e foi reencontrado”.^[103]

Este livro começa assim: *Qui timetis consentire Ecclesiae catholicae* [Vós que tendes medo de estar de acordo com a Igreja católica].

28. *Resposta a um donatista desconhecido*^[104]

livro único

Do segundo livro, que mencionei acima, quis que o título fosse *Resposta a um donatista desconhecido*, onde também não é exata a ordem cronológica da absolvição do ordenante de Ceciliano. E também o que se disse: “À grande quantidade de joio, ^[105] onde estão compreendidas todas as heresias”, tem de menos um conjuntivo necessário, pois deveria ter dito: “Onde estão compreendidas também todas as heresias”. Com efeito, disse assim considerando o “agora”, como se somente fora da Igreja há joio, não também na Igreja, sendo ela reino de Cristo, do qual seus anjos hão de colher, no tempo da messe, todos os escândalos.^[106] Daí o dizer do mártir Cipriano: “Embora pareça que há joio na Igreja, contudo, isso não deve obstruir ou a nossa fé, ou a nossa caridade, de modo que, pelo fato de percebermos a existência de joio na Igreja, nós mesmos nos afastemos da Igreja”. Esse sentido nós também defendemos outras vezes, principalmente na reunião contra os mesmos donatistas, os quais estavam presentes.

Este livro começa assim: *Probationes rerum necessariorum quodam breviculo collectas promissimus* [Prometemos as provas de coisas necessárias reunidas num compêndio].

29. *Advertência aos donatistas sobre os maximianistas*^[107]

livro único

Tendo percebido que muitos, pela dificuldade de leitura, são impedidos de aprender quanto de irracional e de falsidade encerra a seita de Donato, compus um livrinho-resumo no qual pensei que devia precavê-los apenas contra os maximianistas, para que pudesse chegar a muitas mãos pela facilidade de tirar-lhe cópias, e pela sua brevidade pudesse ser mais facilmente memorizado. Dei-lhe o título: *Advertência aos donatistas sobre os maximianistas*.

Este livro começa assim: *Quicumque calumniis hominum et criminationibus movemini* [Todos vós que sois perturbados pelas calúnias e acusações dos homens].

30. *A adivinhação diabólica*

livro único

Pela mesma época, devido a uma discussão, surgiu-me a necessidade de escrever um pequeno livro sobre *A adivinhação diabólica*, que tem esse título. Mas em certa passagem, onde eu disse: “Que os demônios captam algumas vezes com toda facilidade mesmo as disposições dos homens, não somente as manifestadas mediante palavras, mas também as concebidas pelo pensamento, quando alguns sinais se exteriorizam da alma para o corpo”.^[108] Referi-me a um assunto deveras misterioso com uma afirmação mais ousada do que devia, pois se sabe que essas disposições podem chegar ao conhecimento dos demônios mesmo através de algumas experiências. Mas se acontecem alguns sinais vindos do corpo dos que pensam coisas sensíveis para eles, mas que nos são ocultos, ou se as conhecem mediante alguma força também espiritual, ou com muita dificuldade, os homens podem descobri-lo ou não o podem de modo absoluto.

Este livro começa assim: *Quodam die in diebus sanctis Octavarum* [Certo dia nos dias santos das Oitavas].

31. *Explicação de seis questões contra os pagãos*

Entre outras, foram-me enviadas de Cartago seis questões apresentadas por um amigo, que eu desejava converter ao cristianismo, para serem resolvidas contra os pagãos, visto que, conforme afirmou, algumas foram propostas pelo filósofo Porfírio. Mas não creio que seja aquele Porfírio Sículo, cuja fama goza de maior celebridade. Reuni as dissertações sobre essas questões num só livro, não extenso, que leva o título *Explicação de seis questões contra os pagãos*. A primeira delas trata da ressurreição; a segunda, do tempo da religião cristã; a terceira, da diferença de sacrifícios; a quarta, sobre o que está escrito: “Com a mesma medida com que medis sereis medidos”;^[109] a quinta, do Filho de Deus segundo Salomão; a sexta, do profeta Jonas.

Na segunda questão, o que afirmei: “A salvação desta religião pela qual é prometida a salvação verdadeira e digna de crédito, a ninguém que dela se tornou digno veio a faltar, e a quem faltou não foi digno”,^[110] disse-o no sentido de que, se alguém for digno, não o será por seus méritos, mas como diz o Apóstolo: “Dependendo não das obras, mas daquele que chama – foi-lhe dito: ‘O maior servirá ao menor’”;^[111] vocação que ele afirma estar ligada ao desígnio de Deus. Por isso diz: “Não em virtude de nossas obras, mas em virtude de seu próprio desígnio e graça”.^[112] Pelo que, diz também: “E nós sabemos que Deus coopera em tudo para o bem daqueles que o amam, daqueles que são chamados segundo o seu desígnio”.^[113] Sobre esta vocação, ele afirma: “Para que o nosso Deus vos faça dignos de sua vocação”.^[114]

Este livro, depois da carta que foi juntada mais tarde ao princípio, começa assim: *Movet quosdam, et requirunt* [Impressionam a alguns e perguntam].

32. *Explicação da carta de São Tiago*^[115]

doze livros

Entre meus opúsculos, encontrei um que trata da explicação da carta de São Tiago, ao qual, ao fazer-lhe a retratação, percebi que se trata mais de anotações de algumas passagens da mesma explicadas e recolhidas pelo zelo dos irmãos, os quais não quiseram que ficassem nas capas de um manuscrito. Têm algum proveito; apenas que, para a mesma carta que líamos quando ditei essas anotações, não dispúnhamos de uma cópia bem traduzida do grego.

Este livro começa assim: *Duodecim tribubus quae sunt in dispoersione, salutem* [Às doze tribos que estão na diáspora, saudação].

33. *O castigo e o perdão dos pecados e o batismo das crianças*^[116]

A Marcelino

três livros

Surgiu também uma necessidade que me obrigaria a escrever contra a nova heresia pelagiana. Contra ela, atuávamos não por meio de escritos, mas de sermões e conferências, como cada um de nós podia ou devia. Tendo-me sido enviadas de Cartago essas questões que deveria resolver por escrito, escrevi primeiramente três livros que trazem o título *O castigo e o perdão dos pecados*, onde se disserta principalmente sobre o batismo das crianças, devido ao pecado original, e sobre a graça de Deus pela qual somos justificados,^[117] ou seja, tornamo-nos justos, embora ninguém nesta vida observe de tal modo os preceitos da justiça que não lhe seja necessário dizer, orando pelos seus pecados: “E perdoa-nos as nossas dívidas”.^[118] Pensando contra todas essas verdades, eles fundaram a nova heresia.

Mas considerei que devia calar nestes livros os seus nomes, esperando que assim os podia corrigir mais facilmente. Mesmo assim, no terceiro livro, que é uma carta, mas inserida nos livros devidos, com os quais julguei que deveria estar junto,^[119] mencionei sem nenhum elogio o nome do próprio Pelágio. Pois sua vida era elogiada por muitos, e refutei dele o que não consignou pessoalmente em seus escritos, mas expus o que diziam outros, o que, já herege, defendeu com a mais obstinada animosidade. Mas seu discípulo Cecílio já merecera excomunhão em Cartago, devido a tais afirmações, num tribunal episcopal, do qual não participei.

No segundo livro, eu disse numa passagem: “No fim, isto será concedido a alguns de modo a não sentirem a morte repentina devido à sua transformação”,^[120] dando lugar a uma investigação mais cuidadosa sobre esse assunto. Pois não morrerão,^[121] ou, passando num abrir e fechar de olhos desta vida para a morte ou da morte para a vida eterna, não sentirão a morte pela deusas rápida transformação (cf. 1Cor 15,51-52).

Esta obra começa assim: *Quamvis in mediis et magnis curarum aestibus* [Embora em meio aos médios e grandes fluxos dos cuidados].

34. *O único batismo*

Réplica a Petiliano

A Constâncio

livro único

Nesse tempo, um amigo meu recebeu de um presbítero donatista um livro sobre *O único batismo*, o qual indicava que o havia escrito Petiliano, bispo donatista de Constantina. Meu amigo trouxe-me o livro e pediu-me encarecidamente que lhe desse uma resposta, e assim o fiz. Mas quis que meu livro tivesse o mesmo título, ou seja, *O único batismo*.

O que afirmei neste livro: “Tendo comprovado que o imperador Constantino não negou o turno de acusação aos donatistas que acusavam a Félix de Aptonga, ordenante de Ceciliano”,^[122] tendo estudado depois a ordem dos acontecimentos, descobri que foi de outro modo. Com efeito, o imperador antes mencionado fez com que a causa de Félix fosse ouvida pelo procônsul, onde, conforme se lê, foi absolvido; declarou inocente a Ceciliano, a quem ouviu junto com seus acusadores, ocasião em que descobriu que eles tinham sido caluniadores nos crimes contra ele. Esta ordem cronológica declarada pelos cônsules convence com mais força sobre as calúnias dos donatistas nessa causa, e as destrói, como demonstramos em outra passagem.^[123]

Este livro começa assim: *Respondere adversa sentientibus* [Responder aos que pensam o contrário].

35. *Os maximianistas contra os donatistas*^[124]

livro único

Escrevi também um livro, entre outros escritos, contra os donatistas, não tão curto como o de antes, mas longo e com mais cuidado. Neste livro se percebe como somente a causa dos maximianistas destrói até aos alicerces o erro ímpio, fruto da mais deslavada soberba contra a Igreja católica, pois esse cisma originou-se da própria seita de Donato.

Este livro começa assim: *Multa iam diximus, multa iam scripsimus* [Já dissemos muitas coisas, já escrevemos muitas coisas].

36. *A graça do Novo Testamento*

A Honorato

livro único

Naquele mesmo tempo em que lutávamos com todas as nossas forças contra os donatistas e já começávamos a combater os pelagianos, um amigo enviou-me de Cartago cinco questões e pediu-me que as explicasse por escrito. São estas as questões: “O que significa aquele clamor do Senhor: ‘Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?’”^[125] E o que significa o que diz o Apóstolo: “Que Cristo habite pela fé em vossos corações e que sejais arraigados e fundados no amor. Assim tereis condições para compreender com todos os santos qual é a largura e o comprimento, a altura e a profundidade?”^[126] “E quem são as cinco virgens insensatas e quem são as prudentes?”^[127] “E o que são as trevas exteriores?”^[128] “E como se há de interpretar: ‘E o Verbo se fez carne?’”^[129] Mas eu, tendo em vista a referida heresia, nova inimiga da graça, deliberei comigo tratar de uma sexta questão, a Graça do Novo Testamento.

Discorrendo sobre ela, ao mesmo tempo que explicava o Salmo 22, em cujo princípio está escrita a exclamação do Senhor na cruz,^[130] que aquele amigo me apresentou em primeiro lugar para ser explicada, resolvi todas as cinco questões não na ordem em que foram apresentadas, mas adaptando-as à minha dissertação sobre a graça do Novo Testamento, como se obedecesse à ordem em que estavam.

Este livro começa assim: *Quinque mihi proposuisti tractandas quaestiones* [Apresentaste-me cinco questões para serem tratadas].

37. *O espírito e a letra*^[131]

A Marcelino

livro único

Aquele a quem havia escrito três livros, cujo título é *O castigo e o perdão dos pecados*, onde discorri com diligência sobre o batismo das crianças, voltou a escrever-me afirmando que estranhara ter eu dito ser possível que uma pessoa poderia estar sem pecado, ajudada pelo auxílio divino, se não lhe faltar a vontade, embora não tenha existido, nem exista, nem existirá nesta vida alguém com justiça tão perfeita, de cuja existência não há exemplos. Devido a essa pergunta, escrevi um livro que leva o título *O espírito e a letra*, discorrendo sobre a sentença apostólica, onde diz: “A letra mata, mas o Espírito comunica a vida”.^[132]

Neste livro, na medida em que Deus ajudou, discorri com veemência contra os inimigos da graça de Deus, pela qual o ímpio se torna justo. Mas, ao tratar das observâncias dos judeus que se abstêm de alguns alimentos de acordo com a Lei antiga, eu disse: “Cerimônias de alguns alimentos”;^[133] nomenclatura que não é de uso das santas Escrituras. Contudo, pareceu-me apropriada porque eu guardava na memória que as cerimônias são assim denominadas devido ao verbo *carecer*, como se assim fossem as cerimônias, pois os que as observam carecem desses alimentos dos quais se abstêm. Se é outra a procedência dessa palavra, a que vai afastar os homens da verdadeira religião, não falei nesse sentido, mas de acordo com o que acima mencionei.

Este livro começa assim: *Lectis opusculis quae ad te nuper elaboravi, fili carissime Marcelline* [Depois de leres os opúsculos que compus para ti, caríssimo filho Marcelino].

38. *A fé e as obras*^[134]

livro único

Nesse íterim, foram-me enviadas por alguns irmãos – na verdade leigos, mas estudiosos das palavras divinas – alguns escritos que falavam da separação entre as boas obras e a fé cristã, de tal maneira que exortavam não ser possível alcançar a vida eterna com aquelas sem esta, mas ser possível com esta sem aquelas. Respondendo-lhes, escrevi um livro que tem o título *A fé e as obras*. Em seu conteúdo, discorri não somente como deviam viver os regenerados pela graça de Deus, mas também quem devia ser admitido ao banho da regeneração.

Este livro começa assim: *Quibusdam videtur* [Alguns são de parecer].

39. *Resumo do debate com os donatistas*

três livros

Depois que se realizou nosso debate com os donatistas, recordei em resumo o que aconteceu e o reuni em três livros de acordo com os três dias nos quais debatemos com eles. Considerei útil esta obra para que qualquer pessoa advertida ou possa conhecer sem esforço, ou, consultados os números anotados em cada assunto, possa ler nas mesmas atas no ponto em que quiser, pois cansam o leitor com sua demasiada prolixidade. Mas o título da obra é: *Resumo do debate*.

Esta obra começa assim: *Cum catholici episcopi et partes Donati* [Quando os bispos católicos e os da seita de Donato].

40. *Depois do debate com os donatistas*

livro único

Escrevi também um livro bastante extenso, assim penso, com muita diligência, dirigido aos próprios donatistas, depois do debate que sustentamos com seus bispos, com o propósito de se prevenir contra seus atrativos. Nele respondo também a algumas fanfarronadas, por parte deles, que chegaram até nós, das quais, uma vez vencidos, se jactavam onde podiam e como podiam, além do que disse sobre as atas do debate, de onde se pode tomar conhecimento, em resumo, do que ali aconteceu. Mas fui muito mais sucinto na carta que também lhes foi dirigida. Mas essa carta não está entre as escritas por mim, porque, no concílio da Numídia, assim aprovou a todos os que ali estávamos. Pois assim começa: “Silvano, o velho, Velentim, Inocência Maximino, Optato, Agostinho, Donato e os demais presentes no concílio de Cirte, aos donatistas”.

Este livro começa assim: *Quid adhuc, Donatistae, seducimini?* [Por que ainda sois seduzidos, ó donatistas?].

41. *A visão de Deus*

livro único

Escrevi um livro sobre *A visão de Deus* no qual adiei uma investigação mais cuidadosa sobre o corpo espiritual que existirá na ressurreição dos santos; dissertei sobre como Deus, que é espírito,^[135] pode ser visto por um corpo espiritual. Mas depois expliquei melhor, assim penso, essa questão deveras difícil no último, ou seja, no vigésimo segundo livro de *A cidade de Deus*.^[136] Encontrei também num manuscrito nosso, no qual está também este livro, umas instruções sobre este assunto dirigidas a Fortunato, bispo de Sicca, as quais não figuram no catálogo de meus opúsculos nem entre os livros, nem entre as cartas.

Esse livro começa assim: *Memor debiti* [Lembrado da dívida]. Mas as primeiras palavras daquele são: *Sicut praesens rogavi* [Assim como pessoalmente pedi].

42. *A natureza e a graça*^[137]

livro único

Nessa ocasião, também chegou às minhas mãos um livro de Pelágio, onde defende com os argumentos que lhe foram possíveis a natureza humana contra a graça de Deus pela qual o ímpio se torna justo,^[138] e pela qual somos cristãos. Denominei *A natureza e a graça* a este livro com o qual lhe respondi, defendendo a graça não contra a natureza, mas a graça pela qual a natureza se liberta e se governa. Nele, de tal modo defendi umas palavras que Pelágio consignou, como se fossem de Xisto, bispo de Roma e mártir;^[139] mas depois li que se tratava do filósofo Xisto, não do Xisto cristão.

Este começa assim: *Librum quem misistis* [O livro que enviastes].

43. *A cidade de Deus*

vinte e dois livros

1 Nesse ínterim, Roma foi arrasada pela invasão dos godos, comandados por Alarico, e pela violência de uma grande calamidade. Os adoradores dos falsos e muitos deuses, que denominamos pelo nome mais vulgar de pagãos, empenhando-se em atribuir o fato à religião cristã, começaram a blasfemar violenta e rancorosamente contra o Deus verdadeiro. Por isso, inflamado pelo zelo pela casa de Deus,^[140] decidi escrever os livros de *A cidade de Deus* contra suas blasfêmias e erros. Fiquei entregue à elaboração dessa obra durante alguns anos, pois outras muitas questões apareciam, as quais não convinha adiar, e reclamavam que fossem resolvidas antes. Finalmente, essa obra extensa de vinte e dois livros ficou terminada. Os cinco primeiros livros refutam aqueles que desejam de tal modo a prosperidade nos bens terrenos que pensam ser necessário o culto aos muitos deuses que os pagãos adoravam por costume; e, porque esse culto é proibido, empenham-se em dizer que, por isso, se originaram e abundam esses males. Mas os cinco seguintes falam contra aqueles que confessam que jamais deixaram de existir esses males, nem faltarão aos mortais, e que esses males são ora grandes, ora pequenos e são variados de acordo com os tempos e lugares; afirmam que o culto aos muitos deuses, pelo qual lhes oferecem sacrifícios, é útil devido à vida que haverá depois da morte. Portanto, nestes dez livros, refutam-se essas duas fúteis opiniões contrárias à fé cristã.

2 Mas para que ninguém nos criticasse por combatermos as coisas alheias e não falarmos sobre as nossas, isto o faz a segunda parte desta obra que contém doze livros. Ainda que, quando é necessário, também nos primeiros dez livros dissertamos sobre o nosso, e nos doze seguintes refutamos o que nos é contrário. Portanto, os primeiros quatro livros dos doze seguintes abrangem a origem das duas cidades, das quais uma é de Deus, a outra, deste mundo. Os quatro seguintes dos doze falam de seu progresso e desenvolvimento. Os outros quatro dos doze, que são também os últimos, tratam dos fins que lhe são devidos. Assim, todos os vinte e dois livros, tendo sido escritos sobre ambas as cidades, contudo, receberam o título da cidade melhor, de modo a se denominarem *A cidade de Deus*.

No décimo livro não devia registrar como um milagre, no sacrifício de Abraão, que uma chama baixada do céu percorreu as vítimas esquartejadas,^[141] porque isso lhe foi mostrado em visão.^[142] No décimo sétimo livro, o que foi dito sobre Samuel: “Não era dos filhos de Aarão”,^[143] deveria ter dito melhor: “Não era filho de sacerdote”. Com efeito, era costume, de acordo com a Lei, os filhos dos sacerdotes sucederem aos sacerdotes falecidos, pois entre os filhos de Aarão encontrava-se o pai de Samuel,^[144] mas não foi sacerdote, nem figura entre os filhos de modo a ser gerado por Aarão, mas como todos os daquele povo são chamados filhos de Israel.

Esta obra começa assim: *Gloriosissimam civitatem Dei* [A gloriosíssima cidade de Deus].

44. *Contra os priscilianistas e os origenistas*

A Orósio

livro único

No intervalo dessas obras, respondi com a brevidade e clareza que me foram possíveis ao presbítero espanhol Orósio, sobre os priscilianistas e algumas opiniões de Orígenes reprovadas pela fé católica. Este opúsculo traz o título: *A Orósio, contra os priscilianistas e os origenistas*.

Este livro começa assim: *Respondere tibi quaerenti, dilectissime fili Orosi* [Responder a ti que interrogas, ó diletíssimo filho Orósio].

45. *A origem da alma e Uma sentença do apóstolo Tiago*

Ao presbítero Jerônimo

dois livros

Escrevi também dois livros ao presbítero Jerônimo, residente em Belém; um sobre *A origem da alma*, o outro sobre a sentença de Tiago, onde diz: “Aquele que guarda, em geral, todos os mandamentos da Lei, mas desobedece a um deles, torna-se culpado da transgressão da Lei inteira”,^[145] consultando-o sobre as duas questões. No primeiro, não resolvi a questão que eu mesmo lhe apresentei; no segundo, não me calei sobre como a resolvi de acordo com minha opinião, mas consultei se ele estaria de acordo. Ele respondeu por escrito elogiando a própria consulta, mas disse não ter tempo para responder à consulta. Enquanto ele esteve vivo, não quis publicar estes livros, esperando que um dia respondesse, e, então, pudessem ser publicados com sua resposta. Contudo, depois que ele faleceu, publiquei o primeiro com a finalidade de que aquele que o ler seja advertido ou a não investigar apenas como se infunde a alma nos que nascem, ou admitir com certeza, sobre assunto tão obscuro, uma solução a esta questão que não seja contrária aos ensinamentos claríssimos que a fé católica sustenta sobre o pecado original nas crianças, sem dúvida dignas de condenação, se não forem regeneradas em Cristo. Com relação ao outro, para que seja conhecida a solução da questão, da qual se trata ali, mesmo a que tenha sido de acordo com nossa opinião.

Esta obra começa assim: *Deum nostrum qui nos vocavit* [Ao nosso Deus que nos chamou].

46. *A Emérito, bispo donatista*^[146]

livro único

Pouco tempo depois do debate, escrevi um livro a Emérito, bispo dos donatistas, que parecia defender com entusiasmo sua causa no referido debate que sustentamos contra eles. Trata-se de um livro bastante útil porque contém com agradável brevidade os argumentos com que são vencidos ou se mostram ter sido vencidos.

Este livro começa assim: *Si vel nunc, frater Emerite.*

47. *Atas do processo de Pelágio*

livro único

Na mesma época, no Oriente, ou seja, na Síria Palestinense, Pelágio, levado por alguns irmãos católicos a um tribunal episcopal, estando ausentes os que prepararam o libelo de acusação, porque não puderam estar presentes no dia do sínodo, foi ouvido por catorze bispos, que declararam católico aquele que negava os próprios dogmas que eram lidos contra ele pelo libelo, e eram contrários à graça de Cristo. Mas, tendo chegado às nossas mãos as mesmas atas, escrevi um livro, baseando-me nelas, a fim de que, tendo sido ele como que absolvido, não se pensasse que os juízes haviam aprovado também os mesmos dogmas que ele; se não os houvesse negado, de forma alguma teria saído senão como condenado por eles.

Este livro começa assim: *Posteaquam in manus nostras* [Depois que às nossas mãos].

48. *A correção dos donatistas*

livro único

Na mesma época escrevia também um livro sobre *A correção dos donatistas*^[147] devido àqueles que queriam mudar de atitude por força das leis imperiais.

Este livro começa assim: *Laudo, et gratulor, et admiror* [Louvo e congratulo-me e admiro].

49. *A presença de Deus*

A Dárdano

livro único

Escrevi um livro sobre *A presença de Deus* no qual nossa atenção está vigilante principalmente contra a heresia pelagiana, sem mencioná-la expressamente. Mas também disserto cuidadosa e sutilmente sobre a presença da natureza, que chamamos Deus sumo e verdadeiro, e sobre seu templo.

Este livro começa assim *Fateor mie, frater dilectissime Dárdane* [Confesso que eu, Dárdano, irmão diletíssimo].

50. *A graça de Cristo e o pecado original*^[148]

Contra Pelágio e Celéstio

A Albina, Piniano e Melânia

dois livros

Depois que a heresia pelagiana, com seus autores, foi convencida de seu erro e condenada pelos bispos da Igreja romana, primeiramente Inocêncio, depois Zózimo, com a cooperação das cartas dos concílios africanos, escrevi dois livros contra eles, um sobre *A graça de Cristo*, o outro sobre *O pecado original*.

Esta obra começa assim: *Quantum de vestra corporali et maxime spirituali salutem gaudeamus* [Quanto nos alegamos por estardes bem de saúde corporal e espiritual].

51. *Atas do debate com o donatista Emérito*

livro único

Algum tempo depois do debate que mantivemos com os hereges donatistas, surgiu a necessidade de me dirigir a Maurítânia de Cesareia. Ali, na própria Cesareia, vimos Emérito, bispo donatista, ou seja, um dos sete que eles delegaram para a defesa de sua causa, e que havia dado de si o máximo na referida causa. As atas eclesiásticas, que se encontram entre meus opúsculos, atestam o que tratamos com eles, estando presentes os bispos da mesma província e o povo na igreja cesariense, de cuja cidade foi morador e bispo dos referidos hereges. No debate, não tendo o que responder, ouviu, como se fosse mudo, toda minha conferência que proferi em seus ouvidos e nos de todos os presentes, apenas a respeito dos maximianistas.

Este livro começa assim: *Gloriosissimis imperatoribus Honorio duodecimo et Theodosio octavo consulibus, duodecimo kalendas octobres Caesareae in ecclesia maiore* [Sendo imperadores os gloriosíssimos cônsules Honório XII e Teodósio VIII, em 20 de setembro em Cesareia, na igreja principal].

52. *Réplica ao sermão dos arianos*

livro único

Nesse ínterim, veio às minhas mãos um sermão dos arianos sem o nome de seu autor. Respondi, com a brevidade e rapidez que me foram possíveis, àquele que me enviara, juntando o próprio sermão no começo da minha resposta e numerando cada um dos pontos, com os quais, uma vez tidos em conta, poder-se-ia perceber facilmente o que respondi a cada um dos tópicos.

Esse livro, depois do sermão dos arianos transcrito no princípio, começa assim: *Eorum praecedenti disputationi, hac disputatione respondeo* [Respondo com esta dissertação à dissertação deles que antecede].

53. *O matrimônio e a concupiscência*

Ao conde Valério

dois livros

Escrevi dois livros ao ilustre varão conde Valério, ao ter ouvido que os pelagianos lhe escreveram não sei o que a meu respeito, ou seja, que reprovamos o casamento ao defender o pecado original; estes livros têm o título *O casamento e a concupiscência*. Pois nós defendemos a bondade do casamento para que não se pense ser um vício seu a concupiscência da carne e a lei dos membros que contraria a lei do espírito; [149] desse mal da libido a castidade conjugal faz bom uso para a procriação de filhos.

Mas para que fossem dois livros o primeiro chegou às mãos do pelagiano Juliano, que escreveu contra ele quatro livros, dos quais destacou algumas coisas e enviou ao conde Valério, e este as enviou a nós. Tendo-os recebido, respondi a esses pontos em outro livro. [150]

O primeiro livro desta obra começa com estas palavras: *Haeretici novi, dilectissimi fili Valeri* [Do novo herege, muito amado filho Valério]. Mas o segundo, com estas: *Inter militiae tuae curas* [Entre os cuidados de tua administração].

54. Expressões

sete livros

Compus sete livros sobre sete livros das divinas Escrituras, ou seja, cinco de Moisés, um de Josué Nune e outro dos juízes, anotando as expressões de cada um deles que são menos habituais em nossa língua, as quais, os que as leem, prestando pouca atenção, procuram um sentido das palavras divinas, e, no entanto, são expressões próprias de determinado gênero literário; e algumas vezes extraem algo que na verdade não é contra a verdade, mas se vê que o autor, que as escreveu, não pensou assim, mas, com mais probabilidade, disse aquilo em determinado gênero literário. Com efeito, muitas passagens obscuras nas santas Escrituras ficam esclarecidas, tendo em conta o gênero literário. Por isso, é preciso conhecer esses modos de expressar que esclarecem as sentenças, para que também o próprio conhecimento ajude onde são obscuras e as abra à compreensão do leitor.

O título desta obra é *Expressões do Gênesis e dos demais livros*. Mas com respeito ao primeiro livro^[151] registrei ter sido escrito: “Noé assim fez; tudo o que o Senhor ordenara, ele o fez”,^[152] e disse que essa expressão é semelhante à da criação das criaturas, depois que se diz: “E assim o fez”, acrescenta-se: “Deus fez”;^[153] isso não me parece semelhante àquelas palavras. Ou seja, ali está oculto também o sentido; aqui é apenas uma expressão.

Esta obra começa assim: *Locutiones Scripturarum* [As expressões das Escrituras].

55. Questões

sete livros

1 Na mesma época escrevi também livros de questões sobre os mesmos sete livros, que assim os nomeei porque os assuntos sobre os quais ali disserto apresentei mais para serem investigados do que para resolver o investigado, embora me pareça que muitas coisas foram de tal modo tratadas que podem ser consideradas, não sem razão, resolvidas e explicadas. Começáramos também a examinar do mesmo modo o livro dos Reis; mas, não tendo avançado muito, dirigimos nossa atenção para outras coisas mais urgentes. Mas no primeiro livro, onde se fala das varas de diversas cores que Jacó colocava na água a fim de que, no momento do acasalamento, as ovelhas as vissem, ao beberem, e parissem crias de várias cores,^[154] não explicamos bem o motivo pelo qual não as colocava novamente, ou seja, ao conceberem outras crias, mas apenas no primeiro acasalamento.^[155]

Na verdade, a exposição da segunda questão,^[156] onde se investiga por que Jacó disse a seu sogro: “E dez vezes mudaste meu salário”,^[157] explicado com brevidade, demonstrei que esta não foi resolvida, como devia solucionar.

2 Também no terceiro livro, quando se trata do sumo sacerdote,^[158] quando gerava os filhos, como lhe era preciso entrar duas vezes ao dia no Santo dos Santos, onde estava o altar do incenso, para oferecer incenso de manhã e à tarde,^[159] onde, conforme diz a Lei, não podia entrar impuro,^[160] e a mesma Lei diz que o homem se torna impuro pela relação conjugal e manda que seja lavado com água, mas, uma vez lavado, se considera impuro até a tarde,^[161] pelo qual eu disse: “A consequência era que ou fosse continente, ou interrompesse o incenso por alguns dias”, não vi que não era uma consequência. Pois o que está escrito: “E ficará impuro até a tarde”, pode-se entender de tal modo que, durante a tarde, já não seria impuro, mas até a mesma e, assim, no tempo vespertino poderia oferecer incenso já puro, se, com o fim de procriar filhos, tivesse tido relação com a esposa depois do incenso da manhã.

E do mesmo modo, quando se investigou como o sumo sacerdote estava proibido de estar presente no funeral de seu pai,^[162] não sendo lícito tornar-se sacerdote [se era um apenas], senão depois da morte do pai sacerdote, eu disse: “Por isso foi necessário que, ainda não sepultado o pai logo depois de sua morte, fosse constituído sacerdote o filho dele que o sucederia, devido também à continuidade do incenso, que devia ser oferecido duas vezes ao dia”,^[163] a esse sacerdote era proibido entrar logo depois da morte do pai ainda insepulto. Mas não prestei atenção que isso podia ser ordenado mais devido àqueles que seriam sumos sacerdotes, não sucedendo aos pais sumos sacerdotes, mas eram dos filhos, ou seja, dos descendentes de Aarão, se por acaso o sumo sacerdote ou não tivesse filhos, ou os tivesse de tal modo indignos que nenhum deles deveria suceder ao pai. Assim aconteceu com Samuel, que sucedeu ao sumo sacerdote Heli,^[164] não sendo ele filho de sacerdote, mas era dos filhos, ou seja, dos descendentes de Aarão.

3 A respeito do ladrão a quem foi dito: “Hoje estarás comigo no Paraíso”,^[165] eu consignei como certo que não foi batizado de modo visível; no entanto, é incerto, e se há de crer mais que tenha sido batizado, como depois dissertei em outro lugar.^[166]

Da mesma forma, o que eu disse no quarto livro, onde se mencionam as mães nas gerações evangélicas: “Que não são mencionadas a não ser com pais”,^[167] é verdade, realmente, mas não diz respeito ao assunto de que se tratava. Tratava-se daqueles que se casavam com as esposas dos irmãos ou parentes, daqueles que faleciam sem ter filhos; e se tratou do assunto devido aos dois pais de José, dos quais um é mencionado por Mateus, o outro, por Lucas. Dissertei com diligência nesta obra sobre esta questão, quando fazíamos a retratação da obra contra o maniqueu Fausto.

Esta obra começa assim: *Cum Scripturas sanctas, quae appellantur Canonicae* [Quando... as santas Escrituras que denominamos canônicas].

56. *A alma e sua origem*

quatro livros

Na mesma época, um tal Vicente Víctor encontrou, na Mauritânia cesariense, na casa de um presbítero espanhol chamado Pedro, alguns opúsculos meus nos quais, numa passagem em que falo sobre a origem das almas de cada um dos homens, confessei não saber se procedia daquela única do primeiro homem, que em seguida se propagaria por meio dos pais, ou se, como àquele único, cada alma é concedida a cada um sem nenhuma propagação; no entanto, sabia que alma não é um corpo, mas espírito. Contra essas minhas afirmações, Víctor escreveu dois livros ao mesmo Pedro, os quais o monge Renato me enviou de Cesareia. Depois de os ter lido, devolvi-lhe quatro com minha resposta: um para o monge Renato, outro para o presbítero Pedro e dois para o próprio Víctor. Mas o livro enviado a Pedro, ainda que seja extenso, é, contudo, uma carta que não quis que ficasse separada dos outros três. Mas, em todos eles, dissertei sobre muitas coisas necessárias, defendi minha dificuldade a respeito da origem das almas que são concedidas a cada um dos homens, e mostrei os muitos erros e a perversidade de sua presunção. Tratei com a maior mansidão que me foi possível esse jovem que não podia apresentar como alguém que merecia ser evitado, mas alguém que ainda precisava ser ensinado; e recebi dele uma resposta, na qual ele se corrigia.

O livro desta obra dirigido a Renato começa assim: *Sinceritatem tuam erga nos* [Tua sinceridade para conosco]. Mas o dirigido a Pedro, assim: *Domino dilectissimo fratri, et compresbytero Petro* [Ao muito amado senhor irmão e copresbítero Pedro]. Mas o primeiro dos dois dirigidos a Vicente Víctor começa assim: *Quod mihi ad scribendum putavi* [O que pensei em escrever-te].

57. *Os matrimônios adúlteros*

A Polêncio

dois livros

Escrevi dois livros sobre *Os matrimônios adúlteros*, desejando resolver essa difícil questão, baseando-me, enquanto possível, nas santas Escrituras. Não sei se o fiz de modo claro; pelo contrário, percebo que não cheguei à perfeição nesse assunto, embora tenha aberto muitos de seus pontos ocultos, o qual poderá julgar todo aquele que as ler procurando compreender.

O primeiro livro desta obra começa assim: *Prima quaestio est, frater dilectissime Pollenti* [A primeira questão é, caríssimo irmão Polêncio]. Mas o segundo, assim: *Ad ea quae mihi scripseras* [As questões sobre as quais me tinhas escrito].

58. *Réplica a um adversário da Lei e dos profetas*

dois livros

Nesse íterim, como em Cartago, na praça junto ao mar, perante muitos que acorriam e ouviam atentamente, se estava lendo um livro de um herege, ou marcionista ou de alguns desses que, em seu erro, pensam que Deus não fez este mundo e que o Deus da Lei, que foi dada a Moisés,^[168] e dos profetas, que pertenciam à mesma Lei, não é o Deus verdadeiro, mas um péssimo *demon*, foram até ele irmãos fervorosamente cristãos; e me enviaram imediatamente o livro para ser refutado, pedindo-me encarecidamente que não adiasse a resposta. Refutei-o em dois livros, aos quais dei o título: *Réplica a um adversário da Lei e dos profetas*, porque o manuscrito que me foi enviado não tinha o nome do autor.

Esta obra começa assim: *Libro quem misistis, fratres dilectissimi* [Ao livro que me enviastes, caríssimos irmãos].

59. *Réplica a Gaudêncio, bispo donatista*

dois livros

Na mesma ocasião, o tribuno e notário Dulcício era aqui na África o executor das ordenações imperiais decretadas contra os donatistas. Ele enviou uma carta a Gaudêncio de Timgad, bispo dos donatistas, um dos sete que haviam escolhido como seus defensores em nosso debate, exortando-o à unidade católica e dissuadindo-o do incêndio com que ameaçava dar fim a si mesmo e aos seus junto com a própria igreja em que estava; acrescentando ainda que, se se consideravam justos, fugissem de acordo com o preceito do Cristo Senhor^[169] em vez de se deixarem queimar com um fogo sacrílego. Gaudêncio, em resposta, escreveu duas cartas: uma curta, devido à pressa do portador, como afirmou, a outra, longa, respondendo mais completa e cuidadosamente. O referido tribuno considerou que me devia enviar as cartas para refutá-las, e refutei as duas num livro. Tendo o livro chegado às mãos do mesmo Gaudêncio, escreveu em resposta o que lhe pareceu contra mim, respondendo sem apresentar razões, mas declarando que não podia nem responder, nem calar-se mais. Mesmo que isso possa estar claro para os que leiam atentamente e confirmam nossas palavras com as suas, contudo, não quis que ficasse sem escrever tudo o que aconteceu. Daí a razão de serem dois os nossos livros dirigidos a ele.

Esta obra começa assim: *Gaudentius, Donatistarum Tumugadensis episcopus* [Gaudêncio, bispo donatista de Timgad].

60. *Contra a mentira*^[170]

livro único

Nessa ocasião também escrevi um livro contra a mentira, tendo como motivo o que pareceu a alguns católicos, ou seja, que deviam fingir ser priscilianistas, a fim de poder penetrar em seus esconderijos e, assim, investigá-los como hereges, pois julgam dever ocultar sua heresia não somente negando e mentindo,^[171] mas também fazendo perjúrios.^[172] Proibindo que assim procedessem, compus este livro.

Esta obra começa assim: *Multa mihi legenda misisti* [Enviaste-me muitas coisas para serem lidas].

61. Réplica a duas cartas dos pelagianos

quatro livros

Vêm em sequência os quatro livros que eu escrevi a Bonifácio, bispo da Igreja romana, contra duas cartas dos pelagianos, porque, como tivessem chegado às suas mãos, ele as enviara a mim, ao encontrar nelas meu nome citado caluniosamente.

Esta obra começa assim: *Noveram te quidem, fama celeberrima praedicante* [Conhecia-te certamente pela prévia fama de muita celebridade].

62. Réplica a Juliano

seis livros

Nesse ínterim, vieram também às nossas mãos quatro livros do pelagiano Juliano, os quais mencionei acima. Nesses livros encontrei aquelas afirmações que havia extraído deles e as enviara ao conde Valério, não tudo exatamente como foram ditas por Juliano, escritas ao referido conde, mas algumas tinham sido um pouco modificadas. Por isso, escrevi seis livros contra aqueles quatro; os dois primeiros dos meus, com testemunhos dos santos que defenderam a fé católica depois dos apóstolos, refutam o descaramento de Juliano, que pensou argumentar contra nós apresentando como dogmas dos maniqueus o fato de dizermos que contraímos de Adão o pecado original, do qual se liberta pelo banho da regeneração não só nos adultos, mas também nas crianças. Pelo contrário, mostrei, na última parte do primeiro livro, quanto o próprio Juliano favorece os maniqueus com algumas sentenças. Com relação aos outros quatro livros, respondem aos dele um por um.

Mas, no quarto volume desta obra, tão extensa e tão trabalhada, onde mencionei que um marido deforme costumava apresentar à sua esposa, no momento da união carnal, uma linda pintura, para não lhe dar filhos disformes,^[173] registrei como quase certo o nome do homem que assim procedia, embora seja incerto, pois falhou-me a memória. Mas Sorano, autor de medicina, escreveu que o rei de Chipre costumava fazer isso, mas não mencionou seu nome próprio.

Esta obra começa assim: *Contumelias et verba maledica, Iuliane* [Tuas injúrias e palavras maldizentes, ó Juliano].

63. *A fé, a esperança e caridade*^[174]

A Lourenço

livro único

Escrevi um livro sobre *A fé, a esperança e a caridade* porque aquele a quem o escrevi fez-me esse pedido de algum opúsculo meu estar sempre em suas mãos; os gregos denominam *enchiridion* a esse gênero literário. Parece-me que nele resumi com muita diligência como se deve honrar a Deus, o que a divina Escritura define como sabedoria de veras verdadeira.^[175]

Este livro começa assim: *Dici non potest, dilectissime fili Laurenti, quantum tua eruditione delecter* [Não há palavras capazes de expressar, muito amado filho Lourenço, quanto estou encantado com tua erudição].

64. *O cuidado devido aos mortos*^[176]

livro único

Escrevi um livro sobre o cuidado devido aos mortos, ao ser interrogado se é de proveito a alguém, após a morte, ter seu corpo sepultado junto ao sepulcro de algum santo.

Este livro começa assim: *Diu sanctitati tuae, coepiscopo venerande Pauline* [Venerável Paulino, irmão no episcopado, há muito tempo... a Vossa Santidade].

65. *Oito questões de Dulcício*

livro único

O livro que intitulei *Oito questões de Dulcício* não deveria ser mencionado entre meus livros, pelo fato de ter sido elaborado com dissertações escritas por mim em outros livros; talvez se possa encontrar nele alguma discussão intercalada por mim e que tenha respondido a algumas dessas questões, não me baseando em algum opúsculo escrito por mim, mas de acordo com o que me ocorreu no momento.

Este livro começa assim: *Quantum mihi videtur, dilectissime fili Dulciti* [Pelo que me parece, ó muito amado filho].

66. *A graça e o livre-arbítrio*

A Valentim e seus monges

livro único

Escrevi um livro intitulado *A graça e o livre-arbítrio*, considerando aqueles que, quando se defende a graça de Deus, pensando que se nega o livre-arbítrio, de tal modo defendem o livre-arbítrio que chegam a negar a graça de Deus, afirmando que essa graça nos é outorgada de acordo com nossos merecimentos.^[177] Escrevi-o aos monges de Hadrumeto, em cujo mosteiro começara a surgir uma discussão sobre esse assunto, de tal modo que alguns se consideraram obrigados a me consultar.

Este livro começa assim: *Propter eos qui hominis liberum arbitrium* [Devido àqueles que (defendem) o livre-arbítrio do homem].

67. *A correção e a graça*^[178]

A Valentim e seus monges

livro único

Escrevi para os mesmos monges outro livro que intitulei *A correção e a graça*, pelo fato de terem comunicado que alguém dali afirmou não ser necessário corrigir a alguém, se não cumpre os preceitos de Deus, mas apenas orar por ele para que os cumpra.

Este livro começa assim: *Lectis litteris vestris, Valentine frater dilectissime* [Tendo lido sua carta, ó muito amado irmão Valentim].

Epílogo

Recordo-me de ter ditado estas noventa e três obras com duzentos e trinta e dois livros, ao fazer a retratação sobre eles, não sabendo se ainda ditarei outros. Publiquei a retratação deles em dois livros, por solicitação dos irmãos, antes de haver começado a proceder à retratação das cartas e sermões ao povo, uns ditados, outros proferidos por mim.

Coleção PATRÍSTICA

1. *Padres Apostólicos*, Clemente Romano; Inácio de Antioquia; Policarpo de Esmirna; O pastor de Hermas; Carta de Barnabé; Pápias; Didaqué
2. *Padres Apologistas*, Carta a Diogneto; Aristides; Taciano; Atenágoras; Teófilo; Hérmiás
3. *I e II Apologias e Diálogo com Trifão*, Justino de Roma
4. *Contra as heresias*, Irineu de Lião
5. *Explicação do símbolo (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência*, Ambrósio de Milão
6. *Sermões*, Leão Magno
7. *Trindade (A)*, Santo Agostinho
8. *Livre-arbítrio (O)*, Santo Agostinho
- 9/1. *Comentário aos Salmos (Salmos 1-50)*, Santo Agostinho
- 9/2. *Comentário aos Salmos (Salmos 51-100)*, Santo Agostinho
- 9/3. *Comentário aos Salmos (Salmos 101-150)*, Santo Agostinho
10. *Confissões*, Santo Agostinho
11. *Solilóquios – Vida feliz (A)*, Santo Agostinho
12. *Graça I (A)*, Santo Agostinho
13. *Graça II (A)*, Santo Agostinho
14. *Homilia sobre Lucas 12 – Homilias sobre a origem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo*, Basílio de Cesareia
15. *História eclesiástica*, Eusébio de Cesareia
16. *Dos bens do matrimônio – Santa virgindade (A) – Dos bens da viuvez – Cartas a Proba e a Juliana*, Santo Agostinho
17. *Doutrina cristã (A)*, Santo Agostinho
18. *Contra os pagãos – Encarnação do Verbo (A) – Apologia ao imperador – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de Santo Antão*, Santo Atanásio
19. *Verdadeira religião (A) – Cuidado devido aos mortos (O)*, Santo Agostinho
20. *Contra Celso*, Orígenes
21. *Comentários ao Gênesis*, Santo Agostinho
22. *Tratado sobre a Santíssima Trindade*, Santo Hilário de Poitiers
23. *Da incompreensibilidade de Deus – Da providência de Deus – Cartas a Olímpia*, São João Crisóstomo
24. *Contra os Acadêmicos – Ordem (A) – Grandeza da Alma (A) – Mestre (O)*, Santo Agostinho
25. *Explicação de algumas proposições da carta aos Romanos – Explicação da carta aos Gálatas – Explicação incoada da carta aos Romanos*, Santo Agostinho
26. *Examerão – Seis dias da criação (Os)*, Santo Ambrósio
- 27/1. *Comentário às cartas de São Paulo – Homilias sobre a Epístola aos Romanos – Comentários sobre a Epístola aos Gálatas – Homilias sobre a Epístola aos Efésios*, São João Crisóstomo
- 27/2. *Comentário às cartas de São Paulo – Homilias sobre a Primeira carta aos Coríntios – Homilia sobre a Segunda carta aos Coríntios*, São João Crisóstomo
- 27/3. *Comentário às cartas de São Paulo – Homilias sobre as cartas: Primeira e Segunda de Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus*, São João Crisóstomo
28. *Regra Pastoral*, Gregório Magno
29. *Criação do homem (A) – Alma e a ressurreição (A) – Grande catequese (A)*, Gregório de Nissa
30. *Tratado sobre os princípios*, Orígenes
31. *Apologia contra os livros de Rufino*, São Jerônimo
32. *Fé e o símbolo (A) – Primeira catequese aos não cristãos – Continência (A) – Disciplina cristã (A)*, Santo Agostinho
33. *Demonstração da pregação apostólica*, Irineu de Lyon
34. *Homilias sobre o Evangelho de Lucas*, Orígenes
- 35/1. *Obras Completas I*, Cipriano de Cartago
36. *O Sermão da Montanha e Escritos Sobre a Fé*, Santo Agostinho
37. *A Trindade, Escritos éticos, Cartas*, Novaciano
38. *Homilias e Comentário ao Cântico dos Cânticos*, Orígenes

39. *Mentira (A) - Contra a mentira*, Santo Agostinho
40. *Natureza do bem (A) – Castigo e o perdão dos pecados (O) – Batismo das crianças (O)*, Santo Agostinho
41. *Simpliciano (A) – Réplica à carta de Parmeniano*, Santo Agostinho
42. *Tratado sobre o batismo*, Santo Agostinho
43. *Retratações*, Santo Agostinho

Título original
Retractationum libri duo
Tradução e notas: Fr. Agostinho Belmonte, OAR (†)
Textos bíblicos conforme a tradução da Bíblia de Jerusalém.
Introdução: Heres Drian de O. Freitas
Direção editorial:
Claudiano Avelino dos Santos
Coordenação editorial:
Heres Drian de Oliveira Freitas
Coordenação de revisão:
Tiago José Risi Leme
Capa:
Marcelo Campanhã
Coordenação de desenvolvimento digital:
Rodrigo Moura
Desenvolvimento digital:
Daniela Kovacs
Publicação EPUB:
PAULUS
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430
Retratações [livro eletrônico] / Santo Agostinho; tradução e notas de Agostinho Belmonte. - São Paulo: Paulus, 2020.
1,2 Mb (Coleção Patrística)
Título original: *Retractationum libri duo*
ISBN 978-85-349-5133-3 (e-book)
1. Teologia - Igreja primitiva - Obras anteriores a 1800 2. História eclesiástica - Igreja primitiva, ca. 30-600 3. Vida cristã - Cristianismo - Obras anteriores a 1800 I. Título II. Belmonte, Agostinho III. Série
20-1012 CDD 270

Índices para catálogo sistemático:
1. Teologia - Igreja primitiva - História
1ª edição, 2020 (e-book)

© PAULUS – 2020
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br
[\[Facebook\]](#) • [\[Twitter\]](#) • [\[Youtube\]](#) • [\[Instagram\]](#)

Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções: paulus.com.br/cadastro



NOTAS

INTRODUÇÃO

[1] A. von HARNACK, “Die *Retraktationen* Augustins”, em *Sitzungsberichte der Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften* 2 (1905) 1096-1131. Essa introdução depende, basicamente, das obras indicadas nas notas 1-4, além das introduções às edições das *Retraktationen* contantes na bibliografia do artigo citado na n. 4.

[2] J. de GHELLINCK, “*Retraktations* de St. Augustin. Examen de conscience de l’écrivain”, em *Patristique et moyen âge. Études d’histoire littéraire et doctrinale*, Gembloux/Bruxelles: Duculot/Éditions Universitaires, vol. 3 (*Compléments à l’étude de la Patristique*), 1948, p. 348.

[3] G. BARDY, “Introduction”, em BA 12, 1950, p. 7-256, p. 248-249.

[4] A. FITZGERALD, “Retraktationes”, em AAT, p. 848-849, p. 848.

[5] Cf. *retr.* 1, prol. 1-3. Veja-se também *ep.* 143,2.

[6] Cf. *retr.* 1, prol. 2.

[7] Cf. *retr.* 1, prol. 3. Embora Agostinho se proponha a dispor cronologicamente suas obras, para conhecimento do leitor, essa ordem é problemática em certos pontos (cf. G. MADEC, “Introduzione Generale”, em NBA 2, 1994, p. XCIX-CV), e pode ora dizer respeito à composição de uma obra, ora a sua publicação. É preciso considerar, particularmente, o fato de ele ter interrompido a composição de algumas obras em favor de outras ou de outros trabalhos (cf., por exemplo, *retr.* 26) e de haver obras cuja elaboração requeria mais tempo (*De trinitate* e *De civitate Dei* levam mais de quinze anos para serem concluídos); outras vezes, Agostinho trabalhava em duas obras ao mesmo tempo (cf. *ep.* 224,2: Quodvultdeus encomendava a Agostinho o *De haeresibus*, enquanto o Bispo de Hipona trabalhava tanto em suas *Retraktationes* quanto na resposta a Juliano de Eclano).

[8] Cf. *retr.* 1, prol. 1.

[9] Cf. *ep.* 143,2. Período que coincide com as invocações pelagianas de escritos agostinianos precedentes, como o *De libero arbitrio*, em favor das próprias teses; teses nas quais Agostinho já não acreditava. O pelagianismo bem pode, por isso, ter sido a motivação externa para a obra. A informação sobre o pedido dos irmãos (*retr.* 2, epil.) não se refere – evidentemente – a motivação para a composição da obra, mas para a publicação dos dois livros já prontos, ainda que cartas e sermões não tivessem sido ainda revistos (cf. nota seguinte).

[10] O Hiponense pretendia fazer a recensão não só dos livros, mas também das cartas e sermões (cf. *retr.* 1, prol. 1). Chegou a reler muitas cartas, sem, porém, escrever a seu respeito (cf. *ep.* 224,2).

[11] Cf. *retr.* 2, epil.

[12] Cf. *retr.* 1, prol. 1. Veja-se também *ep.* 224,2.

[13] Cf. *ep.* 143,2.4.

[14] Cf. A. FITZGERALD, *art. cit.*, p. 849.

PRÓLOGO

[1] 1Cor 11,31.

[2] Pr 10,19.

[3] Mt 12,36.

[4] Tg 1,19.

[5] Tg 3,1-2.

[6] Cf. Mt 23,8.

[7] Cf. 1Cor 1,10.

[8] Cf. Jo 8,44.

LIVRO 1

[1] Coleção Patrística, vol. 24.

[2] *Acad.* 1,1. As obras cujos títulos não são indicados – onde há somente números –, nessas notas são aquelas das quais Santo Agostinho faz a recensão. Embora a numeração de livros e parágrafos das obras citadas seja conforme o *Corpus Augustinianum Gissense*, a numeração dos capítulos das *retr.*, neste volume, segue a edição dos Maurinos, reproduzida na Patrologia Latina. As abreviações das obras do Bispo de Hipona seguem o “Quadro das obras de Agostinho”, em AAT, p. 38-54.

[3] 1,3.

[4] 1,3.

[5] 1,3.

[6] Cf. Tb 2,10; Sl 12,4; Ef 1,18.

[7] 1,5.

[8] 1,5.

[9] Cf. 1Pd 4,6.

[10] 1,11.

[11] 2,7.

[12] 2,22.

[13] Ecl 12,7.

[14] Cf. Rm 9,11.

[15] Cf. Gn 2,7.

[16] Cf. Gn 2,7.

[17] 3,27.

[18] 3,35; cf. Mt 5,34.

[19] Cf. 3,40.

[20] Cf. 3,20,45.

[21] Coleção Patrística, vol. 11.

[22] Cf. *b. vita* 6; 17; 23.

[23] Cf. 35.

[24] 5ss.

[25] 5ss.

[26] 25.

[27] Cf. 1Cor 13,12.

[28] Coleção Patrística, vol. 24.

[29] *ord.* 2,27; 1,31; 2,51.

[30] 1,3.

[31] 1,8; 2,14; cf. *retr.* 1,2.

[32] 1,15; 2,39.

[33] 1,6.

[34] 1,8; cf. Mt 8,10.

[35] Jo 18,36.

[36] Mt 6,10.

- [37] 2,52.
- [38] Cf. Jo 9,30-31.
- [39] 2,53.
- [40] Coleção Patrística, vol. 11.
- [41] *sol.* 1,2.
- [42] 1,3.
- [43] Cf. Ap 21,1.
- [44] *retr.* 1,1,2.
- [45] 1,4.
- [46] Jo 10,30.
- [47] 1,14.
- [48] Cf. 1Cor 13,12.
- [49] 1,23.
- [50] Jo 14,6.
- [51] Sl 25,4.
- [52] 1,24.
- [53] Cf. Ap 21,1.
- [54] 2,35.
- [55] Cf. Jo 1,9-10.
- [56] *trin.* 12,24.
- [57] *imm. an.* 1.
- [58] 5.
- [59] 1.
- [60] 11.
- [61] Is 59,2.
- [62] 22.
- [63] 15,24.
- [64] Não consta na edição crítica do *Corpus Christianorum Series Latina*, vol. 57.
- [65] *mor.* 1,14; Sl 44,23; Rm 8,36.
- [66] 1,29.
- [67] Sb 8,7, segundo a LXX.
- [68] Cf. 1,27.
- [69] Eclo 1,2.
- [70] 1,39.
- [71] 1,47.
- [72] Cf. 1Cor 13,12.
- [73] Cf. 2Cor 5,7.
- [74] 1,53.
- [75] 1,64.
- [76] 1,30; Dt 4,24; Hb 12,29.

- [77] Cf. Tt 3,5.
[78] Ef 5,25-27.
[79] Mt 6,12.
[80] 2,9.
[81] 2,63.
[82] Coleção Patrística, vol. 24.
[83] Cf. *an. quant.* 1.
[84] 34.
[85] *retr.* 1, 4, 4.
[86] 55.
[87] Lc 15,18, Vulgata.
[88] 55.
[89] Coleção Patrística, vol. 8.
[90] Cf. *lib. arb.* 1,4.35; 3,46.65.
[91] Cf. Pr 8,35, LXX.
[92] 1,1.
[93] 1,26.
[94] 1,28.
[95] 1,29.
[96] 1,30.
[97] 1,34.
[98] 2,2.
[99] 2,47.
[100] 3,2.
[101] 3,7.
[102] Cf. Fl 2,13.
[103] 3,46.
[104] 3,49.
[105] 3,50.
[106] Cf. Rm 6,17.
[107] Cf. Rm 11,6.
[108] 2,50.
[109] 2,54.
[110] 1Tm 1,13.
[111] Sl 24,7 – tradução direta.
[112] 3,50-51.
[113] 3,52.
[114] Cf. Rm 7,24.
[115] Cf. 2,54; 3,50.
[116] Cf. 3,58.64.

[117] Coleção Patrística, vol. 21.
[118] Gn 1,1.
[119] Cf. Gn 2,2.
[120] Gn 2,4.
[121] Cf. Gn 3,23-24.
[122] *Gn. adv. Man.* 1,6.
[123] Pr 8,35, LXX.
[124] Gn 1,28.
[125] 1,30.
[126] Cf. Gn 1,29-30.
[127] 1,31.
[128] 1,40.
[129] Cf. Gn 2,5.
[130] Eclo 10,9.
[131] 1Cor 15,45.
[132] Gn 2,7.
[133] 2,10.
[134] 2,43.
[135] Cf. Mt 5,12.
[136] Cf. Rm 5,12.
[137] Ef 2,3.
[138] *retr.* 1,6.
[139] Cf. Rm 1,20.
[140] Cf. Rm 1,17.
[141] *mus.* 6,1; cf. 1Tm 2,5.
[142] 6,7; cf. Eclo 7,26.
[143] 6,13.
[144] 6,43.
[145] Cf. *retr.* 1,5,3.
[146] 6,58; cf. Mt 10,30.
[147] Coleção Patrística, vol. 24.
[148] Mt 23,10.
[149] Coleção Patrística, vol. 19.
[150] *vera rel.* 18.
[151] Cf. Jo 10,25.
[152] Cf. Rm 1,25.21.
[153] 19.
[154] 19.
[155] Cf. At 11,26.
[156] 20.

[157] 25.
[158] Cf. 1Cor 15,44-45.
[159] 27.
[160] *retr.* 1,9,5.
[161] Cf. Gl 5,17.
[162] Cf. Rm 6,20.
[163] Cf. Gl 3,27.
[164] Cf. Pr 8,35, LXX.
[165] 31.
[166] Cf. Mt 21,12; Jo 2,14-15.
[167] Cf. Lc 4,31-37.
[168] 46.
[169] 1Cor 15,14.
[170] 47.
[171] Cf. At 19,6.
[172] Cf. At 5,15-16.
[173] Rm 13,1.
[174] 78.
[175] 88.
[176] *retr.* 1,10,2.
[177] Cf. Ap 6,11.
[178] Cf. Rm 8,29-30.
[179] 111.
[180] 9.
[181] 2Cor 3,6.
[182] 25.
[183] 1Cor 13,12.
[184] Cf. Sb 9,15.
[185] Cf. Rm 8,23.
[186] Cf. Sl 15,9.
[187] 25.
[188] 27.
[189] 3,71.
[190] 34.
[191] 36.
[192] *duab. an.* 1.
[193] 12.
[194] Rm 7,20.
[195] Rm 7,18.
[196] Cf. Rm 5,12.

[197] 9.
[198] 14.
[199] Cf. Gn 3,1-3.
[200] 15.
[201] Cf. Jo 8,36.
[202] 17.
[203] Cf. Rm 5,12.
[204] Ef 2,3.
[205] 17.
[206] 17.
[207] 20.
[208] Jo 40,14.
[209] Sl 104,26.
[210] 20.
[211] Cf. Lc 19,10.
[212] 24.
[213] 13.
[214] 21.
[215] 15.
[216] 22.
[217] Cf. Mt 22,37-40.
[218] Coleção Patrística, vol. 32.
[219] 23.
[220] 1Cor 15,50.
[221] Cf. Rm 8,12.
[222] 1Cor 15,50.
[223] Coleção Patrística, vol. 21.
[224] 16,60.
[225] Gn 1,26.
[226] Cf. Gn 1,26-31.
[227] Coleção Patrística, vol. 36.
[228] Mt 5,9.
[229] *s. dom. m.* 1,11.
[230] Cf. Rm 7,23.
[231] Mt 5,9.
[232] 1,12.
[233] Cf. Rm 7,23.
[234] 1Cor 15,55.
[235] Jo 3,34.
[236] Cf. 2Rs 2,9.

[237] Mt 5,18.
[238] 1,20.
[239] Mt 6,12.
[240] Mt 5,19-20.
[241] Mt 23,3.
[242] Mt 5,22.
[243] 1,41.
[244] Cf. Mt 5,44.
[245] Cf. Lc 14,26.
[246] Cf. Mt 5,32; citado em 1,91.
[247] Sl 72,27, Vulgata.
[248] Cf. 1Cor 6,15.
[249] Mt 6,12.
[250] Cf. Sl 72,27.
[251] Pr 18,22, Vulgata.
[252] Jo 8,11.
[253] 1Jo 5,16.
[254] 1,73.
[255] 2,20; 2Tm 4,1.
[256] Cf. 1Tm 2,5.
[257] 2,48.
[258] Sl 74,23.
[259] Mt 6,34.
[260] 2,56.
[261] 2,66.
[262] Ef 5,27.
[263] Cf. Cl 3,4.
[264] Mt 7,7.
[265] Mt 7,11.
[266] Obra perdida.
[267] Mt 16,18.16.
[268] Mt 18.
[269] 1Cor 10,4.
[270] Sb 1,13.
[271] Eclo 11,14.
[272] *c. Adim.* 4.
[273] Mt 5,21.
[274] Cf. Ex 19,3-6.
[275] Cf. Gl 4,22-31.
[276] Cf. Dt 6,5; Lv 19,18.

- [277] Cf. Mt 22,40.
[278] 5.
[279] Cf. Mt 23,15.
[280] Cf. Rm 14,15.
[281] Cf. Jo 8,37.
[282] Cf. 1Cor 4,14.
[283] Cf. Gl 3,7; 4,28.
[284] 12.
[285] Cf. 1Cor 15,54.
[286] Cf. Lc 24,39.
[287] Mt 12,33.
[288] Jo 1,12.
[289] Pr 8,35, LXX.
[290] Cf. Rm 11,22-24.
[291] Coleção Patrística, vol. 25.
[292] Rm 7,14.
[293] Cf. Rm 6,14.
[294] Rm 7,14.
[295] *exp. prop. Rm.* 41-46.
[296] Cf. Rm 5,5.
[297] Cf. 1Cor 15,54.
[298] Cf. Rm 6,14.
[299] Cf. *retr.* 1,23,1.
[300] Cf. Rm 9,11-12.
[301] Rm 9,13; Mt 1,2-3.
[302] 60.
[303] Rm 11,5.
[304] 1Cor 11,6.
[305] 61.
[306] Ef 6,23.
[307] 61; cf. Rm 5,5.
[308] Cf. Pr 8,35, LXX.
[309] Cf. Rm 9,16.
[310] Cf. Rm 8,28.
[311] Cf. Rm 9,18.
[312] 62.
[313] 1Cor 7,25.
[314] 64.
[315] Coleção Patrística, vol. 25.
[316] Gl 1,11.

[317] Cf. 1Tm 2,5.
[318] Cf. At 1,11.
[319] *exp. Gal.* 3.
[320] Gl 3,19.
[321] 47.
[322] Gl 5,17-18.
[323] Cf. Rm 6,14.
[324] Idem.
[325] Coleção Patrística, vol. 25.
[326] Rm 1,7.
[327] Cf. Mt 12,32.
[328] Mt 22,40: cf. 7,12.
[329] Sb 1,15.
[330] Eclo 11,14.
[331] 1Cor 3,16.
[332] Ef 5,29.
[333] Cf. Ef 28.
[334] Cf. Gl 3,23.
[335] Cf. Gl 5,6.
[336] *civ.* 22,29.
[337] Cf. Gn 1,26.
[338] Cf. Cl 1,15.
[339] Cf. Gn 1,26.
[340] 1Cor 11,7.
[341] Gn 6,6.
[342] Sl 73,28.
[343] Ct 6,8.
[344] Mt 24,36.
[345] Cf. Mt 14,15-21; Jo 6,3-13.
[346] Cf. 1Sm 10,1; Ex 30,30.
[347] Cf. 1Rs 19,16; Is 61,1.
[348] Cf. Lc 3,31.
[349] Cf. 2Sm 5,14.
[350] Cf. Jo 4,1-2.
[351] Lc 23,43.
[352] Rm 7,1.
[353] Rm 8,11.
[354] Rm 7,14.
[355] Rm 7,24.
[356] Rm 8,10.

- [357] Rm 8,18-24.
- [358] Rm 12,2.
- [359] 2Cor 3,18.
- [360] Sl 39,7.
- [361] Rm 9,20.
- [362] Cf. Pr 8,35, LXX.
- [363] Jr 7,15.
- [364] Ml 1,2-3.
- [365] 1Cor 15,28.
- [366] 1Cor 15,54-56.
- [367] Gl 6,2.
- [368] Gl 1,14-15.
- [369] Tg 2,20.
- [370] Hb 12,6.
- [371] Mt 5,12.
- [372] Coleção Patrística, vol. 39.

LIVRO 2

- [1] Coleção Patrística, vol. 41.
- [2] Rm 7,7-25.
- [3] Cf. Gl 5,17.
- [4] *Simpl.* 1,1,9; cf. Rm 6,14.
- [5] Cf. Rm 9,10-29.
- [6] 1Cor 4,7.
- [7] 1Sm 10,10.
- [8] 1Sm 16,14.
- [9] 2,1.
- [10] Pr 8,35, LXX.
- [11] 1Sm 15,11.
- [12] Cf. 1Sm 28,7-20.
- [13] 2Sm 7,18.
- [14] 1Rs 17,20.
- [15] 1Cor 15,50.53.
- [16] *agon.* 34.
- [17] Coleção Patrística, vol. 17.
- [18] Cf. Lc 13,21; em *doctr. chr.* 3,35.
- [19] 2,13.
- [20] 2,13.
- [21] Cf. Gl 4,24.
- [22] *doctr. chr.* 2,43.

- [23] Obra perdida.
- [24] Coleção Patrística, vol. 10.
- [25] Cf. Gn 1,1-2,2.
- [26] *conf.* 4,11.
- [27] 13,47; cf. Gn 1,7.
- [28] Sl 145,3.
- [29] Cf. *c. Faust.* 22.
- [30] Cf. Mt 1,16; Lc 3,23.
- [31] Cf. Mt 1,16; em 3,3.
- [32] Cf. Dt 25,5-6.
- [33] Cf. Mt 1,16.
- [34] Cf. Lc 3,23.
- [35] 12,23; 13,10.
- [36] Cf. Gn 9,25; em 14,12.
- [37] Jó 38,8, LXX.
- [38] 29,4.
- [39] Cf. 1Cor 12,23.
- [40] Cf. Rm 7,23.
- [41] Jo 8,36.
- [42] Coleção Patrística, vol. 40.
- [43] Obra perdida.
- [44] *qu. ev.* 1,27.
- [45] Cf. Mt 20,17-19.
- [46] 2,5.
- [47] Cf. Lc 1,27.
- [48] Cf. Dt 25,5-6; Mt 22,24.
- [49] Jo 1,3, LXX.
- [50] Coleção Patrística, vol. 32.
- [51] Cf. Ap 12,9.
- [52] *cat. rud.* 30.
- [53] Coleção Patrística, vol. 7.
- [54] *trin.* 11,9.
- [55] 11,17.
- [56] Cf. Lv 11,20-23.
- [57] 12,15.
- [58] 1Cor 6,18.
- [59] *cons. ev.* 1,21.
- [60] Cf. *civ.* 16,3.
- [61] Cf. Mt 1,16; Lc 3,23.
- [62] 2,5.

- [63] Cf. Dt 25,5.
- [64] Cf. Lc 3,31.
- [65] 2,12; cf. 2Sm 12,1-13.
- [66] Coleção Patrística, vol. 41.
- [67] 1Cor 5,13.
- [68] *c. ep. Parm.* 3,2.
- [69] Coleção Patrística, vol. 39.
- [70] *bapt.* 1,26; 3,23; 4,5; 7,19.
- [71] Ef 5,27.
- [72] Cf. Ef 5,27.
- [73] Mt 6,12.
- [74] 4,29.
- [75] Cf. Lc 23,43.
- [76] 7,99.
- [77] 2Tm 2,20.
- [78] Obra perdida.
- [79] Pr 9,18, LXX.
- [80] *inq. Ian.* 1,4.
- [81] Cf. Sb 16,20-21.
- [82] Cf. Nm 11,4-6.
- [83] Cf. 1Ts 4,11.
- [84] Cf. Mt 6,26.
- [85] Coleção Patrística, vol. 16.
- [86] Cf. Gn 17,15-16.
- [87] Cf. Dn 13.
- [88] Cf. Lc 2,36-37.
- [89] *b. coniug.* 18.
- [90] 31; cf. Gn 22,1-10.
- [91] Cf. Hb 11,17-19.
- [92] Coleção Patrística, vol. 16.
- [93] Coleção Patrística, vol. 21.
- [94] Cf. Gn 3,24.
- [95] *Gn. litt.* 5,19,38.
- [96] Gl 3,19.
- [97] Cf. Cl 3,10; em 6,27,28.
- [98] 12,33.
- [99] Obra perdida.
- [100] Jd 19.
- [101] Cf. 1Cor 2,14.
- [102] Cf. 1Cor 3,1-2.

- [103] Lc 15,32.
[104] Obra perdida.
[105] Cf. Mt 13,24-25.
[106] Cf. Mt 13,39-41.
[107] Obra perdida.
[108] *divin. daem.* 59.
[109] Mt 7,2.
[110] *qu. c. pag.* 15.
[111] Rm 9,12.
[112] 2Tm 1,9.
[113] Rm 8,28.
[114] 2Ts 1,11.
[115] Obra perdida.
[116] Coleção Patrística, vol. 40.
[117] Cf. Tt 3,10.
[118] Mt 6,12.
[119] *pecc. mer.* 3,5.
[120] 2,50.
[121] Cf. 1Ts 4,17.
[122] *un. bapt.* 28.
[123] *retr.* 2,27.
[124] Obra perdida.
[125] Sl 22,1; Mt 27,46.
[126] Ef 3,17-18.
[127] Cf. Mt 25,1-12.
[128] Cf. Mt 22,13.
[129] Jo 1,14.
[130] Cf. Sl 22,3.
[131] Coleção Patrística, vol. 12.
[132] 2Cor 3,6.
[133] *spir. et litt.* 36.
[134] Coleção Patrística, vol. 36.
[135] Cf. Jo 4,24.
[136] *civ.* 22,29.
[137] Coleção Patrística, vol. 12.
[138] Cf. Rm 4,5.
[139] *nat. et gr.* 77.
[140] Cf. Sl 69,10.
[141] *civ.* 10,8; cf. Gn 15,9-17.
[142] Cf. Gn 15,17.

- [143] 17,5.
[144] Cf. 1Cr 6.
[145] Tg 2,10.
[146] Obra perdida.
[147] *ep.* 185, a Bonifácio.
[148] Coleção Patrística, vol. 12.
[149] Cf. Rm 7,23.
[150] *nupt. et conc.* 2,2.
[151] *loc.* 1,18; cf. Nm 18.
[152] Gn 6,22.
[153] Gn 1,15-16.
[154] *qu.* 1,93.
[155] Cf. Gn 30,37.
[156] 1,95.
[157] Gn 31,41.
[158] 3,82.85.
[159] Cf. Ex 30,7-8.
[160] Cf. Lv 22,3.
[161] Cf. Lv 15,16.
[162] Cf. Lv 21,11.
[163] 3,83.
[164] Cf. 1Sm 1,3.
[165] Lc 23,43.
[166] 3,84.
[167] 5,46; cf. Mt 1,3.5.6; Lc 3,23.
[168] Cf. Jo 1,17.
[169] Cf. Mt 10,23.
[170] Coleção Patrística, vol. 39.
[171] *c. mend.* 25 e 41.
[172] 18.
[173] *c. Iul.* 5,50.
[174] Coleção Patrística, vol. 36.
[175] Cf. Jó 28,28; em *ench.* 1.
[176] Coleção Patrística, vol. 19.
[177] *gr. et lib. arb.* 10-11.
[178] Coleção Patrística, vol. 13.

Hildegarda de Bingen

Scivias

(Scito Vias Domini)
Conhece os caminhos do Senhor



Scivias

de Bingen, Hildegarda

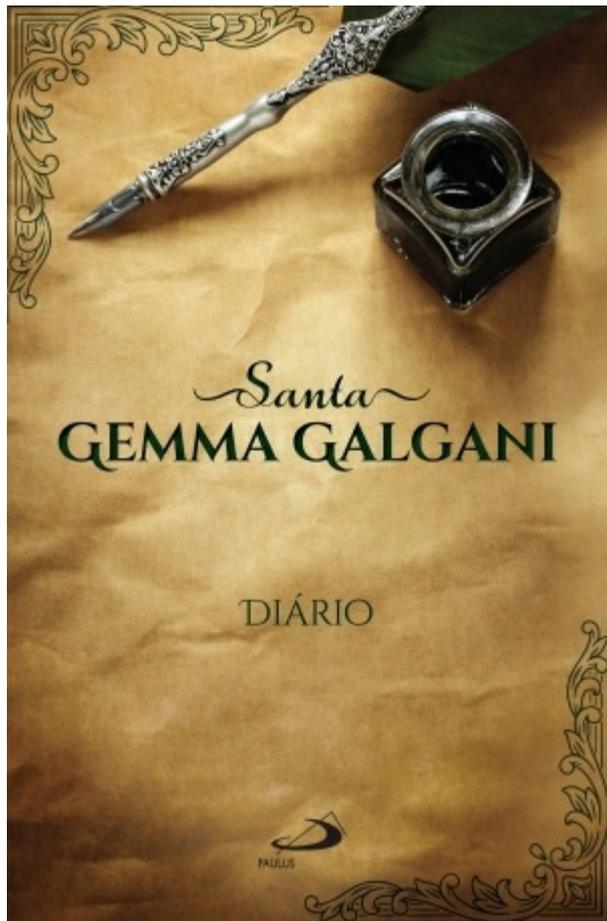
9788534946025

776 páginas

[Compre agora e leia](#)

Scivias, a obra religiosa mais importante da santa e doutora da Igreja Hildegarda de Bingen, compõe-se de vinte e seis visões, que são primeiramente escritas de maneira literal, tal como ela as teve, sendo, a seguir, explicadas exegeticamente. Alguns dos tópicos presentes nas visões são a caridade de Cristo, a natureza do universo, o reino de Deus, a queda do ser humano, a santificação e o fim do mundo. Ênfase especial é dada aos sacramentos do matrimônio e da eucaristia, em resposta à heresia cátara. Como grupo, as visões formam uma summa teológica da doutrina cristã. No final de Scivias, encontram-se hinos de louvor e uma peça curta, provavelmente um rascunho primitivo de Ordo virtutum, a primeira obra de moral conhecida. Hildegarda é notável por ser capaz de unir "visão com doutrina, religião com ciência, júbilo carismático com indignação profética, e anseio por ordem social com a busca por justiça social". Este livro é especialmente significativo para historiadores e teólogas feministas. Elucida a vida das mulheres medievais, e é um exemplo impressionante de certa forma especial de espiritualidade cristã.

[Compre agora e leia](#)



Santa Gemma Galgani - Diário

Galgani, Gemma

9788534945714

248 páginas

[Compre agora e leia](#)

Primeiro, ao vê-la, causou-me um pouco de medo; fiz de tudo para me assegurar de que era verdadeiramente a Mãe de Jesus: deu-me sinal para me orientar. Depois de um momento, fiquei toda contente; mas foi tamanha a comoção que me senti muito pequena diante dela, e tamanho o contentamento que não pude pronunciar palavra, senão dizer, repetidamente, o nome de 'Mãe'. [...] Enquanto juntas conversávamos, e me tinha sempre pela mão, deixou-me; eu não queria que fosse, estava quase chorando, e então me disse: 'Minha filha, agora basta; Jesus pede-lhe este sacrifício, por ora convém que a deixe'. A sua palavra deixou-me em paz; repousei tranquilamente: 'Pois bem, o sacrifício foi feito'. Deixou-me. Quem poderia descrever em detalhes quão bela, quão querida é a Mãe celeste? Não, certamente não existe comparação. Quando terei a felicidade de vê-la novamente?

[Compre agora e leia](#)



DOCAT

Youcat, Fundação

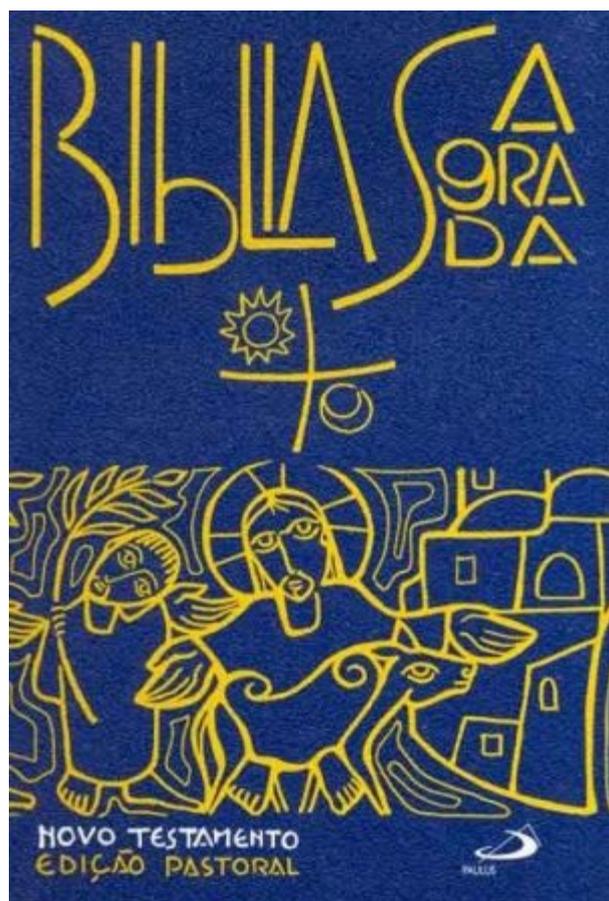
9788534945059

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Dando continuidade ao projeto do YOUCAT, o presente livro apresenta a Doutrina Social da Igreja numa linguagem jovem. Esta obra conta ainda com prefácio do Papa Francisco, que manifesta o sonho de ter um milhão de jovens leitores da Doutrina Social da Igreja, convidando-os a ser Doutrina Social em movimento.

[Compre agora e leia](#)



Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral

Vv.Aa.

9788534945226

576 páginas

[Compre agora e leia](#)

A Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral oferece um texto acessível, principalmente às comunidades de base, círculos bíblicos, catequese e celebrações. Esta edição contém o Novo Testamento, com introdução para cada livro e notas explicativas, a proposta desta edição é renovar a vida cristã à luz da Palavra de Deus.

[Compre agora e leia](#)

LEE MARTIN McDONALD

A origem da Bíblia

Um guia para os perplexos



A origem da Bíblia

McDonald, Lee Martin

9788534936583

264 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este é um grandioso trabalho que oferece respostas e explica os caminhos percorridos pela Bíblia até os dias atuais. Em estilo acessível, o autor descreve como a Bíblia cristã teve seu início, desenvolveu-se e por fim, se fixou. Lee Martin McDonald analisa textos desde a Bíblia hebraica até a literatura patrística.

[Compre agora e leia](#)

Índice

Folha de rosto	2
Apresentação	4
Introdução	6
Prólogo	8
Livro 1	10
Livro 2	69
Coleção	140
Ficha catalográfica	142
Notas	143